



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Bruno Castro Ribeiro*

**Desejo em vertigem: do neoliberalismo à transferência na clínica  
psicanalítica**

**UBERLÂNDIA  
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Bruno Castro Ribeiro*

**Desejo em vertigem: do neoliberalismo à transferência na clínica  
psicanalítica**

Texto de defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

**UBERLÂNDIA  
2021**

Universidade Federal de Uberlândia - Avenida Maranhão, s/nº, Bairro Jardim Umuarama - 38.408-144 - Uberlândia – MG

+55 – 34 – 3218-2701

[pgpsi@fapsi.ufu.br](mailto:pgpsi@fapsi.ufu.br)

<http://www.pgpsi.ufu.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

R484d  
2021      Ribeiro, Bruno Castro, 1990-  
            Desejo em vertigem [recurso eletrônico] : do neoliberalismo à  
            transferência na clínica psicanalítica / Bruno Castro Ribeiro. - 2021.

            Orientador: João Luiz Leitão Paravidini.  
            Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.  
            Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
            Modo de acesso: Internet.  
            Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5310>  
            Inclui bibliografia.

            1. Psicologia. I. Paravidini, João Luiz Leitão, 1961-, (Orient.). II.  
            Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
            Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

---

Glória Aparecida  
Bibliotecária - CRB-6/2047



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 367, PGPSI				
Data:	Dezenove de abril de dois mil e vinte e um	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	11812PSI006				
Nome do Discente:	Bruno Castro Ribeiro				
Título do Trabalho:	Desejo em vertigem: do neoliberalismo à transferência na clínica psicanalítica				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Psicanálise e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Do narcisismo ao mais além do princípio do prazer: sujeito, dor e as figuras da morte				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Anamaria Silva Neves - PGPSI/UFU; Fuad Kyrillos Neto - UFSJ; João Luiz Leitão Paravidini, orientador do candidato. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Fuad Kyrillos Neto participou desde a cidade de Barbacena - MG, o Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, a Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Anamaria Silva Neves e o discente Bruno Castro Ribeiro participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. João Luiz Leitão Paravidini apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Luiz Leitão Paravidini, Coordenador(a) substituto(a)**, em 19/04/2021, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fuad Kyrillos Neto, Usuário Externo**, em 19/04/2021, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Silva Neves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/04/2021, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2701281** e o código CRC **C9C5DA10**.

*Para Dante e para o meu filho: pulsão de vida.*

## AGRADECIMENTOS

Chegar nesse novo final e pensar nas pessoas que atravessaram esse trabalho, direta e indiretamente, é uma sensação indescritível. Essa sensação de gratidão me toma de uma forma saborosa, principalmente quando percebo a quantidade de “entidades físicas” que existiram nesse processo. Quantos “irmãos das almas” não fizeram parte desse processo?

Não posso negar a centralidade da ajuda dos meus pais, o apoio sempre presente, e a confiança de poder trilhar meus caminhos por meio do amparo de vocês tanto emocional, como financeiro e intelectual. Por acreditarem em mim. Minha extrema gratidão a vocês por me ajudarem a avançar com meu desejo de alguma coisa, com a pesquisa sobre “o suicídio” que não foi exatamente o suicídio...

Ao meu irmão, a gratidão pelas conversas sempre interessantes e profundas. A gratidão por me dizer do seu jeito que eu, de alguma forma, importo, mesmo sem saber como ou porque. À minha irmã e ao meu cunhado, a gratidão por me vincular ao pequeno que nasceu em meio a tantas adversidades dentro da minha cachola. À minha irmã, não posso deixar de esquecer os inúmeros livros que me presenteou e a confiança por me conceber como alguém diferente.

À minha companheira, agradeço pelos momentos de companhia, incentivo, pelos momentos em que estudarmos juntos ouvindo música e fazendo algumas piadinhas *non sense*. Pelas conversas sobre psicanálise e pelos tantos filmes que eu assisti sozinho porque você dormiu (rs). Por estar gestando a pessoa que será a mais importante da minha vida. Por me fazer entender o que é ser parceiro nos momentos de dificuldade. Sou imensamente grato à você, Gigi's can, minha mentora.

Ao meu orientador João Luiz, minha enorme gratidão! Às orientações, o bom humor de me ajudar nos meus vacilos, de bancá-los com paciência e direcionar minha escrita. Minha gratidão principalmente por bancar (junto) essa dissertação. À Anamaria minha gratidão por ser a primeira pessoa que me recebeu no Instituto, pelas contribuições na banca de qualificação e pela parceria no projeto de extensão do CESEU. Ao professor Tiago Rocha pela presença na banca de qualificação e contribuições. Ao professor Dr. Fuad Kyrillos, minha gratidão por ter aceitado participar da banca de defesa e pelas contribuições que certamente virão.

Ao meu amigo Gustavo ‘Lugareijo’, os cafés na UFU, as conversas sobre teologia, filosofia e sociologia. Todas essas *logias* regadas a café e uma pitada de pó de canela. A paciência por ouvir e fazer ouvir coisas que não são da sua área. Meu muito obrigado pela amizade. Ao meu amigo Daniel Féo, irmão das almas, mestre das almas e, agora, quase doutor das almas. O grande ensinamento de viver mesmo ante tantos processos turbulentos no momento em que estive em uberlove (como costuma dizer). As conversas e a parceria na compreensão sobre neoliberalismo, Deleuze e Guatarri, e as bebedeiras de convergências de saberes. Sua presença foi primordial no início dessa dissertação. Ao meu amigo Luís Vicente, estudioso de Emmanuel Levinas, pelas conversas, cafés, caronas e pelos incentivos de sempre.

Aos meus amigos feitos no transcorrer da pesquisa. Minha gratidão ao Leozerim Zampieri e ao Brunardo que se tornaram grandes amigos, cujo carinho e cuidado serão sempre lembrados. À Kastiani minha irmã mais nova, das conversas sobre letras, sociedade e psicanálise. À Nath, popoquinha pula-pula, as bebedeiras e o cuidado semanal continente. Ao Zenitim e à Claritinha, duas pessoas que pude me aproximar e conversar sobre as coisas simples e necessárias da vida.

Aos grupos de estudos que tentei pertencer durante a pandemia. Minha gratidão à Lívia, Maria Clara e Kamila pela colhida do pensar e fazer psicanalítico não institucionalizado.

À minha amiga e camarada Isabela Pizzotti pela confiança, ajuda, conversas e apoio no transcorrer da pesquisa. À Luma Oliveira pelo apoio e pelo interesse no caminhar da pesquisa no início do mestrado. Aos outros colegas de mestrado que me ajudaram nas discussões desde o projeto de pesquisa até a confecção da hipótese clínica Desejo em vertigem. Meu muito obrigado: Lucas Romano; Rita de Cássia; Roberta; Bruna; Jaqueline; Sofia e Leidiane. À Karen pelas risadas e pelo compartilhamento dos desesperos.

Minha gratidão ao pessoal da Clínica de Psicologia da UFU! Ao Maltos, um intelectual fera! Você não sabe o quanto era agradável parar na sua sala e conversar sobre nossas leituras. Ao Wesley, gente boníssima! Pelas conversas mansas e pelo tratamento respeitoso de sempre! Sensacional! Super grato a vocês, meus camaradas!

À minha analista, Rosa Elisa, pela presença no percurso de análise. Ao grupo de supervisão da Layla, pelas transcrições dos atendimentos em palavras, pela atenção e leveza!

Aos meus pacientes completamente ativos no processo de confecção do meu compromisso com a clínica psicológica e psicanalítica. Vocês são centrais e espero conseguir sustentar, na medida do possível, essa centralidade, um a um.

## RESUMO

Essa pesquisa teve como fundamento dois fatores primordiais que mobilizaram a transferência de trabalho: o vislumbre sobre o contemporâneo e os casos clínicos. A tessitura metodológica desse trabalho, amparada no método psicanalítico, visou a instrumentalização da transferência do pesquisador para com o seu objeto de estudo. A princípio, o caminho dissertativo conduziu a preocupações concernentes ao aumento do número de suicídios no Brasil, em que buscava investigar a atualidade e as marcas que o capital impõe às subjetividades. Correlatamente, o suicídio fora tomado como resposta à tirania do grande Outro neoliberal. Além disso, a premência do neoliberalismo e o discurso do capitalista deram sustentação para uma hipótese clínica que versasse sobre a condução do desejo dos sujeitos subjetivados segundo a minimização das perdas e maximização dos ganhos. Foram utilizados autores das ciências sociais e da filosofia, entretantes e principalmente, Bauman, Debord, Jameson, Byung-Chul Han, Dardot e Laval. Procurei fundamentar a noção de grande Outro no contemporâneo através de autores como Lebrun, Melman, Quintela e Dufour. Nessa dinâmica de estruturação do conceito de Outro no contemporâneo, foi utilizada a noção de grande Outro gozador, fundado no discurso do capitalista, portanto, um Outro que nega a falha e faz operar na máxima positividade. Para estruturar a noção de desejo, retornou-se à Freud e à continuidade da teorização psicanalítica do desejo através de Lacan, seguindo a radicalidade negativa do desejo. Frente ao problema do desejo no contemporâneo, o trabalho de Maria Rita Kehl auxiliou a complementar a discussão envolta do desejo do depressivo e sua condição de recuo ou demissão. Além disso, essa pesquisa foi amparada com dois casos clínicos atendidos na Clínica de Psicologia da UFU. Foram utilizadas anotações pós atendimentos, bem como relatos referentes às dificuldades dos casos e às angústias disparadas no decorrer dos atendimentos. Ao entrar em contato com os casos clínicos, o decurso da transferência fez ressaltar uma hipótese que pudesse abordar a morte do desejo ou o desejo de morte enquanto instauração da falta no mecanismo de competição, consumo e desempenho na estruturação do sujeito neoliberal. Mediante a uma parcela de angústia que beirava o insuportável, vivida no campo transferencial, foi operada a formulação de um conceito teórico-clínico: o desejo em vertigem, caracterizado pelo tremeluzir do enodamento desejante. Desse modo, demonstrou-se que, embora o desejo se faça perceber, mesmo que ali se reconheça o enodamento desejante, ele apresenta-se a duras custas, sob a exigência imperativa de nada poder perder.

**Palavras-chave:** Psicanálise, desejo e neoliberalismo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O MÉTODO DA PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>DO SOCIAL NA ANÁLISE À ANÁLISE NO SOCIAL .....</b>	<b>38</b>
3.1	DA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA.....	42
3.2	O OUTRO ESTÁ PARA O SUJEITO E SEU MAL-ESTAR.....	59
3.3	O DESEJO EM QUESTÃO.....	73
<b>4</b>	<b>DER WUNSCH: DESEJO, NEGATIVIDADE E VERTIGEM .....</b>	<b>78</b>
4.1	O DESEJO É NEGATIVO.....	81
4.2	O DESEJO EM VERTIGEM EM FACE AO <i>EXCESSO DE POSITIVIDADE</i> .....	90
<b>5</b>	<b>A ESPECIFICIDADE DO DESEJO EM VERTIGEM NA COMPOSIÇÃO DOS CASOS CLÍNICOS .....</b>	<b>98</b>
5.1	CONTATO IMEDIATO DE QUARTO GRAU:.....	100
5.2	A MORTE, O LUTO E O PAI .....	118
<b>6</b>	<b>O DESEJO EM VERTIGEM E SUA FUNÇÃO CLÍNICA: PROBLEMATIZAÇÕES E POSSÍVEIS INCURSÕES SOBRE A CLÍNICA, O SOCIAL E A METAPSICOLOGIA PSICANALÍTICA.....</b>	<b>131</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Entre uma palavra e outra, junto de pacientes cambaleantes em inventividade para com a vida, notei rigidez em suas identificações, identificações maciças em suas vidas comuns. De algum modo meus pacientes foram me aparecendo fascinados com seus sintomas. O pensamento suicida, a semântica que embala essas vozes dolorosas por passados desconexos, pouco recriados em elaborações, iam, a princípio, retratando relações com o luto, traumas diversos, culpas das quais não se lembravam muito bem da causa, ainda que isso fosse possível. Haja vista, mesmo que tenha havido a denúncia de alguns acontecimentos, o movimento metafórico se desalinava. Essa pequena clínica do mestrado, em profusão e aproximação com pacientes que incorrem em questionar a própria vida, mostrou-me a nódoa de se bancar o desejo, notadamente, fazer frente às demandas de perfeição do Outro.

Entre caminhos tortuosos, conflitos, discussões, racionalizações, a transferência, nesses casos, encaminhava uma qualidade e quantidade de afetos mobilizadores de raiva, desprezo e cuidado excessivo. Crises constantes e falas delirantes, junto de palavras insuficientes para abarcar o que se fez e o que se tem feito na clínica. Aqui percebia uma espécie de forte cisão. Em um dos casos: caos ou ordem, céu ou inferno, demônio ou deus, bem ou mal. Ora uma coisa, ora outra, ora sentado, ora em pé, ora no divã. Alguns detalhes o leitor verá mais à frente. Em outro caso a paciente se colocava à mercê de um corpo que sofre e passível da morte involuntária, aquilo que chamamos pânico, ora às vias de escrever, falar, imaginar e tentar uma aproximação com a morte.

Desse modo, há que se pensar nos dizeres: “quero morrer”, em contraponto com o “dava um ‘tiro’ para não me matar” (o ‘tiro’ refere-se a cheirar uma carreirinha de cocaína). Às vias de encontro, seja com as drogas ou com as crises pânico, aterrissaram no corpo em dores,

dormências, tremores que não cessavam de se inscrever com a ausência da fala e seu contorno simbólico. As repetições mortíferas exigiam de mim um trabalho de aproximação desconfortável. A maior dificuldade se dava pela incapacidade de permanecer sem a insistência da voz. Eu, o pesquisador, demandava palavras: “diga-me o que sentes”. Ao que meus pacientes respondiam: “eu sinto”.

A noção de desejo em vertigem figurada ao longo deste trabalho me aparece, em sua especificidade, na composição dos casos clínicos junto à demanda de análise. Do mesmo modo, do meu lado enquanto pesquisador, só consigo iniciar uma escrita deste trabalho me valendo da extrema dificuldade de permanecer nele, de me valer das angústias mobilizadas pelos meus analisandos. De um lado meu objeto de estudo, do outro minha condição como pesquisador que deve se reencontrar ao longo do tempo para a execução deste trabalho. Ainda mais no contexto pandêmico em que vivo: com declarações terríficas do presidente da república e uma suspeita de uma parte significativa da população brasileira sobre a eficiência da pesquisa e a importância do papel dos pesquisadores.

O Estado em que me encontro, e que se encontra com o estado das coisas, atravessa diretamente minha pesquisa, uma vez que ela também é o pesquisador. Estar às voltas de um suicídio agenciado pelo Estado, ou melhor, de um Estado Suicidário, como foi elaborado por Safatle sobre a tese de Paul Virilio, que bate continência para o início (e meu maior medo é que seja somente o início) de um tempo fundado pelo mito do desencanto e do fundamentalismo religioso. Na realidade, esse trabalho versa, talvez, tanto mais sobre a transferência do pesquisador materializada nos casos de pesquisa, quanto, concomitantemente, aos pacientes e seus sofrimentos nesse trajeto em verbo chamado pesquisar. A própria escrita desponta em termos de uso que se valem da licença poética, do meu recordar do que pode ter sido feito até

entrar no mestrado. Fica impossível para mim não evidenciar primeiro meu desejo enquanto pesquisador e sua insistente característica nomeada como vertigem. Nesse sentido, o incômodo do meu objeto de pesquisa cavou-me em perguntas semelhantes às que Fernando Pessoa, genialmente, conseguiu apresentar em seu poema “tabacaria”<sup>1</sup>: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? / Ser o que penso? Mas penso tanta coisa! / E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!”.

Olhar para a história constituinte desta dissertação envolve três grandes significantes que entremostam o desejo em vertigem: a política, o suicídio e a Psicanálise. Lembro-me de assim que tentava ingressar em uma nova posição de trabalho, rumo a algo que pudesse mobilizar meu desejo, presenciei a queda da Dilma do poder, seu impeachment, o golpe. Antes disso, antes de me formar em psicologia, presenciei uma das maiores movimentações políticas da história do país: junho/julho de 2013. Que coisa é essa que me fazia encantado e desencantado com o país em que vivo? O que acontecia, em termos sociais, com um país que ao mesmo tempo em que pede “Educação padrão Fifa”, exige a “volta dos horrores da ditadura”? Ou, como retratou Christian Dunker<sup>2</sup> sobre o documentário “Democracia em vertigem”: “como a democracia pode produzir o seu exato contrário?”

Há uma condição pendular no desejo que ia da vida à morte. Não é que a vontade de vida desapareceu, ela está aí, mas a própria vontade de viver foi exposta aos seus limites. A denúncia política dos inúmeros esquemas de corrupção - um dos traços da história do povo brasileiro - e a insistência da criminalização dos movimentos sociais, em especial a rede de reação simbólica dos black-blocks em 2013. Ainda me espanto com isso, ainda não me causava o conceito de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/163>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BqXuRlXCsQg>

“afirmação”<sup>3</sup> Nietzscheana para encarar minha brasilidade perversa. O excessivo demandante de uma posição baseada na divisão entre cidadãos de “bens” e cidadãos aquém, também demarcaram uma tipificação da vertigem, uma posição obnubilada, que enxerga, mas não consegue ver, que atrai o olhar, mas é prenhe de espanto e medo.

No meio de todo esse ‘borbúrio’ político, o golpe dado à presidenta eleita Dilma Rousseff, passado um ano ou mais, estoura-me as notícias sobre os inúmeros suicídios de jovens no Brasil. “Tem um monte de gente se matando”, pensava, inclusive eu cheguei a titubear e a pensar radicalmente se a vida valia ou não a pena ser vivida, ainda mais sob condições tão rígidas de sucesso, dinheiro, auto-desempenho e políticas de morte. Portanto, qual o grande motivo para insistir em uma ideia fracassada, ser o melhor, conseguir o melhor lugar na sociedade, ter mais dinheiro, ser original, quantidade, ser o mais inteligente, conseguir mais, mais, mais!?

Nesse meio tempo minha companheira sustenta o mestrado com a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos. Ela enfrenta algo que sempre tive medo de enfrentar. Como foi capaz de no meio disso tudo escrever um projeto, ser aprovada em um mestrado? Sensacional!

Passados alguns meses um amigo distante, irreverente, fazia artes cênicas na UFMG... ele cai... cai no mesmo dia do nascimento do meu sobrinho! Um maluco-sofrente caiu, desapareceu em uma corda... mas... do outro lado da cidade uma criança nascia forte... cheia de gente para amá-la... será que poderei mostrar alguma coisa interessante para o Dante Alighieri (chamava-o assim), meu sobrinho? Gostaria de vê-lo crescer, gostaria de mostrar o lado “vermelho da força”,

---

<sup>3</sup> Afirmação é um conceito Nietzscheano que coloca a condição do devir em primeiro plano, o “múltiplo é afirmado como múltiplo, o devir é afirmado enquanto devir” (Deleuze, 1994, p.29). A radicalidade desse conceito está nas intercorrências da multiplicidade da própria vida, daquilo que só ela é capaz de impor e que nós insistimos em negar. Nietzsche é enfático: não neguemos a vida!

quero presentear-lo com outra coisa que não somente brinquedos, quero mostrar que existe neologismos, neovidas quem sabe?

Patos de Minas, minha terra natal, aliás, tem uma questão sintomática com suas subjetividades, virou “meme” nos anos 2000 após uma moça participar do programa CQC, conversar com Marcelo Taz e dizer que “as pessoas aqui se suicidam bastante”<sup>4</sup>. De todo modo, o suicídio foi um dos significantes que me chocou. Lembro-me de ter tido meu primeiro contato com a pergunta radical de Camus, na primeira página do livro “O mito de sísifo” e não conseguir prosseguir com a leitura. Chocava-me pensar no valor da existência, embora essa palavra neste trabalho assumia sua radical polissemia que não divide valor em vida ou morte, mas as conjuga.

Quanto à psicanálise, ainda não sei. Embora saiba da minha análise, da minha estreita aproximação com seu efeito no meu desejo enquanto pesquisador, do meu reencontro com os atendimentos e do meu encontro com pessoas significativas. Essas que assumiram comigo esse retorno ao trabalho de me fazer-em-devir-analista. Há um estranho efeito, e isso se perceberá na construção metodológica no capítulo 1, uma força interessante que a psicanálise exerce em algumas pessoas. Um deles é o efeito de não saber quem escolhe quem. Mais interessante ainda é o efeito que as pessoas que nos escolhem e que representam o saber psicanalítico exercem sobre nós. Da mesma forma que escolhi meus pacientes para a pesquisa, escolheram-me para pesquisar. Bancar o desejo na falta. Lembro-me de conversar com uma professora do instituto e ela me dizer: “você quer ser reconhecido por pesquisar esse tema, o suicídio? Você tem certeza que quer isso?”. Não lembro se respondi que sim. Mas me lembro que a provocação me deixou estupefato, imobilizado, assombrado.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8byOGClpaVA>

Já com meu orientador, ficava entre-muros. Assisti algumas aulas, tentava comentar alguma coisa e quebrar com a barreira inibitória, a minha barreira inibitória. Lembro que em uma das aulas a palavra coragem apareceu como provocação. Essa era uma questão de honra! Nem que tenha que me fazer ridículo! Daí vieram as provas e uma aprovação de raspão. Entre o zero e o um, um pouco para além da vertigem, um pouco além do titubeio, um pouco mais da própria morte e o conseqüente avanço na falta.

Depois disso, as idas e vindas do projeto no comitê de ética. Sai ou não sai? Vai ou não vai? Minha aproximação com o capitalismo contemporâneo, trabalhada no capítulo 2, com os autores que estudam o suicídio e o pensamento suicida, a lógica neoliberal, as aulas nas ciências sociais sobre sociologia contemporânea, de Bauman à Agamben, Michel Foucault, Pierre Dardot e Christian Laval. Uma fascinação com os saberes das Ciências Sociais. Uma das formas de me implicar na própria psicanálise. Um movimento de fora para dentro e de dentro para fora. Embora acredite que seja assertivo, o próprio pêndulo entre as Ciências sociais e a psicanálise me parece mais um traço repetitivo de um mesmo sintoma de trabalho.

Em vista de todos os limites que me constituem, a grandeza dos diversos saberes que atravessam meu tema, a coragem foi e tem sido meter bem o nariz onde não quero que me chamem. Tal como no conto de Gólgol, em “O nariz” (2013)<sup>5</sup> uma parte de mim se dissocia, desprende-se para assumir o que não encontra permissão nos meus botões restritivos, um movimento de in-direção. Mas, como bem disse o Major Kovaliov, quando percebe que no lugar de seu nariz havia um “lugar perfeitamente liso”: “Mas sem nariz um homem não é mais um

---

<sup>5</sup> Esse conto narra a história de um major que perde seu nariz e fica às voltas de encontrá-lo durante toda a narrativa. A tensão - que chega a ser cômica - do Major Kovaliov é por pedir ajuda a pessoas e estas o encararem como louco. O nariz do Major passa a se expressar como uma pessoa e se recusa a voltar para o rosto de seu dono. O nariz é um objeto que só é reconhecido pelo dono quando o perde, toma-o por roubado ou esperto demais.

homem; é um sujeito sem qualquer valor, pronto para ser defenestrado” (Gólgol, 2013, p. 34). Sim, defenestrado. Essa palavra tem um significado importante porque também significa marginalizar, alijar. Quando o sujeito perde sua qualidade e só lhe resta ser lançado pela janela, nós, psicanalistas, somos convocados a reconhecermos a insignificância da instância que nos afirma sobre o gozo do Outro.

Esses são alguns dos atravessamentos, para além do que foi posto teoricamente, que me fizeram chegar na noção de desejo em vertigem. Haja vista o discurso do capitalista, apresentado no capítulo 2, a marca invasiva do grande Outro nas sociedades regulamentadas pela racionalidade neoliberal; procurar pelas incorrências, pelos afetos defenestrados, é retornar para o que nos constitui enquanto humanos, enquanto sujeitos do inconsciente. Nesse sentido, acabo apresentando uma das características transferenciais desse trabalho *entre* o movimento pendular: desistência-insistência; insustentação-sustentação; vida-morte; sem sentido-sentido; desejo-apagamento. Toda essa mobilização formada pelo afeto de angústia, esse afeto dito por Lacan (2005) como um afeto que não mente, também comportava a presença da vida como excessiva: há tanto no mundo que incorrer em entrar na condição existente é ser soterrado por uma avalanche de escolhas. Embora me pareça específico a tomada de decisão, a aposta na vida, naquilo que a vida tem de mais específico ao não tomar as próprias escolhas como objetos cujo fim último é o gozo irrestrito.

Devo me alongar um pouco mais na última frase. Como será visto no capítulo 3, o discurso do capitalista promete, em última instância, o objeto perdido. Há que se pensar que esse discurso promete um objeto último de satisfação, embora jogue com a impossibilidade de produzi-lo com seus sistemas tecno-científicos. Ao sinalizar ao máximo de sujeitos que existe uma descoberta última, um último produto a ser consumido, a escolha de comprar, a aposta no

valor do objeto se consome no próprio sujeito. Trata-se de encarar a escolha como um projeto, uma atividade incessante no jogo da produção, no qual todos estamos enredados. Não somente, a promessa de “tudo poder”, decanta-se no não-valor do poder em escolha. A especificidade de abrir mão para ganhar algo ou faltar para existir a possibilidade de gozar. Desse modo, ao olharmos para o contemporâneo estamos às voltas da imposição do discurso do capitalista relacionada a existência do gozo último, inteiro. Escolher, portanto, envolve abrir mão, ceder da parte significativa que promete a infinidade, o tudo poder, o que é avassalador em promessas. Promessas essas que partem da máxima do sistema de produção e consumo capitalista. O desejo, *der Wunsch*, essencialmente negativo, titubeia enquanto parâmetro de lida do sujeito com seus pequenos objetos. Embora esse jogo do capital encontre no registro psíquico o resquício de uma promessa de satisfação indiferenciada entre sujeito e objeto, segundo a suposição de que haveria um encontro marcado com a totalidade.

Para ilustrar, lembro-me de um amigo estupefato ao entrar em uma grande biblioteca. Ao passear pelas sessões de seu interesse, folhear diversos livros, senta em uma mesa e se diz arrasado ante tanto saber. A impossibilidade de fisgar alguns títulos é proporcional à crença de que para conhecer alguma coisa deveria ser capaz de ler todos os títulos da biblioteca e compreendê-los. Sua exigência foi tomada por uma angústia paralisante, dizia-me: “acho melhor nunca mais voltar a uma biblioteca, é preferível comprar os títulos que quero ler”. Era melhor não ver quantos livros existia, assim ficava mais “fácil” de não ser tomado pela impotência.

De outro modo, como será apresentado no capítulo 4, meus casos clínicos foram fundamentais para chegar no conceito desejo em vertigem, uma vez que provocaram uma parcela significativa de angústia e de mobilização do meu desejo no trabalho dissertativo. Essa parcela significativa de acontecimentos dentro de uma sessão de análise que são mobilizados por afetos

de angústia. Esses afetos que me colocavam na posição de nada poder fazer, a não ser que ‘fazer alguma coisa’ significativa fosse ocupar a posição de encarar o nada. Esse, portanto, é um trabalho que conta com o conceito de desejo em vertigem. De um difícil processo de amarração, tanto dos casos clínicos, quanto dos afetos de angústia que mobilizaram essa pesquisa e meu encontro com a psicanálise. O trânsito dissertativo me conduziu ao prazer de investigar o psiquismo humano com um método caríssimo à subjetividade de quem se submete à pesquisa. Uma vez que nos cobra uma posição radical ante o objeto pesquisado, ao mesmo tempo em que declara uma deposição corajosa para formulações outras.

Com efeito, no primeiro capítulo trato de escrever sobre o método psicanalítico, principalmente, quanto as implicações do desejo do pesquisador quanto ao seu objeto de pesquisa. No segundo capítulo, nesse sentido, a intenção será discutir meus primeiros passos na pesquisa sobre sofrimento psíquico, pensamento suicida e os enlaces do contemporâneo. Analisar o contemporâneo com a intenção de responder como a vontade de viver é convocada. Dessa forma, primeiro trabalho as noções sociológicas da sociedade pós 1968, principalmente; depois, as contribuições psicanalíticas sobre os autores com quem dialogo, bem como as principais questões que envolvem a clínica do social. Assim, acredito, estaremos um pouco mais confiantes para trabalhar as noções de desejo.

No terceiro capítulo, trato de buscar *en passant* o desejo na filosofia e como esse conceito muda com o protagonismo de Freud na cultura. Ademais, dentre as aproximações e distanciamentos, a noção de desejo em psicanálise entra com a intenção de elucidar de qual desejo falamos no trabalho clínico psicanalítico. Dentre essas observações algumas perguntas irão acompanhar esse trabalho no terceiro capítulo: há espaço para o desejo na sociedade neoliberal e quais são as exigências dessa sociedade? Onde está o desejo quando há algo

figurado pelo diagnóstico depressão? Quem propõe a morte no pensamento suicida quando o ser só vale pelo que produz?

No quarto capítulo, a preocupação será aprofundar o discurso do capitalista e delimitarmos o tema em voga junto aos casos clínicos acompanhados nessa pesquisa. Dessa forma, destacaremos a procura pelo desejo em vida, para, enfim, debruçamo-nos, no quinto capítulo, na transferência e na análise do que foi a pesquisa, bem como começar a precisar teoricamente a noção de desejo em vertigem à guisa de fechamento para, posteriormente, concluir.

## 2 O MÉTODO DA PESQUISA

A elaboração desta pesquisa versa sobre dois pontos que sempre fizeram parte da pesquisa psicanalítica, a saber, questões relacionadas à auto-biografia do autor e à capacidade de entendimento, apreensão, compreensão daquilo que já foi construído no escopo teórico psicanalítico. À guisa de entendimento, como bem disse Peter Gay (1923-2012), o “emaranhamento entre autobiografia e ciência marcou a psicanálise desde seu começo”, sobre o método empregado por Freud para descrever suas experiências clínicas, achados teóricos e metodológicos. É a partir da inclusão do psicanalista, responsável por seu objeto, que a metodologia de pesquisa se configura. Ademais, foram sinalizados os principais efeitos que os temas desejo, sociedade-contemporâneo, suicídio e clínica psicanalítica convocaram o pesquisador. As direções teóricas são tomadas em consideração da mesma forma que as angústias, as falhas e o caminho para tentar percorrer um assunto vasto sobre o sofrimento, a vida e a existência.

Outrossim, a pesquisa em psicanálise e seu método versam sobre o que não está explícito na intenção do pesquisar, porém, que vai se constituindo na medida em que o pesquisador se aproxima com questões que se impõem tanto naquilo que se pode escutar dos pacientes envolvidos na pesquisa, quanto nos lapsos, nas falhas, nos descaminhos do pesquisador. Depreende-se, nesse sentido, que o método psicanalítico “não é um *a priori* da pesquisa” (Furlan, 2018, p. 25, *apud*, Rosa & Domingues, 2010), porém, um caminho situado em um tempo específico junto a pretensão de entender determinado fenômeno. Ademais, a proposta aproxima-se da “pesquisa-investigação” em psicanálise, cuja implicação do autor/pesquisador é indispensável, pois, “pressupõe o esquadramento do campo de conhecimento, formulação e

seleção de problemas teórico-metodológicos” (Naffah Neto, 2006, p. 281). O principal instrumento, portanto, é a capacidade do desejo do investigador impulsionar e guiar a investigação.

Destarte, a transferência do pesquisador para com o seu objeto de estudo foi instrumentalizada, em função do desejo do próprio investigador não ser anulado, mas, sim, configurar uma condição metodológica primordial para a condução da construção do estudo. O trabalho nas supervisões, condição *sine quo non* desta pesquisa, foi me aproximando dos casos. Havia assinalamentos relativos a uma espécie de trincheira racional, onde me posicionava para lutar contra os sentidos estanques produzidos em sessão. O orientador me chamava para dançar, entrar no fluxo de afetos e me deixar ressoar por eles. Aos poucos a clínica me embalava. Não se trata de um tête-à-tête, de entrar na luta demandada pelos pacientes. Entretanto, quase isso. Tratava-se de um efeito de imersão pelas vias do contato com seus riscos, entre eles se impunha não saber qual efeito os diálogos evocavam, a inoperância da ideia de um ‘analista salvador’. Para além disso, meu próprio tratamento analítico e quais diálogos eu estava tendo que tratar em mim, uma vez que há resistência do analista em seus casos analisados. Encontros e desencontros com meu desejo de ser analista e o desejo do analista.

Aqui, sobretudo quanto ao que se espera, quanto à demanda dada por mim de querer ser analista ou me perguntar, frequentemente, enquanto estava conduzindo a sessão, se tenho sido ou não analista, o que defronta-me com a condição de permissão anteposta pelas minhas instâncias de julgamento. Avisos, proibições renitentes, aconteciam na figura clínica do Eu analista. Talvez seja o tema de pesquisa se impondo. Um superego inflado com vistas a proibir a marca do desejo de ser analista? Em uma de minhas anotações escrevo:

Os casos, nessa (h)ez(xc)itante caminhada retornam meu desejo de ser analista. Analisar e ser analisado. A semântica do divã, as supervisões que me colocam à merce de minhas próprias inseguranças e de uma investida decisiva ao que mais somos tomados no contemporâneo: a relativa procura pelo auto-poder, a obsessão pela onipotência ou por se/me fazer salvador. Entrar nessa semântica com as regras complexas que permeiam seu gosto, gozo, compleição e compilação de sofrimentos, lançam-me, cada vez mais, nas perguntas que movimentam minha clínica: “O que será que será?”; “O que será que me dá e deu”; “O que será hoje, algum dia será?”.

Como foi posto neste fragmento de pensamento, a hesitação e a excitação me foram frequentes (ainda me são) nessa empreitada de pesquisa. Seria desejar uma condição de colocar em curso tanto a exigência excitante do exercício de algo, quanto a persistência de um fragmento de ser que hesita, põe em dúvida, principalmente, o valor e o lugar pelo qual se trava uma guerra de territórios onde a esperança e a coragem tomam curso de abertura vital?

A marca que antecede a hipótese do superego no contemporâneo se relaciona com algumas observações na transferência da escrita, como foi posto acima, entre o se fazer escutar e escutar. Os excessos fizeram parte desse campo do desejo de ser analista: preocupações, demandas de saber, interpretações. Em alguns momentos esses excessos se encarregaram de levar o *setting analítico* para mensagens no whatsapp. No contemporâneo, talvez, seja impossível não levar o divã para os meios de comunicação postos à frente de nossas vidas. Dessa forma, a exigência interpelada pelos excessos, encarregou-me de uma pergunta interessante: Quem demanda o quê? Sobre essa pergunta, a escrita me levou para algumas afirmações precipitadas ao longo dos ensaios deste trabalho:

Os excessos de um campo impõe minha verdade como sujeito-analista, já as verdades mobilizadas por esses excessos interpõem outra coisa no par clínico psicanalista-analisando. O acontecimento anuncia minha verdade como sujeito e, o que sou, só pode ser na medida dos riscos desejanos que perfazem a vida. Nas palavras de um analisando, ao falar sobre si mesmo: “sou o que sou”. Já o eu, nessa minha mais sincera descoberta: “sou o que sou, ainda que não saiba aonde não posso ser”.

Tais fragmentos de escrita tem levado a ideia de que bancar o desejo seja uma das dimensões superegóicas. Como se para bancar o que em psicanálise chamamos desejo houvesse a força da ordem. Uma trapaça interessante da transferência com a pesquisa. Deveríamos bendizer o desejo? Por que? Porque desejar é antes de tudo uma tentativa de retorno a um traço mnêmico que fora embalado pelo afeto, fundamentalmente negativo na sua dimensão impossível.

Aqui é interessante notar que o método em psicanálise reconhece esse engodo provocado pela transferência do pesquisador, pois, provoca o que há de paradoxal no sujeito da pesquisa: o quê é de quem? Quem é quem? Encarar o desejo como salvação, faz parte do efeito que a investigação sobre o sofrimento nos traz. Como em psicanálise tratamos da hipótese do inconsciente e que todos os sujeitos são sujeitos inconscientes, aquilo que nos escorrega é caro. Portanto, não se trata de uma falha conceitual, da ignorância do pesquisador sobre a questão do desejo, entretanto, esta foi uma das formas que o objeto exerceu seu efeito no pesquisador. Há, portanto, uma indissociação entre sujeito e objeto de pesquisa.

Trata-se, sobretudo, de sujeito e sujeito de pesquisa, onde o campo transferencial tem sua correspondente no encontro analista e analisando, pesquisador e pesquisado. A propósito, percorrer o caminho das implicações sobre o social no sujeito, a questão do suicídio entre pessoas próximas ao pesquisador, a emergência de atitudes políticas profascistas, a ampliação do panóptico benthamiano nos dispositivos móveis, nas interações nas redes sociais e o

vislumbre de uma sociedade que privilegia correr a qualquer custo, lutar sem saber ao certo se vale a pena conquistar, fizeram-me entrar em contato com a exigência do desejo, a obrigação de desejar-desejar. Entrar em contato com esse tipo de efração, paulatinamente, colocava-me em contato com uma espécie de paralização ou vontade de desaparecer.

Nesse ponto, impressiona-me a evasão dos sujeitos quanto sua motivação por uma força misteriosa que já foi cantada por Caetano Veloso (“força estranha”), anunciada por filósofos (eros, a busca pela virtude e a verdade inalcançável) e teorizada por Freud (pulsão). As sintomatologias psiquiátricas relacionadas ao desejo ausente e à vontade de desejar-desejar, bem como o nos dizem os pacientes depressivos com vontade de morrer ou o prenúncio horroroso do fim naqueles chamados de “panicados”, começaram a solapar minha perspectiva sobre a permanência do ser no existir. Nesse sentido, a depressão e sua inevitável condição de se retirar da cena cotidiana, enquanto sintoma social, aos poucos, foi se apresentando como o que resiste ao imperativo do gozo no contemporâneo (Kehl, 2015).

Entretanto, essa marca mobilizada pela resistência e que impõe a ideia de que seja uma dimensão impossível o “desejo de desejar”, parece colocar-nos de frente ao problema da vida nua, contrária ao que se entende pela vida qualificada (Agamben, 2002), conceitos esses que serão precisados nos capítulos posteriores. Isso se traduz pelo alto índice de suicídio ao longo dos últimos vinte anos. Algo na cultura, e isso é sinalizado a todo tempo, nos parece martirizante ao ponto do desejo ser obturado em sua condição de busca por algo que falta. A partir de então a procura por desejar-desejar. As perguntas que acompanham o que fundamenta a vida transpassaram o pesquisador pelas seguintes formas ou formatos: é essa a vida que te vale? É essa a vida que vale a pena ser vivida? Quanto vale essa vida?

Essas questões nos interessaram mais pelo seu efeito, não se trata de procurar pela resposta se essa vida é a que vale ou ainda se tudo o que se vive vale a pena ser vivido. A princípio, debruçar sobre essas questões nos conduz para o afeto que não mente: a angústia<sup>6</sup>. Onde a ficção falha, a angústia se presentifica. No lugar do desejo, a angústia mortífera. Nesse sentido, o pensamento suicida, bem como o sofrimento psíquico que se faz ver em alguns jovens universitários, colaboram para perceber um fenômeno que parece incidir especialmente sobre o desejo. Principalmente, sobre bancar o que em psicanálise se entende por desejo. Como bancar esse movimento que nos é estranho e insistente? Talvez essa seja uma pergunta sincera do pesquisador, mas com a grande ressalva de que o desejo do qual se fala é o desejo inconsciente. Desse modo, como pode o sujeito recuar ante seu desejo a ponto de almejar desejar, além de colar-se em ato ao objeto?

Brunhari (2017), ao retomar os textos em que Freud se debruça sobre o tema da melancolia e do suicídio, lembra que, depois de 1920, em “Além do princípio do prazer”, todo campo emocional que indica intensa dor, relaciona-se paradoxalmente à proximidade com a realização do desejo. Para melhor elucidar essa ideia, o princípio de nirvana e a tentativa de retorno ao estado absoluto é o que move o aparelho psíquico na tentativa de conseguir o inatingível.

A pulsão de morte, nesse sentido, direciona a precisão conceitual freudiana sobre a questão do suicídio, principalmente pela via do “retorno sádico ao eu” (Brunhari, 2017, p. 96). O caso da jovem homossexual ilustra a ideia de um *niederkommen*, no momento em que passa ao ato. Quando cai, a propósito, o faz identificada ao inatingível, demarcadamente, à castração

---

<sup>6</sup> Lacan no seminário 10 conduz seus alunos a pensarem no quanto a angústia é o afeto que não mente.

(Brunhari, 2017). Resta-nos dizer que caíram as fantasias e a cena se impõe, o corpo inerte, a morte abraça.

É na trilha de se pensar o mal-estar no contemporâneo que a castração e a queda do falocentrismo nos coloca na rede de demandas concernentes aos excessos de desempenho, produção e consumo como centrais no tema em voga. A cultura evoca algo novo e me colocou a pensar sobre os efeitos desta na formação das subjetividades. Mais que isso, na composição psíquica dos sujeitos voltada para algo que mais representa um barulho ensurdecido a suturar tudo o que passa de raspão na falta. Conseqüentemente, o desejo me parece em vertigem porque não vigora somente na ordem da negatividade, porém dá indícios que se movimentar em direção à máxima positividade e da fragilidade a tudo que passa próximo à castração.

A esse respeito, Mauro Mendes Dias (2005) repensa a economia do gozo no contemporâneo. Para esse autor o sujeito se esquivava da castração e, assim, assujeitado pelo Outro da ciência, submete-se à sua causa diagnóstica de depressão. Para muito além da causa diagnóstica e o Outro da ciência, a atualidade nos convida a pensarmos a subjetividade neoliberal, isto é, um tipo de subjetividade marcada, desde o início, pela competição e compleição ao mercado (Dardot e Laval, 2016). Nesse contexto, o valor simbólico é desmantelado em proveito do puro valor monetário da mercadoria (Dufour, 2005). Com efeito, o sujeito passa a ser simulacro da mercadoria, cujo traço primordial encontra-se em sua função de ser permanentemente intercambiável.

Ao introduzirmos a subjetividade neoliberal para conduzirmo-nos às imediações do contemporâneo e o espaço que se cria o desejo (“o desejo é sempre desejo do Outro” em Lacan), o próprio modo de operar do Outro, enquanto entidade que organiza o espaço social e marca o desejo, é posto em questão. Aqui a economia é literal e corresponde ao que já foi posto:

demanda, narcisismo, consumo, vigor, produção, positividade. Autores como Bauman (2008), Lash (1983), Han (2017), Dardot e Laval (2016), Dufour (2005), Melman (2008), Lebrun (2008), dentre outros, sinalizam novos caminhos para se pensar a subjetividade que solapa com a ‘positividade’ do capitalismo pós-guerra fria e, conseqüentemente, possibilitam encontrar novos contornos para o sentido do desejo.

A negatividade, desse modo, contemplaria a falta (por demarcar incompletude e o nada) e presença (pela característica estrutural na produção do laço social ante ao terror do desamparo) do Outro e a passagem das subjetividades para além do somático. Tal negatividade relaciona-se ao falo enquanto significante de uma falta, uma presença em negativo. Refletir sobre isso concerne nos aproximarmos dos referenciais simbólicos de nossa contemporaneidade. Por isso se faz necessário diferenciar a queda do patriarcalismo e a dimensão simbólica, cujo traço demarca a metáfora desejante, pela presença de uma ausência.

A inquietude da falha do desejo na atualidade esbarra, portanto, na falta da barra que corresponde a inoperância simbólica e a predominância de tipos diversos de reificação. Conforme o que tentarei tecer nas explicações sobre o psiquismo contemporâneo, as subjetividades que afetaram este trabalho têm me auxiliado nessa empreitada pelo caminho do desejo. Nesse ínterim, os intermitentes pensamentos suicidas acompanham o sintoma contemporâneo que tem, pelo menos, conseguido balbuciar dor. Vale ressaltar que utilizo a palavra “pensamento” para contrapor o conceito de “ideação” da psiquiatria na atualidade. A palavra pensamento envolve elaborações que nos indicam reflexividade do sujeito para com os fenômenos sobre a vida. Pensar é antes de tudo se debruçar sobre o que se sente e tentar chegar a alguma conclusão. A distância, portanto, entre ideia e pensamento convoca para a seriedade do termo “pensamento” e a distância da terminologia “ideação”, quase sempre maculada pela

intenção, solução possível. Há que se pensar que o primeiro termo abarca o segundo e este influencia o primeiro. Em síntese, o pensamento evoca a complexidade da elaboração do sujeito que pensa no ato suicida e é por este ‘pensado’, constituído.

A hipótese que aqui se sustenta parte da ideia de que estamos às voltas do desejo em vertigem, não sobre o desejo de morte ou o desejo suicida. A vertigem, nesse caminho, está, de um lado, para a sutura da procura pelo objeto e, conseqüentemente, a reificação do valor da vida. De outro, implicações do próprio sujeito em pensamentos de continuidade e possibilidade de encontrar algum prazer em suas vidas narradas por si próprios como miseráveis. Paulatinamente, o sujeito, ao mesmo tempo em que é incitado pela opacidade do dever criar ou fazer pelo Outro, coloca-se na posição de sonhar em fazer algo de si mesmo para além do que é esperado. O pensamento suicida, nesse sentido, é uma frequente invasão do desvalor da vida e do sentimento de que algo ainda “prende” o sujeito na existência.

A esse respeito, por aproximação do tema suicídio, sigo a problemática de Mauro Mendes Dias (2005, p.134), visto que a identificação para esse autor resta como um problema nos casos de depressão, principalmente tratando-se da identificação com o discurso da ciência. Embora meu percurso tome em consideração a subjetividade neoliberal, o conceito de identificação tem fundamento. Em especial, quando se pensa em qualquer tipo de aproximação ou oposição/enfrentamento à massificação nas sociedades liberais. De todo modo, a questão de Mauro Mendes Dias (2005, p.135) que evoca a reflexão para esse trabalho é: “Saber se a maneira pela qual o desejo do psicanalista participa da ciência permite ou não os tratamento dos fracassos e da covardia”.

Tanto os fracassos, como a covardia remetem ao maldizer do sujeito tristonho quanto ao seu desejo. Quinet (2002) explica a relação do sujeito com seu desejo a partir da vinculação deste

com o que institui a força do existir e aprecia o conceito de *conatus* em Espinosa. De outro modo, o tristonho, ao abandonar a lida com sua falta estrutural, própria de todo ser falante, acovarda-se de tentar transformar sua dor em perseverança para com o existir. O *conatus* inclui a vontade e se refere, simultaneamente, ao corpo e ao apetite, é o que possibilita a potencia e a impulsão. Assim, o que Mauro Mendes Dias (2005) evoca, é tão somente a possibilidade de efeito do desejo do psicanalista ante ao que Lacan chamou de “covardia moral”, ou seja, a impossibilidade do sujeito de afiançar sua orientação pelo inconsciente e seu desejo.

Desse modo, a problemática deste trabalho também se aproxima daquilo que abate o depressivo, segundo Maria Rita Kehl (2009): o depressivo se demite ante ao desejo. A isso tento retratar, embora não tenha a intenção de dar cabo ao diagnóstico depressão ou anunciar uma sociedade depressiva, um dos sofrimento que toca de maneira pujante o desejo e o que tergiversa a condição depressiva.

Há que se pensar, seguindo a proposta de Kehl (2009), as marcas que nos traz o desejo na razão neoliberal. De maneira semelhante à proposta de Kehl (2009), se o aumento contemporâneo das depressões é visto como um sintoma social, o que quer dizer o aumento do número de suicídios<sup>789</sup>? E a relação destes com o desejo? Esse problema me serviu para indicar algo que não tem sido possível de se instrumentalizar pela via do desejo no contemporâneo.

Nesse sentido, a associação e a compleição do desejo do pesquisador de saber algo sobre a

---

<sup>7</sup> Segundo Christante (p. 31, 2010): "As mortes por suicídio aumentaram 60% nos últimos 45 anos, segundo a OMS. Quase um milhão de pessoas se mata todos os anos - em um universo até 20 vezes superior de tentativas. Na maioria dos países desenvolvidos, a violência autoinfligida é a primeira causa de morte não natural. No Brasil, ela ocupa a terceira posição - a qui as taxas mortalidade por acidentes de trânsito e homicídios estão entre as maiores do mundo”.

<sup>8</sup> Jaen-varas et al. (2019) mostram que a taxa de suicídios de adolescentes entre 15 e 19 anos aumentou 24% nas grandes cidades brasileiras e 13% em todo o Brasil. Os indicadores socioeconômicos foram vislumbrados nessa pesquisa e estão associados a maiores taxas de suicídio.

<sup>9</sup> Dentre informações do site da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) o maior número de suicídio ocorre em países de baixa e média renda em 2016.

atualidade, trouxe à tona a questão: será que vivemos em um momento onde o Outro-Gozador produz uma espécie de vertigem no desejo?

A hipótese é consoante à pergunta. Ao longo do processo de investigação, a percepção do *modos operandi* do neoliberalismo<sup>10</sup> (que não é somente uma ideologia ou uma política econômica: é uma *racionalidade*), convocou-me a pensar em seus instrumentos como propiciadores de uma saída do sistema capitalista através da morte. No começo da pesquisa associava o suicídio à forma do sujeito de se despedir da tirania desse Grande Outro. Com muito custo para abandonar essa ideia, os contornos para se pensar a escolha (inconsciente) pelo suicídio, deu-me acesso à hipótese de que o desejo tem sido mortificado. Nesse sentido, ao caminhar com a construção dos fenômenos que foram se impondo ao longo da pesquisa, ficou explícito não se tratar de uma mortificação, porém, da vertigem.

Dois motivos principais parecem se alocar à ideia de vertigem: a relação do depressivo com seu desejo e a afronta do suicida com seu desejo de morte. Ambos os casos parecem se relacionar, embora nem sempre de maneira direta: 1) naquilo que já foi apontado por Kehl sobre o desejo do depressivo estar às voltas de um recuo; 2) na minha obrigação superegóica de pesquisador, de me sentir no dever de “salvar” meus pacientes que viviam situações paradoxais entre vida e morte. Isto é, da maneira como o desejo tenta contornar o incontornável e o sujeito da pesquisa me interrompe com seu medo e, ao mesmo tempo, atração por sair da vida; 3) na relação direta do capitalismo em não aceitar nada que não se submeta aos limites de seus jogos produtivos e a exclusão da negatividade radical do desejo. Retomando, assim, o caráter

---

<sup>10</sup> A aproximação com esse conceito “neoliberalismo” foi por intermédio de uma obra de Pierre Dardot e Christian Laval chamada “A nova razão do mundo”. Utilizar-me-ei dessa obra no capítulo 2 de forma um pouco mais detalhada. Entretanto, à guisa de introdução, o neoliberalismo é uma nova figuração do liberalismo de mercado, cuja centralidade não está somente nas técnicas de produção do capital empresarial, mas na própria condução humana enquanto via expressa do meio empresarial no próprio indivíduo.

vertiginoso do desejo, uma vez que o desejo não se submete aos objetos produzidos pelo neoliberalismo, mas fica no entremeio de se sucumbir às exigências do discurso do capitalista.

Nesse sentido, distancio-me da palavra morte do desejo porque, mesmo aquilo que havia pensado ser o centro de minha pesquisa, o suicídio enquanto um tipo de ato, que em tese imporia a separação ao Outro, não nos dá condições de nenhum tipo de pré-interpretação. Refiro-me, necessariamente, que é no ‘*a posteriori*’ que os atos nos direcionam à criação de uma possível narrativa. Portanto, há que se pensar, caso o ato se oriente seja pelo *acting out* ou pela passagem ao ato, que todo ato só se inscreve na sua relação com o Outro no seu efeito póstumo. Decidir se o ato é ou não é, faz ou não faz algum efeito no Outro, incorre-nos em outro trabalho. Porém, cabe-nos repensar a determinação do ato recorrente e a não inscrição do desejo como forma de dar novos passos, quiçá, passos de criação em direção ao Outro da atualidade.

Não somente, a construção de casos clínicos, a vivência do pesquisador e os aportes teóricos foram contribuintes essenciais para a construção da hipótese de trabalho. Isso significa que, em face da relação com casos clínicos, existiu o compromisso de extrair ao máximo as intervenções do pesquisador em relação ao pesquisado e as movimentações de sentido do par na condução dos atendimentos. Se se pensa, portanto, no sentido do caso clínico, tem-se o que Figueiredo (2004, p. 79) escreve: “O caso é produto do que se extrai das intervenções do analista na condução do tratamento e do que é decantado de seu relato”. Por fim, o método de elaboração dos casos passa pela supervisão e colaboração do orientador que ajudaram a sustentar o caminho percorrido no processo de investigação.

Foram utilizadas anotações feitas após os atendimentos, bem como pensamentos, sensações, afetos mobilizados pela transferência. Foram trabalhados dois casos clínicos. De modo geral, todos convocaram-me, encontraram-me no caminho que tentei percorrer no tempo

do mestrado. Ambos os participantes da pesquisa foram encaminhados pelo HC da Universidade Federal de Uberlândia.

A princípio, o trabalho havia como exigência do pesquisador o atendimento a pessoas ligadas com instituições de ensino superior. Depois do percurso teórico e das elaborações do problema de pesquisa, essa exigência passou a não mais fazer sentido porque não versava somente ao que atravessava os estudantes universitários, mas ao tipo de sofrimento que compõe os pensamentos suicidas na atualidade, ou melhor, a inclusão do “sujeito do inconsciente”.

Cabe esclarecer que a variável gênero não serviu como critério de inclusão ou exclusão. Além disso, os participantes eram maiores de idade. Ressalta-se que o projeto relacionado ao início da pesquisa foi submetido e iniciado após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia; bem como foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes da pesquisa.

A propósito, o encontro e o encanto de se pesquisar em psicanálise se deve a dois fatores preponderantes: o primeiro é o acréscimo à percepção e ao exercício daquilo que se entende por relação e criação de vínculos; segundo, devido ao ato de criação desde o momento em que se pensa em pesquisar em psicanálise. Recordo-me de perguntar-me diversas vezes sobre o significado de encontrar um problema de pesquisa. Pensava que todo problema criado seria, sem sombra de dúvidas, um problema de pesquisa. A incrível diferença é que um problema em psicanálise é da dimensão de algo a mais sobre si e sobre o que marca a falta. O psicanalista quando pesquisa, da mesma forma que na clínica, empresta seu corpo, sua disposição, coloca-se e é colocado sob e sobre o olhar da temática na qual mergulha.

As expressões do que chamamos de psiquismo e suas diversas facetas relacionadas à resistência se constituem de uma forma inacreditável ao observador desatento às nuances do percurso enredado. Os esquecimentos do nosso objeto de pesquisa, as infundáveis escorregadas, distrações teóricas, dificuldades de permanecer nas orientações nos colocam par a par com o escudeiro Sancho Pança. O objeto, dir-nos-ia Dom Quixote sobre nós mesmos (Sancho's Pança's) em pesquisa:

[...] tem às vezes umas simplicidades tão agudas que a gente pergunta a si próprio se tudo aquilo é necessidade<sup>11</sup> ou malícia; umas vezes velhaco, outras vezes tolo: de tudo duvida e tudo acredita; quando penso que se vai despenhar por tonto, sai-me com umas discrições que o levantam ao céu (Cervantes, p. 634).

Em termos de pesquisa em psicanálise, os tropeços nos servem, as erratas nos agradam, e as reformulações nos aproximam do estranho e ambíguo ceder, desistir, renunciar ideias, pensamentos, para, então, perseverar, com uma dose certa de coragem, e sustentar o próprio desejo ante o que se faz desconhecido. E isso está diretamente ligado, ou melhor, tem uma ligação estreita com o desejo do pesquisador. Trata-se de uma contra-face daquilo que se procura. O objeto se evidencia no campo desejante.

Como já foi posto, o objeto é uma questão, um ponto de tropeço, é um modo como o pesquisador fará um recorte a partir de suas referências teóricas e inquietações. Estas vão se evidenciar no momento em que seu olhar se misturar com seu objeto, ao mesmo tempo em que observa os efeitos do objeto em si. A tensão entre conhecimento e saber, ou objetividade e subjetividade, nos lança a um tipo de incômodo produtivo, diante do qual a alternativa é caminhar, mesmo que sob os absurdos presenciados no caminho da pesquisa.

---

<sup>11</sup> Qualidade de néscio, ignorante, estúpido, com pouco discernimento.

Nesse ponto, cabe voltarmos e elucidarmos um pouco mais a questão que nos interessa na pesquisa quanto àquilo que entendemos por “sujeito do inconsciente”. A saber, é retornar à condição de não inscrição, de descentramento, daquilo que se apresenta ao sujeito como inteiramente consciente. A descentralização feita por Freud, a exumação, perturbação, peste deste autor, fora justamente introduzir a estranheza humana quanto ao que não diz a consciência. O sujeito, portanto, escapa à consciência, não se confunde com ela. Além do mais, a subjetividade não está posta apenas no campo da razão (Diniz, 2011). A pesquisa acadêmica junto ao método clínico, no encontro do que já se disse sobre o sujeito do inconsciente, busca “construir uma ciência do singular, fazendo incidir o sujeito da enunciação no campo científico, que tenta excluí-lo” (Diniz, 2011, p. 14-15).

A singularidade daquilo que pode ser pesquisado durante esse percurso dissertativo foi justamente o conceito de desejo em vertigem e sua marca singular que intenta uma modalidade explicativa teórico-clínica. Por dois motivos gerais se pode pensar no conceito, uma vez que é por meio dessa proposta explicativa que consegui amarrar as duas modalidades de leitura sobre o problema da ideação suicida e do suicídio no contemporâneo. Se, por um lado, houve análises trazidas pelos autores tanto da sociologia, quanto da psicanálise, que tentam explicar as marcas que configuram as patologias do contemporâneo, de outro, a inclusão do conceito configurou uma decantação do problema de pesquisa por meio dos casos clínicos.

Em resumo, ao operacionalizar o método psicanalítico, surgiu a marca singular do conceito de desejo em vertigem. Desse modo, os casos clínicos relançaram o pesquisador a analisar aquilo que produziu efeito de enganchamento, de enodamento. Não se trata somente de encontrar ressonâncias do neoliberalismo, sua produção de mal-estar, nos casos clínicos. Tratou-se de encontrar tanto no modo de subjetivação neoliberal, quanto nos casos clínicos, os efeitos

psíquicos de tentar suprimir o sujeito e seu desejo. Essa pesquisa, portanto, é sobre o psiquismo e suas impressões no contemporâneo e na clínica, cujos efeitos são demonstrados a partir da condição própria do desejo na atualidade.

### 3 DO SOCIAL NA ANÁLISE À ANÁLISE NO SOCIAL

Como pode ser visto anteriormente, o surgimento dessa pesquisa envolve uma preocupação relacionada ao aumento do número de suicídios no Brasil – mais precisamente, “a contar de 1980, houve um aumento de 21% até o ano 2000 e de 29,5% até 2006” (Botega, 2015, p. 42). Não somente, no país, em um registro de 2016, houve 11.433 mortes por suicídio, em média, um caso a cada 46 minutos. Segundo Brasil (2018), o suicídio é a quarta maior causa de morte no país, as idades mais acometidas pelo problema estão entre 15 e 29 anos.

Claumann et al. (2018, p.4) escreve que só no período de 2011 a 2016, registro do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), houveram “48.204 casos de tentativas de suicídio, os quais ocorreram predominantemente nas regiões Sudeste e Sul do país”. O número de óbitos por suicídio<sup>12</sup>, ainda em Claumann et al. (2018), de 2011 a 2015, foi de 55.649. Já no âmbito global, “mais de 800 mil pessoas tiram a própria vida por ano”, “além de ser a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos” (Brasil, 2018, p.3). Concomitantemente ao período apontado por Claumann et al. (2018), a temática “suicídio” ganhou destaque nas mídias por meio de possíveis influências do seriado “*Thirteen reasons why*” quanto ao aparecimento de casos de suicídio entre jovens. No contexto midiático, no ano de 2016, houve o surgimento de um jogo chamado “Baleia Azul”, cujo objetivo final era o autoextermínio.

A temática, de início relacionada ao “sofrimento psíquico e pensamentos suicidas na universidade”, também teve impacto direto sobre a formulação desse trabalho devido à

---

12 Nos Estados Unidos: "A taxa de suicídios infantojuvenis é maior do que a soma das mortes por câncer, doenças cardíacas e respiratórias, problemas de nascimento, derrame, psneumonia e febre" In: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40844636>

consumação de autoextermínio de pessoas próximas do pesquisador que estiveram no contexto acadêmico. Diferente do pensamento passageiro de “vontade de morrer” ou da “vontade de sumir”, instigaram e tiram-me do meu lugar as tentativas de suicídio abruptas, violentas e, por vezes, referenciadas pelo senso comum como algo sem motivo. De outro modo, são, também, relevantes ideias recorrentes de sujeitos no contexto universitário que padecem de algum tipo de sofrimento psíquico e são acometidos por pensamentos suicidas.

De antemão, somente no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia foram registrados dois casos de suicídios em setembro de 2016 (Alvez, 2018). Já na Universidade de São Paulo (USP), no curso de medicina, foram contabilizados seis tentativas de suicídio só no primeiro semestre de 2017, sem mencionar os atos consumados em outros institutos (Damasceno, 2017). No ano de 2018, “ao menos quatro casos de suicídio entre estudantes da USP foram registrados em maio e junho” (Vieira, 2018). A presença deste tema na universidade e a percepção real do problema “suicídio” levou a maior universidade do país a criar um “Escritório de saúde mental” (Vieira, 2018).

Haja vista que fatores relacionados ao ato suicida são de natureza múltipla, complexa e dilemática (Botega, 2015), concerne a esse trabalho a tentativa de inscrever, pelo método psicanalítico, tanto a narrativa de subjetividades acolhidas por estarem em sofrimento psíquico, com pensamento suicida, quanto realizar um estudo sobre a atualidade e suas linhas de forças sobre esses sujeitos. Nesse sentido, as bases de sustentação da pesquisa partiram tanto do aspecto macrossocial, quanto as vivências psíquicas dos sujeitos que participaram dos atendimentos. Este capítulo visa dar ênfase no primeiro aspecto, enquanto o segundo aspecto será objeto de discussão no quarto capítulo. Assim, a primeira ideia possibilitou a aproximação de um escopo teórico sociológico, cuja correlação incidia principalmente entre o modelo econômico vigente –

neoliberal –, junto aos seus dispositivos de desempenho e competitividade (Dardot e Laval, 2017; Han, 2017), e o crescimento do número de suicídios na atualidade.

A saber, minha movimentação, que também começa em autores da sociologia e da filosofia (Durkheim e Albert Camus), parte do princípio de que para o psiquismo não existe distinção entre o mundo macro e microssocial. Como nos lembra Freud (1921, p. 14) em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado”.

Sobre o aspecto do suicídio e a correspondente influência social, vale mencionar os estudos de Émile Durkheim (2014) em seu título “O suicídio: estudo de sociologia”, com vistas a dar mostras do fenômeno enquanto sujeito ao fato social. Além disso, cabe mencionar que Durkheim já anunciava que as deliberações humanas nem sempre seguem os princípios racionais, as resoluções de tais deliberações são tomadas por razões que a consciência desconhece. O autor também foi categórico em seu estudo quanto as circunstâncias causadoras do suicídio serem, com frequência, quase infinitas (Durkheim, 2014).

Assume-se que há causalidades múltiplas do fenômeno suicídio. Porém, o enfoque do sociólogo está para a pujância da moral social junto aos efeitos que a força coletiva exerce sobre os atos definidos enquanto mortes voluntárias.

Existe, pois, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que impele os homens a se matar. Os movimentos que o paciente realiza e que a primeira vista, parecem exprimir o seu próprio temperamento pessoal, são, na realidade a sequência e o prolongamento de uma situação social que eles manifestam exteriormente (Durkheim, 2014, p. 297).

Nesse sentido, a aproximação traz correspondências entre a pressão social e o *modus operandi* do sofrimento, além de contracenar um tipo de manifestação do mal-estar entre o que se pretende enxergar na sociologia de Durkheim e na psicanálise.

A saber, não custa repetir, o mal-estar não é privilégio de uma ou outra associação humana, entretanto, corresponde, e isso nos ensinou Freud (1930), a uma condição de concessão. Em troca da segurança ante aos perigos da natureza: o laço social, o pacto de não agressão e supressão das forças libidinais. Dessa troca resta a perene sensação de mal-estar.

Faz sentido pensar, portanto, na relação e sugestão entre o aumento de suicídios e pensamentos suicidas e o modo de vida neoliberal, pautado na competição generalizada e em um modo de gestão de vida econômico, guiado unicamente por seus interesses monetários e de consumo. A proposta, segundo essa premissa, condiz com a tentativa do sujeito, capturado por pensamentos de morte, de se proteger da exagerada e generalizada autoexigência na atualidade. Marcado tanto pela necessidade de criar incessantemente sua autoimagem<sup>13, 14</sup>, quanto a necessidade de suprir às diversas demandas de trabalho, realização e felicidade elevados à máxima potência – quase sempre apartada da criação de laços sociais.

Desse modo, junto às ideias preliminares da pesquisa, esse capítulo propiciará o vislumbre de duas problemáticas que se entrelaçam na questão do suicídio e no pensamento

---

<sup>13</sup> Rocha (2017) retrata em sua tese as demarcações do discurso do capitalista nas sociedades neoliberais quando se pensa nas intervenções no corpo. Uma vez que a promoção do laço *associal* deste discurso promove, por meio da objetualização do corpo e sua fetichização, uma nova afetação da imagem que o sujeito configura para si. Ao se basear nos padrões estéticos ideais, deve cumprir a função exata da experimentação de novas práticas e colocar o corpo na condição de ser “sempre testado, estimulado e questionado enquanto sua perfeição” (Rocha, 2017, p. 79).

<sup>14</sup> A superexposição nas redes sociais parece nos colocar à par de uma mudança radical na maneira como os sujeitos lidam com a figuração da imagem de si. Uma reportagem da revista ELLE, publicada em 25 de maio, mostra uma procura crescente de harmonizações faciais baseadas nos próprios perfis de instagram de quem procura por esse tipo de plástica. Essas pessoas alegam que consideram suas imagens no instagram uma ‘versão’ melhorada de si mesmas. A imagem passa a ser uma *commodity*, um objeto a ser vendido nos espaços virtuais, a motivação parece simples: 55% das pessoas que fizeram rinoplastia em 2017 queriam sair melhor em selfies. Fonte: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais/particle-5>

suicida. A vida, nesse sentido, parece ter se tornado um peso insustentável, uma carga que adolescentes, crianças e jovens adultos não estão conseguindo carregar. A intenção aqui foi de me aproximar daquilo que tem vacilado, cambaleado no contemporâneo e que tem sido visto na fragilidade desejante dos sujeitos da pesquisa.

Primeiro mostro algumas frentes teóricas que tentam entender o contemporâneo a partir de pensadores da sociologia. O propósito em trabalhar com autores como Bauman, Lasch, Dardot e Laval, Jameson, dentre outros, está para a utilização-aproximação de seus conceitos e perspectivas. De outro modo, o intento é me aproximar do discursos daqueles para, depois, encontrar o sustentáculo teórico psicanalítico. A justificativa para isso está mais para o vislumbre que as explicações sociológicas nos dão que seu afincamento metodológico desses autores – uma vez que a pesquisa que conduzo se assegura no método psicanalítico. Segundo, procuro por autores psicanalistas que dialogam com a sociologia e se esforçam para deixar claro o mal-estar na atualidade junto à configuração de novas subjetividades.

### **3.1 Da perspectiva sociológica**

É diante da tentativa de uma auto-sustentação do sujeito, fora da implicação e dependência do outro, negando por base a necessidade psíquica do laço social e da dívida simbólica com o grande Outro, que penso o contemporâneo<sup>15</sup>. Dentre as definições sobre o contemporâneo, valho-me do pensamento utilizado por Giorgio Agamben (2015) a respeito de uma observação em uma das lições de Roland Barthes sobre o contemporâneo ser o intempestivo.

---

<sup>15</sup> Não me ative a um diagnóstico específico para denominar os tempos vindos das décadas de 1960 e 1970 até os dias atuais. Entretanto, os autores utilizados contam sua leitura sociológica e histórica a partir de denominações como: modernidade líquida (Bauman, 2001); sociedade do espetáculo (Debord, 2003); sociedade da transparência (Han, 2017). A aproximação com esses autores nos conduz a pensar o contemporâneo a partir de complexos fenômenos de ordem social, econômica e cultural.

Agamben (2015), portanto, concebia o estudo do contemporâneo como uma forma de estar sobre um tipo de discronia, de não-coincidência completa com seu tempo, junto de vivências particulares, singulares que, ao mesmo tempo em que se fisga ao que estamos tratando sobre o presente, distanciamos-nos simultaneamente. Há, portanto, a não correspondência com o contemporâneo, ao haver me colocado a estudar a história do presente, e, de outro modo, as intempestivas cargas afetivas, simbólicas e de procedimentos ante as quais vivencio cotidianamente o contemporâneo. Resumidamente, a tentativa é adentrar na seguinte sentença: “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue distinguir nelas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (Agamben, 2015, p. 26).

Nesse sentido, a relação tempo, espaço, produção e vínculo passaram por profundas modificações nos últimos 70 anos. As ‘escoras sociais’, as instituições, que davam sustentação representacional para o sujeito no mundo, tem passado por um misto de desencanto, destruição e, ao mesmo tempo, submissão ao fluxo do capital. Desse modo, o homem tem se encontrado à deriva de instituições que lhe marque a vida com representações “sólidas”, como bem assinala Bauman (2001).

Bauman (2001) faz alusão à ideia de transição do capitalismo pesado para o capitalismo leve. Naquele havia um lugar para o sujeito onde se desenrolava um tipo de trabalho para toda a vida. “Em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava” (Bauman, 2001, p. 70). As implicações desse tipo de transição é que o estágio leve trouxe um grande número de incertezas e hesitações, “o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e não na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão” (Bauman, 2001, p. 73).

Está em pauta, portanto, a posição ocupada pelo indivíduo, uma vez que tudo passa a ser posto para, por e pelo indivíduo. Cabe a este, sobre o peso que as infinitas escolhas que o capitalismo leve possibilita, “descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível” (Bauman, 2001, p. 74). A propósito, se no capitalismo pesado havia autoridades que ordenavam o que deveria ser feito, no capitalismo leve isso passa a não fazer mais sentido, uma vez que: “é por cortesia de quem escolhe é que a autoridade se torna uma autoridade” (Bauman, p. 76). O indivíduo é o centro até mesmo na doença, como pode ser visto nos cuidados que concernem às terapias. Ou seja, as preocupações passam a ser privadas, referentes, mais uma vez, ao que as próprias pessoas podem realizar cada uma para si mesmas. A questão pública, dessa maneira, fica às voltas de como os indivíduos definem seus problemas e como eles enfrentam, com habilidades diversas, matizadas por inúmeras fórmulas, suas dificuldades rotineiras.

Antes de Bauman, Lasch (1983) antevia a cultura do individualismo competitivo extremo, a guerra de tudo contra tudo junto à busca da felicidade centralizada no eu narcisista. O ser pós-moderno, para esse mesmo autor, está completamente a mercê dos acontecimentos. Na repetição de ser levado por suas próprias ações, é encadeado em vida à dimensão da excitação e do deslumbramento. Na cultura do narcisismo, o prognóstico Laschiano volta-se para o homem cujo “mundo público passou a ser visto como um espelho do eu” e “as pessoas perderam a capacidade de distanciamento e, conseqüentemente, do encontro lúdico, que pressupõe um certo distanciamento do eu” (Lasch, 1983, p.51).

A cultura do narcisismo Laschiano e a vida para consumo de Bauman entrelaçam-se, embora a forma de adjetivar os contextos pós década de 1970 não se assumam como iguais. Por

sinal, a habilidade de administrar impressões que o indivíduo transmite aos outros, junta-se à preocupação destes de se sustentarem enquanto consumidores. Tanto o primeiro, quanto o segundo desdobram-se sobre o cenário social e às exigências do mercado de trabalho. A saber, o mundo sustentado por uma sociedade de consumidores é marcada pela impossibilidade de se tornar sujeito sem antes virar mercadoria. Para Bauman (2008, p. 20)

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A "subjetividade" do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável.

A sociedade de consumidores não se fundamenta sobre o desejo humano de segurança e os sonhos de um "Estado estável". O consumismo se associa à promessa de felicidade com o paradoxo de sustentar somente a promessa e sua infinidade crescente de desejos e vontades. Não é a satisfação que torna o projeto de consumo da modernidade líquida, mas o volume da compleição por comprar. Isso implica diretamente em sempre existir a imediaticidade dos objetos comprados e sua substituição em direção à satisfação momentânea (Bauman, 2008). As necessidades criadas nesse contexto exigem incessantemente novas mercadorias e, conseqüentemente, novos desejos, demandas, inaugurando, assim, uma era de "obsolescência embutida" dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo" (Bauman, 2008, p. 45).

A descontinuidade do tempo enlaça outro tipo de experiência com os fenômenos da vida. A questão se volta sobre o aproveitar o momento, a oportunidade. No Brasil, existe o ditado

popular referente à "sorte não bater duas vezes na mesma casa". A segunda chance, a não promessa de retorno e as negociações sobre o produto a ser vendido, marcam decisões mobilizadas por uma aposta completamente sem garantias. Em contraposição com a ideia de prudência, que demanda tempo, pensamento e estratégia, a velocidade e a descontinuidade da experiência temporal no contemporâneo atravessa as subjetividades.

A pressa é explicada pela necessidade de descartar e substituir. Mais que isso, a necessidade está justamente em se atualizar junto à moda e o que há de mais novo na tecnologia, nas informações, dentre outros veículos de consumo. É impressionante notar, quando se fica atento às notícias do dia, o quanto algumas horas são importantes para acompanhar as informações sobre o país. Junto das inúmeras declarações afrontosas tanto do presidente dos EUA, quanto do presidente brasileiro, por exemplo, atualizar-se significa apertar "enter" nas principais páginas dos maiores jornais e tentar corresponder minimamente com as atualizações de minuto a minuto. Não somente pela imensa capacidade de desatinos de ambos os presidentes eleitos, mas pela intrusão das informações e imediaticidade destas. Se, antes, o jornal do dia representava as maiores notícias do dia anterior, hoje, alguns minutos mudam a trajetória da política e da dinâmica do mercado.

O tempo é essencial no capitalismo. De modo geral, a condição para se criar vontades, desejos, vida, necessariamente, corresponde à criação de dinheiro e consumo em uma dada condição temporal. Fala-se em versatilidade, velocidade, imediaticidade. O domínio do tempo é o segredo do poder no capitalismo contemporâneo. Se se pode a favor do tempo sem a dificuldade da distância, servindo-se daquilo que os cabos de fibra ótica conduzem em sua viralidade instantânea, a experiência se aplaina. Primeiro porque a experiência, necessariamente, está relacionada com o espaço da falta. Segundo, como muito bem define Bondia (2002),

experiência é o que “nos passa”, “nos acontece”, “nos toca”. Nesse ponto, os acontecimentos são postos em um tempo presentificado, completamente positivo, longe da possibilidade da experiência.

Jameson (2006) coloca o tempo ao lado da função da velocidade. Para esse autor entramos em uma nova temporalidade marcada pela experiência e o valor da mudança perpétua que passam a comandar a linguagem e os sentimentos. A profusão de um número ilimitado de novidades para o indivíduo subverte a temporalidade para a afirmação de algo que institui o novo. O que isso quer dizer? Quer dizer que o supremo valor do novo e da inovação, frente à quantidade de estímulos, bens de consumo, atualizações etc., desaparece. Frente à incessante mudança, Jameson (2006, p. 106) escreve: “a mudança absoluta é igual à imobilidade”. O autor nos leva ao paradoxo referente à persistência do igual através da absoluta e perpétua mudança só conseguir exigir de diferente o seu oposto, onde a única mudança radical se concebe a partir do fim da própria mudança.

Portanto, Jameson (2006, p. 108) assinala:

[...] a temporalidade que a modernização inspirou (em suas várias formas produtivas, comunistas e capitalistas) foi exitosa por uma nova condição, na qual a antiga temporalidade não existe mais, restando apenas uma aparência de mudanças caóticas que não passam de meras imobilidades, uma desordem [...].

O pensamento de Harvey (2003) conflui com o que Jameson (2006) nos ensina. Para aquele autor houve uma aceleração do tempo de giro no processo da troca e de consumo; o que está em pauta, nesse sentido, é a transição da acumulação flexível por meio das novas formas organizacionais e novas tecnologias produtivas. As mudanças no atual capitalismo se pautam em

novas soluções para os grandes problemas do fordismo e do Keynesianismo. Com os sistemas de comunicação aperfeiçoados e, conseqüentemente, com o fluxo de informações e a racionalização das técnicas de distribuição espantosamente melhores, não é difícil supor que a rápida circulação de mercadorias no mercado também cresceu acarretando mudanças nos hábitos de consumo e estilos de vida. A moda, as maneiras de pensar, sentir e agir também foram influenciadas pela aceleração dos meios de produção sobre os desígnios da volatilidade e da efemeridade (Harvey, 2003). A obsolescência e a descartabilidade são palavras que conjugam a dinâmica social. O descarte, a propósito, significa:

[...] mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares pessoas e modos adquiridos de agir e ser. (Harvey, 2003, p. 258)

O produto máximo do capitalismo é o que se extrai em desejo, vida, dinheiro e consumo utilizando-se do tempo. Essa extração, em suma, substitui a temporalidade lógica, para outra que inclui o tempo em sua dimensão de produção. De outro modo ganha-se tempo ou perde-se tempo para a maquinaria do capital. A lógica do consumo parece se aplicar a essa dinâmica, uma vez que interessa ao capital a produção de mais capital em termos de produção de mercadoria e consumo.

O que coloca em questão a sociedade em voga é a atenção ao que se quer, deseja e almeja. A substância das vontades, desejos e anseios humanos são também transformados na passagem ao consumismo. Tendo em vista o que foi dito, o que aqui se aplica é um processo de transformação da regra do mercado de bens para o domínio dos vínculos humanos, onde até

mesmo as relações amorosas não escapam da objetificação e consumo. Uma vez que tanto a permissão, como a prescrição do consumidor se volta ao ato de rejeitar e substituir um objeto de consumo que não traz satisfação. Rejeitar ou substituir são duas modalidades que convivem na lógica binária da ‘vida para o consumo’. As relações de parceria amorosa, portanto, encaram novas modalidades de expressão.

Nesse sentido, a principal força operativa da sociedade se coordena a partir da lógica de consumo, integrando, estratificando e formando um papel importante nas formas de identificação de si para consigo e de sua relação com os outros. Da mesma forma, as maneiras de se viver pendem a políticas individuais de *follows* ou *unfollows*, gosto ou não gosto, tanto vistas nas redes sociais. De maneira paradoxal, os indivíduos são classificados assim por causa de sua “luta para obter e monopolizar as prerrogativas do consumidor soberano” (Bauman, 2008, p. 32). Os sites de relacionamento como o *tinder*, bem como os grupos de bate-papo com finalidade de encontros amorosos, são expressões dessa nova configuração.

O *tinder*, por exemplo, mostra-se como um cardápio imenso de pessoas, sugerido pelo aplicativo segundo a proximidade dos usuários, utilizando-se da interface de outros dois aplicativos e sites (Facebook e *spotify*). Esse aplicativo coloca os usuários para deslizarem o dedo sobre a tela para a direita, caso estejam interessados no perfil visualizado, ou deslizarem o dedo sobre a tela para a esquerda, caso não estejam interessados. Um usuário só sabe da intenção de outro quando ambos deslizam o dedo para a direita (acontece o *match*). A partir de então são colocados para conversar e marcar um possível encontro. Aqui temos um dos exemplos que nos aproximam da ideia de Bauman sobre o contemporâneo. Definitivamente, para Bauman (2008, p. 76):

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo que raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a co-modificação ou re-comodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis.

Ser famoso, ganhar curtidas e “ameis”, tornar-se notado, significa ser comentado por todos e, portanto, ser quisto por muitos, da mesma forma como “sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas e nas telas de TV” (Bauman, 2008, p. 21). É interessante notar que revistas e telas de TV parecem antiquados ao contemporâneo, uma vez que tudo o que pode ser visto está menos naquilo que é impresso. O digital, pelos componentes relacionados ao “toque” (poder tocar da tela do celular) e aos avanços da tecnologia de dados, impõe ainda mais a divulgação e o acesso às fotos, aos “*follows*” e a viralização de um evento em tempo imediato.

A força do digital sobre as vidas é a nova corrida pelo monopólio dos bolsões de consumo (os big data). Byung-Chul Han (2018) chama atenção para o fato de que o “homem digital” não consome informações passivamente, porém, replica-as e as produz ativamente. Nessa dinâmica de replicação e produção, os grandes sites passam a deter uma quantidade de informações impensadas anteriormente. Com a quantidade de cliques e com a ajuda dos algoritmos, as informações vão sendo alocadas em bolsões precisos de consumo. Arrefece-se quem promove o quê, quem coloca um produto e quem o escolhe. A viralização de perfis, fotos, informações, “*follows*”, parecem depender somente de quem consegue se atentar aos bolsões de informação, para isso os “influenciadores digitais”. Entretanto, essa discussão faz mais sentido

na radicalidade da racionalidade neoliberal<sup>16</sup>, diferente da modernidade líquida defendida por Bauman.

Nesse sentido é impressionante como, em 1983, Lasch conseguiu antever a força que a imagem produzia nas formações subjetivas. Debord (2003) também dá enfoque à questão da imagem e a formação do vínculo social a partir da máxima do espetáculo. Entretanto, antes de nos adentrarmos no pensamento deste último autor, a aproximação entre os Lasch e Bauman nos é necessária para elucidar o quanto a vida para o consumo se vale de algo referente ao que se entende pelo narcisismo em Lasch. Ambos colocam a sociedade sobre a figura máxima de um “eu”, do auto-centramento, da individuação ou atomização social. Mais que isso, a confluência entre esses dois autores nos serve para entender um tipo de existência que versa sobre a ansiedade ante a uma realidade instável, violenta e cada vez mais desconfiada na coletividade (Bittencourt, 2010).

Assim, as contingências, gestadas dos anos 1980 em diante, incluem um sujeito “insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais quer preencher um vazio interior, aterrorizado com o envelhecimento e a morte” (Lasch, 1983, p. 63). Lasch (1983) se aproxima da psicanálise para pensar a construção do mundo pela via inconsciente. Para ele, na cultura do narcisismo, o sentimento social é de um perpétuo desconforto, onde o investimento na identificação das imagens do eu se apresenta como defesa. De outra forma, se o mundo é mau, sobra ao “eu” provar que há no “eu” algo inteiramente bom. A partir dessa premissa, Lasch

---

<sup>16</sup> Algumas páginas a frente veremos um pouco mais detalhadamente o que se entende por racionalidade neoliberal. Entretanto, à guisa de conhecimento primário, a racionalidade neoliberal inclui um tipo de sujeito que extrapola os espaços trabalho, cultura e lazer. Esse sujeito chamado neoliberal é aquele que se funde com os valores empresariais e que toma a si próprio como um grande combatente, um concorrente. O sujeito neoliberal é, antes de tudo um competidor, tanto compete com os outros, quanto consigo mesmo. Toda a atividade do sujeito neoliberal está para a máxima valorização de si.

(1983) discute as imagens do eu ideal como resultado de perspectivas megalomaniacas sobre o eu. Consonante a essa proposta, vemos na racionalidade neoliberal a amplificação daquele tipo de desconforto, bem como a ideia de que o eu deva ser ampliado, modulado, construído com a finalidade de dirimir as perdas e maximizar os lucros.

Sobremaneiramente, esse autor trabalha o narcisista na qualidade de sofrer terrivelmente a falta de um sentido para a vida. Suas contribuições também versam sobre os diagnósticos que ainda fazem parte do contemporâneo, principalmente a depressão. Em resumo, a hipótese laschiana sobre a depressão toma forma “não de pesar, com seu componente de culpa, descrito por Freud em “Luto e Melancolia”, mas de raiva impotente e “sentimentos de derrota por forças externas” (Lasch, 1983, p. 64).

Fazer-se mercadoria rentável faz parte dos pressupostos até aqui adotados. Fazer você mesmo, fazer de si mesmo, não apenas tornar-se, é a tarefa a ser cumprida. A constância da obrigação de ser o que o mercado impõe, seja por meio dos atributos da imagem, adotada pelo eu enquanto figura de proteção para o vazio através do narcisismo, seja pela demanda de fazer-se na compulsão pelos objetos consumidos, impõe outras leituras sobre a modalidade de se pensar a subjetividade.

Como foi escrito anteriormente, a imagem do indivíduo entra como parte do processo de construção do valor-mercadoria de si. Guy Debord (2003) em seu clássico “A sociedade do espetáculo”, inicia sua obra com o pressuposto de que a modernidade se constitui a partir de uma imensa acumulação de espetáculos. Contrário ao que se pode ter acesso à vida diretamente – isto é, cuja experiência se dava no encontro direto com os fenômenos que circundam a vida, sem a

mediação da imagem prefigurada pelo espetáculo –, a acumulação de espetáculos institui a “fumaça das representações”.

Na sociedade formulada por Debord as imagens são produzidas desligadas, desvinculadas dos aspectos da vida e, desta feita, “o espetáculo geral, como inversão concreta da vida, é um movimento autônomo do não-vivo” (Debord, 2003, p. 14). Trata-se de uma forma de ocupação total da vida unicamente por meio do espetáculo. Além disso, o espetáculo, por si só, é uma mercadoria. Uma forma de mercadoria que se generaliza e não encontra outra perspectiva de vida se não pela própria mercadoria, por si mesmo. Escreve Debord (2003, p. 32-33):

O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo. A produção econômica moderna estende a sua ditadura extensiva e intensivamente. Até mesmo nos lugares menos industrializados, o seu reino já se faz presente com algumas mercadorias-vedetas, com a dominação imperialista comandando o desenvolvimento da produtividade. Nessas zonas avançadas, o espaço social é invadido por uma sobreposição contínua de camadas geológicas de mercadorias. Neste ponto da <<segunda revolução industrial>>, o consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada. É todo o trabalho vendido de uma sociedade, que se torna globalmente mercadoria total, cujo ciclo deve prosseguir. Para o fazer, é preciso que esta mercadoria total regresse fragmentariamente ao indivíduo fragmentário, absolutamente separado das forças produtivas e operando como um conjunto. Assim, portanto, a ciência especializada da dominação se especializa: fragmentando tudo, em sociologia, psicotécnica, cibernética, semiologia, etc., velando pela auto-regulação de todos os níveis do processo.

A necessidade de destacar a obra de Debord nesse trabalho está na capacidade de ele perceber um grau de positividade que já saltava aos olhos do pensador em 1967. A força das imagens para a manutenção e mediação das relações sociais foi se desdobrando a ponto de chegar a um modo comum de vínculo social. O que não se torna visível é suspeito. Na atualidade, Byung-Chul Han (2017) tem chamado atenção para a transparência, para a pura positividade das sociedades contemporâneas. Para esse autor “tudo deve tornar-se visível [...]. E é nisso que está seu poder e sua violência” (Han, 2017, p. 35).

A transparência, o translúcido, é um adjetivo que tenta circunscrever a ausência do mistério, de sentidos para além daquilo que se pode extrair a partir da imagem. Se mirarmos na criação artística e na ideia de metáfora estaremos incorrendo ao erro quando nos havemos com o pensamento de Byung-Chul Han (2017). Na *sociedade da transparência* a linguagem é mecânica e evita qualquer tipo de ambivalência ou estranheza. Não há motivos para ir além, na realidade, é contraproducente, pois incorre em tomar tempo, perder, uma vez que o que interessa é a velocidade de troca e nada mais.

Sociedade, imagem e tempo são comprimidos para sustentar a produtividade do capital (Han, 2017). A primeira é deposta das singularidades que a compõem, tudo se iguala a tudo, em uma espécie de reação em cadeia do igual. A segunda torna as coisas rasas, planas para a viralização da comunicação e das informações. O terceiro é aplainado “na sequência de um presente sempre disponível”. Para Han (2017), tudo é transformado em mercado e, portanto, deve ser exposto, cada indivíduo é seu próprio objeto e propaganda.

A despeito da produção material, engendrada nas últimas décadas e da ascensão do capitalismo global, o neoliberalismo tem sido apresentado como o grande responsável por

manusear as subjetividades em prol da circulação e da expansão do mercado mundial. Este modelo econômico, segundo Dardot e Laval (2016), longe de ser simplesmente uma ideologia, é uma racionalidade que cria formas de existência, organiza não apenas a ação dos governos, como também dos governados. De modo que é a partir da liberdade destes que se instaura o princípio de governamentabilidade (ou práticas, procedimentos e técnicas de gestão dos homens). Isto se dá através da ideia de que o “indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega” (Dardot e Laval, 2016, p. 327). A princípio, essa é uma das características do contemporâneo e de seu *modus operandi* que contribui para pensar seu mal-estar inerente.

*A priori*, como foi mencionada, a racionalidade neoliberal promove a produção de sujeitos comprometidos com o máximo de desempenho de si para o mercado. Trata-se, extraordinariamente, da utilização, da extração de trabalho da máxima capacidade possível dos homens. A prerrogativa do sujeito neoliberal, não somente, é tornar-se empresário de si, assim como aquele que encarna ser o próprio ideal de controle de si, expressão máxima de sua liberdade servil. Dessa maneira, a norma que aqui vigora é viver em um universo de competição generalizada, onde o que existe é colocar todos os agentes sociais em permanente luta econômica uns contra os outros (Dardot e Laval, 2016).

A violência, portanto, é de si para consigo. A topologia da violência (Han, 2017), ademais, não se desdobra sobre manifestações macrofísicas da violência que aparecem na forma de negatividade, ou seja, de relações que concebem a tensão entre polos – dentro e fora, alter e ego, amigo inimigo. Han (2017) ajuda a pensar na diferença entre a violência da positividade e da negatividade; a primeira é associada à desoneração da negatividade do outro e do que é

alheio, bem como de uma espécie de “*spamização*” da linguagem, da supercomunicação, da superinformação, da massa de linguagem, de comunicação e de informação”; a segunda concebe a relação entre extremos.

É certo que Han (2017) está trabalhando a partir de seu contexto europeu de análise. Entretanto, em países cuja história é marcada pelo colonialismo, o incremento do tipo de violência tratado por Han (2017) nas últimas décadas é evidente. A isso dizemos que, além de vivenciar as múltiplas violências próprias de um país como o Brasil, incrementa-se outro tipo de violência relacionada ao conteúdo viral/positivo.

Para o autor a violência da positividade é mais fatal do que a violência da negatividade justamente porque aquela não é visível, falta-lhe abertura: “em virtude de sua positividade ela se suprime, inclusive, da defesa imunológica” (Han, 2017, p.10). Sintetiza:

O sujeito de desempenho pós-moderno é livre na medida em que não está exposto a qualquer tipo de repressão por instâncias de domínio externas a ele. Mas, na realidade, ele não é livre do mesmo modo que o sujeito da obediência. Quando a repressão externa é superada surge a pressão interna. Desse modo, o sujeito de desempenho desenvolve uma depressão e a violência continua se propagando a passos largos, apenas em seu interior. A decapitação na sociedade da soberania, a deformação na sociedade disciplinar e a depressão na sociedade de desempenho são estágios da mudança topológica da violência, que é sempre mais internalizada, psicologizada e, assim, acaba se tornando invisível. Ela vai se livrando mais e mais da negatividade do outro ou do inimigo, tornando-se autorreferente. (Han, 2017, p. 10-11)

Nesse ponto temos uma tipologia do exercício do poder que se compara à violência performativa onde o sujeito é passivo e ativo diante do modo de operar nas sociedades

neoliberais. Poder é sempre organização articulada para a obtenção de mais poder (Han, 2017). Já a violência é uma maneira de privar sua vítima de qualquer ação ou espaço, aniquilando-a (*idem*). O que se observa com essas preposições sobre o capitalismo contemporâneo é a supressão da criação de poder e uma institucionalização da violência como modo de operar sobre o psiquismo cada vez mais centralizado na figura do indivíduo. O excesso de positividade, ao qual Byung-Chul Han (2017) também se atenta está para a saturação e a exaustão, não apenas se expressando na repressão, mas na depressão. Trata-se de um tipo de violência microfísica de modo cada vez mais implícito e implosivo.

O modo de operar desse tipo de violência assombra por vincular sintomas que se expressão como contrapartidas dos excessos da positividade, a partir de tipos de ausências mortíferas. Em “Desaparecer de si: uma tentação contemporânea”, David Le Breton (2018), ajuda-nos a entender essa reação ao excesso de positividade. Em síntese, os indivíduos vão se apagando, deslizando para o não lugar, desistindo do mundo com discrição. O autor fala do “branco” enquanto “um fechamento à situação, uma desaceleração da energia que impele a viver *minimamente*, e até mesmo uma interrupção, ou uma espécie de postura zen visando um desligamento total” (Le Breton, 2018, p. 23).

Desaparece-se de diversas formas: desde a depressão, o engajamento exaustivo no trabalho, a falta de vontade de sair de casa, o uso consciente de medicamentos para dormir, até a procura por adoção de novas identidades em outros países. Dessa forma, um dos sintomas gestados no contemporâneo se mostra através da vontade sumir, do desfazer a própria identidade, do dissolver qualquer tipo de vínculo que, por ventura, esforça-se em se sustentar na criação de uma imagem para si.

Na impossibilidade de encontrar uma relação de sentido adequada no mundo, as sensações se impõem para oferecer um recipiente propício. O sentimento de si limita-se então à sua repetição para se sentir vivo e protegido em uma existência que não deve mais nada ao vínculo social ordinário. (Le Breton, 2018, p.129)

Le Breton (2018), quando se refere à ‘tentação’ do desaparecimento de si, escreve que os sujeitos se despojam, esvaziam-se do abscesso de ser alguém a partir de um progressivo apagamento. Esse apagamento lembra o fechar das cortinas de um palco, cuja encenação outrora vigorava uma forma de vida. O indivíduo sente o fado de ser si mesmo, “recusa qualquer reconhecimento social, existe no meio dos outros como um fantasma, como uma sombra separada de sua pessoa” (Le Breton, 2018, p. 23). Frente a essa recusa, a tessitura das relações do sujeito encontra uma espécie de “depreciação da identidade, um não lugar onde as obrigações impostas pelo mundo circunstante são suspensas” (*idem*, p. 17).

Desse modo, depreende-se que na sociedade do desempenho, da nova racionalidade neoliberal e de seu sintoma relacionado ao desaparecimento de si, existe um sujeito específico cuja apreensão envolve a dureza de ser unário, prioritariamente, auto-produzido e fraco em alteridade. A isso temos outra forma de conceber o que em Durkheim se pensa segundo o conceito de anomia. A derrocada das instituições enquanto mediadoras da vida em sociedade nos coloca em face de uma crise generalizada ante as estruturas sociais. A anomia é um dos conceitos que reintroduz a noção de patologia do social, segundo Alves, Sanches, De Luccia (2018). Essas autoras, ao compreender a organização do capitalismo na atualidade pela vida da anomia puderam identificar:

[...] um paradoxo no qual, ao mesmo tempo que os indivíduos ganham liberdade, eles sucumbem ao desamparo frente ao surgimento de uma atmosfera de indeterminação. O

relaxamento da regulação moral, a descrença na ciência, a falência do Estado e a reorganização no campo do trabalho produziram efeitos sistêmicos nas formas de vida contemporâneas. A conquistada mobilidade social e a valorização do individualismo vieram acompanhadas de situações de sofrimento derivadas de uma desorientação quanto ao significado da vida. (Alves, Sanches, De Luccia, 2018, p. 126)

Essa retomada ao conceito de Durkheim nos coloca às voltas da existência do Outro no contemporâneo e o pensar sobre as indeterminações da anomia do ponto de vista do sujeito. Portanto, a pergunta que se faz é: de quais formas a indeterminação da razão neoliberal, com vistas à anomia social, pode produzir um tipo específico sofrimento que conduz ao apagamento do desejo?

O que se afigura, portanto, é outro pressuposto envolvendo o Outro e a possibilidade de abertura do sujeito dividido. Nesse sentido, cabe repensar as proposições psicanalíticas referentes ao sujeito e sua implicação no mal-estar contemporâneo, uma vez que este envolve diretamente uma forma específica de querer por fim à própria vida ao abrir mão, de maneira radical, de ser para si e para o Outro.

### **3.2 O Outro está para o sujeito e seu mal-estar**

A cobrança e o marcador relativo ao desempenho neoliberal, na economia capitalista, opera no sujeito um tipo de liberdade paradoxal, sobre a qual, ao mesmo tempo em que está livre “da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo” (Han, 2017, p. 29), é soberano a si próprio, submisso a uma autoexploração onde “o explorador é ao mesmo tempo o explorado” (Han, 2017, p. 30). Segundo essa premissa, o problemático na atualidade não é “a concorrência individual em si, mas sua autorreferencialidade, que a intensifica em uma concorrência absoluta” (Han, 2017, p. 79). Os aplicativos e a instrumentalização das formas de

trabalho por meio dos primeiros, entremostam a intensidade dos efeitos da racionalidade neoliberal.

Sendo assim, o agente causador do sujeito do desempenho concorre permanentemente contra si próprio e se vê às voltas da “coerção destrutiva de ter de superar-se” (Han, 2017, p. 79). Talvez isso tenha ficado claro na primeira parte deste trabalho. Dardot & Laval (2017) não medem esforços para sinalizar que, sob a égide do neoliberalismo, é precisamente a pluralidade das subjetividades em marcha, ou ainda o peso do mundo que recai sobre o “indivíduo-Atlas”<sup>17</sup> que está em questão. Sobre o peso da modelagem da sociedade pela empresa, o passo inaugural do sistema econômico em voga foi inventar “o homem do cálculo, que exerce sobre si mesmo o esforço de maximização dos prazeres e das dores requeridos pela existência de relações de interesse entre os indivíduos” (Dardot & Laval, 2017, p. 326). Se antes as instituições funcionavam como marcadores dos comportamentos, com a qualidade de mediar os diversos conflitos do homem em sociedade, o momento neoliberal homogeneiza o discurso dos homens em torno da figura do grande empresário de si (*idem*).

---

<sup>17</sup> A alusão, que aqui se delinea, refere-se à punição de Zeus ao titã Atlas na mitologia Grega. Juntando-se a outros titãs com o intuito de alcançar o poder supremo através de uma batalha contra o Olimpo de Zeus, Atlas e seus irmãos são derrotados e condenados a castigos eternos. Este personagem, especialmente, foi forçado a sustentar o peso dos céus no dorso para sempre. Hesíodo (1995, p. 103-104) escreveu:

“Jápeto desposou Clímene de belos tornozelos  
virgem Oceanínia e entraram no mesmo leito.  
Ela gerou o filho Atlas de violento ânimo,  
pariu o sobreglorioso Menécio e Prometeu  
astuto de iriado pensar e o sem-acerto Epimeteu  
que foi um mal dês o começo aos homens come-pão,  
pois primeiro aceitou de Zeus moldada a mulher  
virgem. Ao soberbo Menécio, Zeus longividente  
lançou-o Érebo abaixo golpeando com fúmeo raio  
por sua estultícia e bravura bem-armada.  
Atlas sustém o amplo céu sob cruel coerção  
nos confins da Terra ante as Hespérides cantoras,  
de pé, com a cabeça e infatigáveis braços:  
este destino o sábio Zeus atribuiu-lhe”.

A racionalidade neoliberal conclama o sujeito como parte integrante da máquina produtiva. A racionalidade, nesse sentido, é a maneira de gerir, instrumentalizar, capacitar as subjetividades a partir da generalização da concorrência. A isso os autores Dardot & Laval (2016) conjecturam a não somente a ação dos governantes, mas a conduta dos governados a adotarem como regra e princípio a concorrência universal. Isto é, junto à conduta dos governados, a racionalidade neoliberal está para a capacidade do indivíduo se auto-produzir competitivo por meio de discursos, práticas e dispositivos. Desse modo, são inúmeros os recursos a serem postos para a máxima construção do indivíduo-empresa para uma boa performance competitiva: a isso as inúmeras derivações de coachings, programadores neurolinguísticos, dentre tantas técnicas psicológicas ou não para dirimir o estresse do mundo competitivo e a maximização da cognição e das funções psíquicas e comportamentais.

Dardot & Laval (2017 p. 327) pensam que, no atual contexto, o governo dos sujeitos passa necessariamente pela subjetividade. Esta deve ser reconhecida na parte irreduzível do desejo que a constitui:

*o desejo com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder. Ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder, ele é o substituto dos dispositivos de direção das condutas. [...] As novas técnicas da “empresa pessoal” chegam ao cúmulo da alienação ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação: obedecer ao próprio desejo ou ao Outro que fala em voz baixa dentro de nós dá no mesmo.*

É interessante notar que os autores utilizam a noção de Outro lacaniano. Em seguida, na mesma página, eles dizem: “a gestão moderna é um governo ‘lacaniano’: o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Desde que o poder moderno se torne o Outro do sujeito” (Dardot & Laval, 2017 p. 327).

Ainda que existam distanciamentos na forma de entender o Outro lacaniano e a figura do desejo em psicanálise, a aproximação dos autores Dardot e Laval (2017) é válida. Primeiro, porque nos convida a entrarmos na existência ou não do Outro, ou de que Outro estamos falando quando entramos no território da subjetividade neoliberal. Segundo, porque o social comporta seu *pathos* e este se arrasta em direção aos tratamentos clínicos em psicanálise, junto aos seus diversos contextos. Até agora, aproximamo-nos de um Outro que goza sem concessões e dificilmente se faz ver como tal.

Entretanto, muitos psicanalistas têm recebido um montante de pacientes que são marcados pela inocuidade de algo que lembre a figura do Outro, a figura da função do pai como interditor e ‘organizador’ do gozo. Encontramos problemas que nos forcem a repensar nossas articulações teóricas e metodológica para lidarmos com a subjetividade contemporânea.

Com efeito, é evidente que o Outro do qual se fala é aquele que parte da figura paterna. Desse modo, dentre os psicanalistas que se debruçaram a estudar o Outro no contemporâneo, aproximamo-nos dos apontamentos sobre a sua figuração a partir de Melman (2008), Lebrun (2008), Quintella (2016) e Dufour (2005).

Melman, (2008), referente à derrocada da figura do Outro, e principalmente da relação do sujeito com o gozo do Outro, destaca que houve uma mudança na ideia de castração<sup>18</sup> nas sociedades contemporâneas. A castração, a saber, enquanto sinônimo da falta do ser que captura o sujeito na linguagem e evoca a dimensão Outra, mostra conceitualmente, desde a teorização freudiana, a posição da ‘falha’. Nesse sentido, ao observar as relações na atualidade, Melman

---

<sup>18</sup> Castração enquanto sinônimo de “falta de em ser que a captura de cada sujeito na linguagem implica [...] A confrontação com a angústia de castração (confrontação com o pai) é normalizante para o sujeito, já que ela o obriga a abandonar sua posição de onipotência imaginária de criança (ele era o falo - cf. abaixo Falo - para a mãe)” (Melman, 2018, p. 200).

(2008) sinaliza que, em alguma medida, a castração não tem se apresentado. Desse modo, se essa dimensão, efetuada pela cultura, falta a própria dimensão da falta e da condição do desejo se faz alterada.

Quintella (2016), ao retomar o ponto de vista da constituição do sujeito em Lacan, escreve sobre como a perda do objeto é intrínseca ao que está em jogo na travessia do complexo edipiano. Esse autor nos lembra que o Édipo, a privação e o ideal do eu estão diretamente associados à não existência do complexo edipiano sem o pai. Uma vez que este assume a função de fundar a lei no Outro. O pai, portanto, tem como função servir de barra do gozo absoluto que engendra o desejo.

É diante dessa noção de interposição da lei e de seu compromisso em barrar o gozo absoluto que Melman (2008), frente ao que ele chama de incontestável “crise das referências”, repensa o contemporâneo. Segundo o autor, o gozo na atualidade passa a não existir sem o “acoplamento com o gozo fálico”, tratando-se de “uma desconexão em relação ao gozo fálico de tal modo que o gozo aqui implicado não funciona mais em solidariedade e não poderia, portanto, ser referido ao Outro” (Melman, 2008, p. 63).

O gozo passa a estar ligado a uma nova economia psíquica. Tanto Melman (2008) quanto Lebrun (2008) pensam em um tipo de gozo que privilegia o seu objeto. O novo sujeito, como escreve o primeiro, gira “ao redor do objeto sem nenhum estilo, sem que possam ser identificadas as modalidades de seu percurso, se nenhuma identidade segura, sem nenhuma personalidade” (Melman, 2008, p. 144).

Melman (2008) discute, quanto a ausência da dívida do sujeito com seu passado, a possibilidade do retorno a um sujeito dessubstancializado de seu inconsciente. Quando não há a

figura do Outro e o papel da autoridade dos pais, para além disso, é reduzida a “apenas ao seu papel de genitores, de reprodutores, como na zoologia” (Melman, 2008, p. 124), modifica-se a relação do sujeito com seu inconsciente. Trata-se de subjetividades que se veem libertas de todas as dívidas para com as gerações anteriores, “produzindo” um sujeito que crê poder fazer tábua rasa de seu passado” (*idem*, p.12).

Ainda quanto à nova configuração da economia psíquica, a possibilidade de existir um inconsciente sem interlocutor é o que tem sido pensado por Melman (2008). Nessa perspectiva, teremos:

[...] um singular, um estranho retorno ao que era a situação pré-cartesiana, de antes da aparição do “eu [je]” do *cogito*. Haverá vozes das profundezas, vozes diabólicas que o sujeito não reconhecerá como suas. [...] Vemos surgir na realidade esse “homem sem qualidades” de que Musil falou. Com uma existência que, de uma certa forma, poderíamos julgar liberta, liberada, mas que se verifica, por um outro lado, extremamente sensível às sugestões. A ausência de referências, de laço com um Outro, correlativas de um engajamento do sujeito, o torna extremamente sensível a todas as injunções vindas de outrem (*idem*, p.124-125).

A falta de ancoradouro simbólico para as subjetividades também está presente no pensamento de Pierre Lebrun (2008). O que se evidencia é a crise do modelo teológico, juntamente com a crise da autoridade. Há a dissolução da “questão mais difícil de resolver para cada humano, isto é, a hierarquia que resulta da diferença dos lugares instaurada pela fala” (*idem*, p. 138). Entre esses dois aspectos, crise da autoridade e da hierarquia, duas dificuldades se

apresentam: como “ocupar um lugar prescrito pela lógica social” ou como “encontrar para si seu lugar e mantê-lo por si mesmo” (*idem*, p. 138).

Desse modo, identifica-se o surgimento de um novo sujeito, assimilado por uma horizontalidade generalizada que interpõe as dificuldades de se estabelecer limites ao gozo<sup>19</sup> (Lebrun, 2008). Principalmente porque estão cada vez mais destituídos de algum tipo de regulação. Apesar da horizontalidade e de uma economia globalizada, a cultura opera segundo a lógica de padronização do pensamento. A mutação dos laços sociais, grosso modo, é implicada pela ausência desse Outro, em uma espécie de esfacelamento da interação entre singular e do coletivo.

Ademais, a horizontalidade é indicada segundo a máxima da vida privada em detrimento das perdas que envolvem viver em sociedade (Lebrun, 2008). Em outros termos, o homem pós-moderno quer ter o direito de ser quem imagina que seja, sem as implicações de que algo possa lhe faltar.

Em muitos casos da clínica atual, esse esfacelamento indicado pela ausência do Outro em muito se aproxima da existência de uma espécie de evanescência do ideal de eu (Quintella, 2016). As subjetividades não têm encontrado espaço psíquico para elaborar para si um ideal de eu constituído, justamente devido à falta de uma figura assimétrica que lhe “dê sustentação para as identificações secundárias” (*idem*, p.120). Isso implica em uma “fugacidade na identificação secundária edipiana” (*idem*, p. 120) que não tem o pai como sustentáculo dessa identificação.

---

<sup>19</sup> Lebrun (2008) parece concordar com Melman (2008) sobre a dificuldade de ‘operar’ no gozo dos ‘neo-sujeitos’, principalmente quando o que se apresenta é a ausência da castração.

Nesse sentido, para Quintella (2016), diferentemente da concepção de perversão relativa à questão do desmentido a lei propriamente dita, a neurose contemporânea envolve algo da negação do pai como ideal. O neurótico pós-moderno desmente a privação. Ele sinaliza que no lugar da figura do pai o sujeito coloca sua própria fantasia de “onipotência narcísica, subjugada à representação da Criança Maravilhosa<sup>20</sup>, cujo corolário é a gama de sofrimentos que despontam na contemporaneidade, implicados em experiências de excesso e em sintomas depressivos” (Quintella, 2016, p. 120).

Assim, o imperativo de gozo característico na pós-modernidade apresenta nuances em relação aos sintomas clássicos da neurose. Quintella (2016) formulou o conceito ‘desmentido da privação’ para tentar compreender o homem contemporâneo. Esse conceito caracteriza-se como “uma forma de defesa que prepondera na atualidade, redundando num empuxo ao gozo, bem como em um mergulho ao imediatismo da satisfação pulsional” (p. 123). O supereu, diferente daquele anunciado por Freud - cujos valores eram mediados pelo ideal, fundamentado na punição ao eu enquanto maneira de satisfazer o masoquismo –, aparece “desmedido, violento ou compulsivo” (*idem*, p. 123). De mais a mais, o ‘desmentido da privação’, enquanto movimento defensivo, tem como objetivo furtar-se da castração.

Paradoxalmente, embora a percepção do excesso faça pensar em um tipo de gozo ‘desenfreado’, alguns sintomas do sujeito contemporâneo parecem engendrar um *apelo ao pai*, especialmente a tentativa de encontrar um limite que o remeta ao que faz barrar o gozo (Quintella, 2016). Ainda que esse apelo se dirija à dimensão do excesso cuja contraface é a

---

<sup>20</sup> Esse conceito é retirado da obra de Serge Leclaire, cujo título é “Mata-se uma criança: estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte”.

barreira que impõe o corpo frágil ou a própria morte. Trata-se de “um sujeito interditado, inscrito na nomeação do desejo, mas cujo pai fracassa no nível do *ideal do eu*” (*idem*, p.126).

A abertura para se pensar o contemporâneo e sua lógica performativa, tem como contrabalança, por exemplo, o cenário político brasileiro atual. Surge, no Brasil, duas vias de demandas, após 2013 e se radicaliza em 2018 e 2019, a salvação da corrupção e da crise por meio do neoconservadorismo e do liberalismo. Valores tradicionais como a família e o direito de defesa à propriedade entraram em acordo com o plano de não intervenção Estatal. A eleição do atual presidente da República também confere um tipo de apelo ao pai. Não sem alguma razão, o atual presidente era chamado pelos seus de ‘mito’ e como aquele que iria acabar de uma vez por todas com a corrupção generalizada engendrada pelos “Governos Petistas”.

O ‘pai’ é eleito com seus discursos disparatados e defendido como alguém que fala o que pensa ou diz o que todos querem dizer. Isso tem como resultado a condução de um tipo de verdade sobre a sociedade brasileira e se alinha à ideia de Quintella e os outros autores citados quanto ao apelo ao pai. Quiçá, um pai totêmico que desconhece os limites do poder, os limites do próprio gozo, cuja extração de sofrimento do outro torna impossível alianças alteritárias, a não ser aquela de fundamentar o próprio grupo de acordo com a máxima da criação de um inimigo externo.

O excesso e o gozo desenfreado trabalhado anteriormente, bem como o fracasso de se encontrar uma barreira que incluía a construção de um tipo de saber sobre si, vigora em outro conceito contemporâneo referente à possibilidade de se juntar migalhas verídicas. A pós-verdade é um dos conceitos que tenta incluir a noção de verdade pelas emoções e crenças daqueles que se vêm confrontados em suas capacidades de valorar sentido sobre algum evento. Em outras

palavras, a pós-verdade é uma extensão da verdade de si para si mesmo. Se antes havia a preocupação com a alteridade, e a dialética era uma correspondente para a tessitura de conceitos condizentes com algo referente ao valor-verdade, agora, a razão é obliterada pela sensação ou sentimento de mentira <sup>21</sup>.

Nesse sentido, frente ao lugar de exceção, onde fica a manifestação da falta? Onde o ideal de eu tem sido posto em xeque, a resposta psíquica é desmentir a privação e retornar à fantasia de onipotência narcísica. Há, portanto, nesse processo, um tipo de relação na qual o que predomina é a correspondência do “tudo ou nada” enquanto saída defensiva. Como bem escreve Quintella (2016, p; 126), “diante da castração, o sujeito contemporâneo engendra um discurso peculiar: “se não sou tudo, se não tenho tudo ou não posso tudo, tomo em meu ato o caminho do nada, ou até mesmo da morte””. Em síntese, Quintella (2016) ajuda a enunciar o quanto os ideais de eu são voláteis e mais se assemelham a um renovar de estoques de próteses identitárias.

A discordância em relação aos dois autores apresentados acima refere-se, em Lebrun (2008), ao sujeito contemporâneo recusar a castração. Entretanto, em Quintella (2016) o sujeito se inscreve no regime do recalque. Embora haja discordância entre os autores citados, há confluência na percepção de que os sujeitos tendem a agir como se pudessem tudo e, quando não, prestam-se ao perigo da morte. Em outras palavras, Quintella (2016) utiliza o conceito de desmentido não à recusa perversa, tal qual Lebrun (2008), mas inclui em sua teorização que o

---

<sup>21</sup> O próprio Bolsonaro, quando confrontado com os dados do INPE em 2019 sobre o aumento vertiginoso das queimadas no país, disse que “dados alarmantes de desmatamento prejudica o país”. Entretanto, sua posição é passível de questionamento pelo modo como se posiciona. Será que a preocupação do presidente era estrutural ou baseada em sua autoimagem? Além disso, em uma de suas entrevistas, ao dizer que os dados são mentirosos, não aponta outras fontes para contradizer o instituto de pesquisa. Sua resposta havia sido simples, não condizia com o seu “sentimento”: “*Até mandei ver quem é o cara que está à frente do Inpe para vir explicar aqui em Brasília esses dados aí que passaram para a imprensa. No nosso sentimento, isso não condiz com a realidade. Até parece que ele está a serviço de alguma ONG*”. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/07/21/bolsonaro-fez-ataques-inaceitaveis-diz-diretor-do-inpe.htm>

sujeito nega a privação como saída neurótica diferenciada. Em resumo: o sujeito se submete à castração e à lei simbólica

mas desmente a privação que engendra o ideal do eu na passagem do segundo para o terceiro tempo edipiano - o que leva ao desnorteamento e a conflitos que assumem hoje importantes dimensões na relação com o desejo e o gozo. (Quintella, 2016, p. 124)

Já Dufour (2005), embora concorde com o desmantelamento do valor simbólico<sup>22</sup>, ele coloca em jogo a forma como as trocas sociais estão cada vez mais ligadas ao aspecto mercadológico. É em relação à “queda dos ideais do eu e do supereu em sua face simbólica que se entranha o Mercado” (*idem*, p. 107). No vácuo do esfacelamento do Outro e no aparecimento do que seriam somente semblantes de um montante de Outros, o mercado provê ‘ideais de eu’ voláteis e em constante negociação. Essa lógica institui um ciclo de “fornecer e renovar constantemente um estoque de próteses identitárias” (2005, p. 184).

Nesse contexto, o domínio da atual narrativa da mercadoria seria, portanto, uma maneira de alinhar o desejo de cada sujeito, seja ele qual for (cultural, prática, estética, identitária, sexual etc), a “um objeto industrializável no mercado dos bens de consumo” (Dufour, 2005, p. 76). O desejo que, necessariamente, era entendido como “sem objeto”, portanto, torna-se muito diferente da lógica desejante demonstrada anteriormente. Em resumo, Dufour sinaliza que desejo, na contemporaneidade, encontra como solução a mercadoria. Aqui talvez resida um dos perigos de se pensar o desejo enquanto movimento em direção à mercadoria, pois, não se vale de uma estrutura que tem como referencial o desconhecido, a negatividade. Deixemos essa discussão em suspenso, por enquanto, porque voltaremos a ela no terceiro capítulo.

---

<sup>22</sup> Dufour (2005) demonstra em seu livro “A arte de reduzir cabeças” a destruição do duplo sujeito da modernidade, tanto o sujeito crítico kantiano, quanto o sujeito neurótico freudiano, emergindo, portanto, um sujeito mercadológico.

A proposta de Dufour (2005) é fazer pensar o quanto o mercado é poderoso a ponto de fazer os “grandes Sujeitos” se curvarem diante dele. A novidade está em perceber que:

O Mercado mantém uma verdadeira servidão voluntária: ele é ainda mais poderoso na medida em que é reconhecido em ato por tudo o que o mundo tem como consumidores prontos, desde sua mais tenra idade (pelas novas mídias), para o consumo das mais diversas mercadorias. (Dufour, 2005, p.79)

Dufour (2005) coloca em evidência esse conceito e inclui nessa problemática a ideia da existência de Outros ao invés da existência do Outro Lacaniano. O que interessou Dufour (2005) a pensar o lugar do Outro foi justamente a mutação “pós-moderna” das modalidades de subjetivação. Em um só tempo o Nome-do-Pai é o que vem no lugar do Outro e o significante daquele é o lugar da lei, isto é, da interdição.

É importante lembrar que não há plenitude no Outro, porém, uma paradoxal incompletude que, pega em falta, permite ao pequeno sujeito se engajar em perguntas. A isso Dufour (2005, p 32-33) diz: “só sou sujeito do Outro na medida em que posso pedir contas Em suma, sou sujeito do Outro na medida em que puder opor uma resistência ao Outro. [...] Em outras palavras, o sujeito é o sujeito do Outro e é o que resiste ao Outro”. Essa é a elucubração clássica de Lacan. Nesse ponto, Dufour (2005), contrário à ideia de um Grande Outro, postula sua reflexão, como já foi mencionado, a começar pela mudança nas modalidades de subjetivação. Há, portanto, uma matriz repleta de semblantes de Outros. A saber,

na pós-modernidade não há mais Outro no sentido do Outro simbólico: um conjunto incompleto no qual o sujeito possa verdadeiramente enganchar uma demanda, formular uma pergunta ou apresentar uma objeção. Nesse sentido, é idêntico dizer que a pós-modernidade é um regime sem Outros ou que a pós-modernidade é repleta de semblantes

de Outros, que imediatamente mostram o que são: tão cheios de presunção quanto as tripas. (p.59)

Dufour (2005) fundamenta seu pensamento segundo a crise das narrativas soteriológicas na atualidade. A premissa central é: fomos abandonados pelos discursos que amparavam os homens e suas existências. Esse autor não nega a permanência de grandes narrativas, porém, considera que em nome de um grande Sujeito, elas não são fundadoras de referência. Aqui a análise se distancia da de Dardot & Laval (2017) porque toma em consideração a capacidade da rede de Mercado forcluir toda relação do ser, uma vez que se trata de “um sujeito privado das questões impossíveis da origem e do fim” (Dufour, 2005, p. 87). A diferença está justamente naquilo que as trocas mercadológicas forcluem das relações ou do laço social. O emblema enredado por esse pensamento, aquilo que nos diz das trocas mercadológicas dessimbolizarem o mundo, coloca em questão o funcionamento trinitário da condição subjetiva, uma vez que esta tem sido posta em perigo (*idem*). Dessa forma, trata-se de um sujeito mutilado da abertura para o ser.

Em síntese, trata-se de pensar que o principal consumo do atual sistema é o próprio homem e o Outro do qual se fala, que daria abertura para o sujeito se constituir como tal, é retirado de sua condição primária. Em uma palavra, o capitalismo funciona tão bem que, um dia, consumirá a si mesmo, é autofágico. Em sua lógica, consumirá a natureza, os recursos provindos dessa e, em última instância, os indivíduos que o serviram e o criaram (Dufour, 2005). Questiona-se, nessa mesma dimensão, a destruição do duplo sujeito da modernidade e do sujeito neurótico freudiano, com o contraponto do surgimento de um sujeito impreciso, com contornos desconhecidos.

De todo modo, o que se faz evidente, após o percurso que se estabeleceu, é a ascensão de um novo discurso, aquele que Lacan nomeou de ‘Discurso do Capitalista’. Lacan (2011, p. 88) em “Estou falando com as paredes” formula que:

O que distingue o discurso do capitalismo é isso: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências do que já falei – rejeição de que? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor [...].

Braunstein (2010), além disso, escreve que o agente do discurso capitalista ““faz semblante” de ser o mestre, acredita não estar sujeitado a nada” (*idem*, p. 152). Interessa, portanto, acentuar a explicação de Lacan sobre como o discurso do capitalista desliza no discurso do mestre enquanto um discurso que não faz laço social e forclui a castração (Badin & Martinho, 2018).

Os *gadgets* e a eterna promessa da felicidade plena do sistema atual evoca o que já foi mencionado quando analisamos os autores citados que discutem o tema do consumo na contemporaneidade. Dar conta do vazio existencial, da falta, da castração por meio da promessa de objetos que falam pelo sujeito, que traduzem o que lhes falta, faz parte do que Lacan chamou de discurso do capitalista. Esse, a propósito, articula-se com a falta de maneira a iludir o sujeito quanto à possibilidade de tamponá-la. A proposta, desse modo, é prometer um gozo absoluto. É disso que se extrai a violência do capitalismo, uma vez que: primeiro, o gozo absoluto é impossível ao real; segundo, o próprio gozo está voltado a diferentes formas e fracassos que constituem a castração (Badin & Martinho, 2018).

Badin & Martinho (2018, p. 151) esclarecem como o discurso do capitalista opera:

Ao colocar a mais-valia como causa de desejo, movimenta o sistema capitalista, entretanto, essa perda, espoliação de gozo sofrida pelo sujeito, reaparece no chamado mais de gozar de que fala Lacan (1969-1970/1992). Se o sujeito sofre um desperdício de sua energia ao ceder parte de seu trabalho ao capitalista, ao que Lacan denomina entropia, esse gozo será parcialmente restituído com um a mais de satisfação.

Essa satisfação incide, portanto, sobre o consumo e ao consumir, o sujeito se consome em gozo. Em síntese, no discurso do capitalista não há a integração do gozo, como no discurso universitário, mas o seu despendimento. Se assim não for, então, ter-se-á consequências (Soueix, 1997). O discurso capitalista é infatigável, uma vez que, como apontou Lacan (*In Soueix, 1997, p. 47*): “Isso se consome, se consome tão bem que se consuma”. É segundo essa proposta que esse trabalho toma o suicídio, porém com algo que acomete o desejo, como campo contundente para o mal-estar na atualidade. Ora, se o capitalismo promete o gozo absoluto, o suicídio se desfaz da promessa e tenta alcançá-lo em ato. Sigamos em frente com nossa hipótese de trabalho.

### **3.3 O desejo em questão**

O que temos até aqui? Temos a proposta de que, na atualidade, encontramos uma instância, mesmo com as discordâncias e semelhanças dos autores citados, que impõe modalidades de gozo. Seguindo o critério da instância superegóica na atualidade, tratamos de pensar em um tipo de Outro-Gozador que toma uma consistência de natureza tamanha, dentro do neoliberalismo, cuja violência versa sobre a autovigilância do sujeito para com ele mesmo. Esse tipo de violência, de si para consigo, encontra formas específicas de clivar o sofrimento através do ato.

A demissão subjetiva nos casos de depressão, imprimida pela perda de autoestima, autodesvalorização por não conseguir por fim a projetos astronômicos, evidentemente

inalcançáveis, fazem parte da violência impingida do sujeito contra si mesmo. O vazio existencial que marca o tipo de proteção do sujeito em sua forma de continuar no mundo, onde encontrar sentido em si mesmo é melhor que se abrir para alteridade, também faz parte dessa criação de auto-violência. Como escreveu Fagundes (2004, p. 32):

Nos casos de suicídio, a violência contra si mesmo é uma forma de aliviar a depressão instalada por perda da autoestima, autodesvalorização por ideias não atingidos, ódio àqueles que feriram seu narcisismo e o deixaram esvaziado. Podemos pensar que o crescimento do índice de violência mundial mostra não necessariamente um aumento da depressão biológica ou de instinto destrutivo, mas de uma violência relacionada à insatisfação e ao vazio, agravados por uma sociedade alienante e excludente, com a valorização do consumo, a satisfação imediata, a competição por ser o melhor e ter mais, a exaltação do mundo material e tecnológico em detrimento do pensar e da subjetividade, propiciadora, portando, do desenvolvimento de personalidades narcísicas voltadas só para si mesmas, em busca do prazer como defesa contra um mundo impessoal e sem compaixão.

A ideia, nesse sentido, é que o suicida estaria se separando, de forma radical, desse Outro gozador. Seria um ato, uma produção em ato, de fazer furo nessa consistência auto-vigilante, de auto-desempenho, de micro-empresário de si mesmo, enquanto instâncias do grande Outro que obliteram todo o campo do desejo, que anulam a falta. O suicídio entra como mais um ato na tentativa de romper com a barreira de um supereu avassalador. Como o sujeito não vê alternativas para a vida, como as instituições estão massacradas pelo poder do capital em fazer algum tipo de vínculo que não seja por meio da demanda frequente de produção e capital, o sujeito se demite. Perde-se tudo o que se tem. Perde-se também o que não era somente colocado pelo grande Outro. De outro modo, o suicídio também poderia ser pensado como apenas mais

um ato final, um “*grand finale*” nessa mórbida peça capitalista-mercadológica. Um sintoma que sinaliza uma parte do autoextermínio civilizatório. Ao encontrar-se com a sideração desse tipo de obrigação relacionada ao gozar, de tal maneira que somente se concebe como objeto de gozo, o que lhe sobra é estender-se sobre a morte, desligar.

O ato suicida, nesse sentido, pode ser uma das alternativas de se fazer operar no campo simbólico como uma separação entre o sujeito e o seu Outro, diante do qual se sente engolido, tomado. A pergunta, portanto, que nos interessa é: o que essa tentativa de separação inaugura? Será que a ideia de que há algo de peculiar na força do ato que remete a um campo de separação, a uma espécie de instauração da falta? Isso incide de que forma na manutenção do desejo inconsciente?

Temos como axioma básico, portanto: a presença do Outro gozador e o suicídio enquanto proposição para se pensar a instauração da falta. De modo geral, as formas de se conceber o Outro nos aproximou de um tipo específico do mal-estar no contemporâneo, bem como da produção de um modo de sofrimento que nos parece partir do capitalismo.

Uma outra proposta para se pensar as consequências do Outro gozador e o vertiginoso aumento do número de suicídios no Brasil está na indicação do Estado enquanto agente suicidário. O pensamento de Safatle<sup>23</sup>, Achile Mbembe (2018) e Paul Virílio (1999) contribuem para elucidar a característica dos Estados que adotaram o modelo de ação neoliberal. O Estado enquanto agente que deveria proteger seus cidadãos, racionaliza a morte e o desaparecimento dos indivíduos que estão sob seu desígnio. Outrossim, a política dos Estados neoliberais, apresenta-nos tipos de crises associadas ao supereu e seu imperativo de gozo. Principalmente quando o único interdito, o único grande não, é a impossibilidade do sujeito de não jogar o jogo do

---

<sup>23</sup>Texto disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/>

mercado. O interdito e seu correspondente instrumentalizado pelo conceito de supereu perde campo como instância de renúncia pulsional, uma vez que o imperativo de gozo é o que interessa (Cordeiro e Bastos, 2011).

Resta-nos, entretanto, aproximarmo-nos do efeito que essa modalidade de existência inclui a partir de seu *pathos*. Nosso recorte anuncia o que não cessa de se produzir nas forças contemporâneas quanto à anulação do desejo, uma vez que se pensa na possibilidade de morte do corpo como fatalidade sem contorno, uma separação abrupta da extensa consistência do Outro Gozador. Ora, como foi lembrado no parágrafo anterior, se se trata de pensar um Estado Suicidário<sup>24</sup>, aquele que gere quem morre e quem sobrevive, sem a mínima possibilidade de concessão ao que não serve para a produção, parece que estarmos às voltas de algo novo. Porém, algo novo que nos orienta a repensar o psiquismo e sua intrusão depressiva, de desaparecimento de si, de síndrome de Burnout, um psiquismo que recusa sua mobilidade desejanste em nome do Gozo do Outro.

O próprio suicídio, ou estado psíquico suicidário, anuncia a concessão de si quanto ao Gozo do Outro, ao anunciar: é melhor morrer a ter que lidar com isso que não é do Outro. Isso que inclui a falta. Nesse sentido, o sujeito recua de seu desejo, uma vez que ao invés de dançar com seus objetos e se implicar nos conflitos que lhe são próprios, recolhe-se em posições de imobilidade. Não há o deslocamento de si, porém, a posição de alienação que faz de si, ou do eu, um objeto, um objeto-dejeto que merece desaparecer.

---

<sup>24</sup> Um pequeno exemplo da gestão da morte pode ser visto no aumento vertiginoso do número de suicídios em Altamira. Falar de um Estado suicidário sem levar em conta os eventos que são próprios ao Estado brasileiro cuja fundamentação está para o neoliberalismo. Não somente, o alto número de suicídios entre jovens indígenas também colabora para se pensar um tipo de Estado que deflaciona a perspectiva de morte como saída do sofrimento.  
<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-27/a-cidade-que-mata-o-futuro-em-2020-altamira-enfrenta-um-aumento-avassalador-de-suicidios-de-adolescentes.html>  
<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-tres-vezes-maior-que-media-nacional-21850401>

Diante do que foi visto, podemos assumir alguns axiomas relacionados ao sujeito do inconsciente e o suicídio enquanto ato em crescimento no Brasil. O primeiro deles está relacionado a um tipo de mudança substancial na subjetividade na contemporaneidade. O segundo refere-se à implicação de um tipo de produção social diante da qual as subjetividades são acometidas por uma espécie de reificação, de início pela produção via consumo, passando pelo narcisismo, a necessidade de se espetacularizar a vida através da transparência dos movimentos em direção aos objetos que causam o sujeito. O que chama atenção, a propósito, está para além da reificação, porém, para o alcance do sujeito de um gozo que lhe aproxime do absoluto. A força tantalizante exercida pelo supereu parte de um contra investimento que não só o põe a prova, como pretende alcançar o que ele promete.

Questionamos, portanto, como o sujeito tem se deslocado frente ao Grande Outro e ao significante fálico, bem como ao modo de ordenamento do capitalismo quanto ao mais-gozar. Assim, feito a exposição deste capítulo nos encaminhamos para o fator desejo e sua consequente ausência-presença, ora em forma de pensamentos de morte, ora sob a roupagem de que algo existe na condução da manutenção da vida. Nesse sentido, o que nos parecia suicídio do desejo, mais se assemelha a uma lanterna que, por falhar sua bateria ou seu sistema elétrico, pisca, embora nos reserve a ideia de que poderá não funcionar em algum momento. É a partir desse piscar, do tremeluzir, ou do bambolear de um peão que está para cessar seu movimento, que começamos a pensar uma analogia para o desejo em vertigem. Para isso, torna-se necessário conceituar o que se entende por desejo em psicanálise.

#### 4 DER WUNSCH: DESEJO, NEGATIVIDADE E VERTIGEM

O intento deste capítulo visa articular o desejo e sua evasão no contemporâneo. O desejo enquanto vertigem e seus efeitos de demissão, a partir das características já vistas no capítulo anterior, seria uma tentativa de impor, através do ato suicida e da sintomatologia depressiva o imperativo “tu não me terás mais aqui, debaixo do teu gozo” e de radicalizar a perda do desejo enquanto dimensão radicalmente negativa. A propósito, a condição desejante aparece na contemporaneidade como insuportável, principalmente quando a cultura tem como fundamento a exarcerbação da imagem narcísica e a busca pelas satisfações sobre a roupagem de soluções imediatas. A isso temos a sentença explicativa de Lacan a partir do discurso do capitalista.

Além disso, a vivência de uma sociedade transparente, como foi tratado anteriormente, seria a de dirimir o registro do real, correspondente àquilo que é irredutível e cruel. A correspondência para tal é um possível redimensionamento do registro imaginário, o qual se incumbe de encobrir a falha. O curtir sem interrupção, a explosão de imagens e a translucidez sem filtro dos espaços virtuais, impõem a positividade e direcionam seus usuários para a não possibilidade de vivenciar algo da dimensão do negativo. Um mundo de imagens, cuja translucidez faz perder a perspectiva da fenda, do buraco, daquilo que não se sabe ou não se pode saber.

O depressivo, como um dos sintomas do social, radicaliza a recusa do imaginário. Kehl (2015) colabora para entender a dimensão imaginária do depressivo, uma vez que ele está empobrecido de sua capacidade de fantasiar. A saber, o imaginário é um dos registros elaborados por Lacan capaz de oferecer consistência à vida, o qual é regido pelos “registro das identificações e dos ideais do eu” (Kehl, 2015, p. 235). Além disso, como o sujeito depressivo se encontra ao lado do esvaziamento do Outro sua recusa em fantasiar também incide na pouca lembrança do passado e da infância.

Porém, antes de adentrarmos na hipótese central deste trabalho, cabe-nos analisar, neste preâmbulo, como o conceito desejo surge na cultura e se distancia da forma de compreender esse fenômeno humano na psicanálise. A princípio, na mitologia, desejar remete tanto à pobreza do que se tem, quanto à riqueza do que se busca. Refiro-me ao que o mito do nascimento de *Eros* no “Banquete” de Platão. Ela é filha do deus do recurso, da abundância e da prudência, Πλοπος e da Penúria, da pobreza, miséria.

A palavra desejo, nessa perspectiva, tem uma beleza ímpar em sua etimologia. Segundo Chauí (1990), desejo deriva do verbo *desidero*, sendo que essa, por sua vez, vem de *sidus*, usada no plural *sidera*, cujo significado remete à figura formada por uma conjunto de estrelas, constelações.

Porque se diz dos astros, *sidera* é empregado como palavra de louvor - o alto - e, na teologia astral ou astrologia, é usado para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, donde *sideratus*, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare* - examinar com cuidado, respeito e veneração - e *desiderare* - cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros) (Chauí, 1990, p. 22).

Chauí (1990) considera as premissas astrológicas sobre a influência dos astros na condição humana. O destino, segundo tal pensamento, seria governado pelas forças cósmicas, *considerare* inclui a consulta ao alto com a finalidade de encontrar sentido e segurança nas ações ‘terrenas’. *Desiderare* despoja o ser da governança dos astros, pelo infortúnio tanto do esquecimento deste, quanto o abandono do ser da entidade extemporânea. Quando o ser cessa de olhar para os desígnios dos astros (*desiderare*) ele assume sua ‘*desiderium*’ e toma seu destino em mãos. O desejo, nessa ocasião, “chama-se, então, vontade consciente nascida da deliberação” (*idem*).

Os passos que se seguem à deriva, sem as correspondências astrais, incluem o nome *desiderium* que, por sua vez, refere-se à perda, privação de saber sobre o destino. Junto à queda da certeza assentada sobre os astros, o ser mira suas expectativas em dimensões incertas, precárias. Em sua linha conceitual, Chauí (1990, p.23) aponta: “O desejo chama-se, então, carência, vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento”. Desejo de possuir algo cuja lembrança conserva, mas está longe de ser disposta, colocada em mãos.

Há aqui certa semelhança com a disposição em psicanálise de conceituar o desejo. Se o desejo é uma disposição do humano para lidar com as incertezas que concernem a vida, o desejo é, antes de tudo, uma expressão e referência direta ao campo do negativo. Tratado sempre como uma tentativa de retorno a um traço perdido, com o contraste paradoxal no que tange à necessidade e a demanda. Tratando-se da primeira, diz-se que para toda necessidade um objeto que a satisfaz – comer, evacuar, respirar no registro da etologia (Quinet, 2000). Quanto à segunda, observa-se outra forma de enunciação do conceito, uma vez que depende diretamente da fala, o simples fato da enunciação – “preciso de ar”; “estou com fome”; “preciso ir ao banheiro” (Quinet, 2000). Chauí (1990) nos fala de certezas relacionadas à busca pelos astros, deuses que habitavam os céus e dos céus legislavam a humanidade, porém, com a diferença de tratar o desejo como uma ação consciente, o que não corresponde, de longe, o que entendemos por desejo em psicanálise.

O que corresponde ao desejo em psicanálise, antes de tudo, é a capacidade que essa ciência tem de questionar o lugar do desejo e pensar sua concepção à luz do sujeito do inconsciente. Nesse sentido, a ética da psicanálise aponta não para a possibilidade de um desejo virtuoso, porém, para o entrave do sujeito não ceder ao seu desejo. E não ceder ao próprio desejo

é subverter aos parâmetros disciplinares extraídos como gozo pelo grande Outro na atualidade. A isso, a psicanálise acentua o mal-estar inerente ao desejo: os intercursos entre os objetos e a falta.

#### **4.1 O desejo é negativo**

A noção de desejo em Freud foi desenvolvida no livro “A interpretação dos sonhos”, de 1909. Segundo a noção freudiana, o desejo corresponde ao retorno a traços mnêmicos de satisfação. Desejar é voltar a uma experiência de satisfação que deixou um traço mnêmico. Esse traço precisa ser repetido para que o desejo se realize. Em suas descobertas, Freud (2001, p. 529) escreve: “Os sonhos não passam de realizações de desejos”. Nesse sentido, por trás de cada sonho, ocultavam-se “um sentido e um valor psíquico” (Freud, 2001, p. 529).

Além disso, todo sonho referia-se à realização alucinada de um desejo, ante a um conjunto de imagens. Esse desejo, em Freud, é sexual em sua origem, mas que se liga a um desejo pré-consciente, disponível na consciência para produzir uma regressão no caso do sonho. Não somente, escreveu Freud (2001, p.532): “os desejos, mantidos sob recalques, são eles próprios de origem infantil, como nos ensina a pesquisa das neuroses”. Aquele que sonha não conhece o conteúdo latente, desconhece aquilo que é apresentado nas imagens oníricas, não se tem ideia, a princípio, daquilo que é sonhado. Diz-se que uma censura sempre se opõe à manifestação direta do desejo. Mezan (1990) escreve que não é difícil perceber a ideia de desejo enquanto mola mestra da construção freudiana. Desejo, realização e censura fazem parte daquilo que se imagina como “aparelho psíquico”.

Segundo Mezan (1990, p. 329), “um desejo é algo que busca realizar-se, e nesse processo se depara com diversos tipos de obstáculos”. Ao retomar a “Interpretação dos sonhos”, aquele autor escreve ser o desejo inconsciente aquilo que possui força para suscitar um sonho e diante daquilo que se narra sobre as imagens oníricas, envolvemo-nos, certamente, com as ideias de

“transposições, defesas, localidades mentais, de disfarce e ocultamento do sentido, etc”. O curioso é o que há de único na teoria de Freud sobre os sonhos é que Freud, quando trabalha com o conceito de desejo, acaba se envolvendo com

atos psíquicos que podem ser localizados em qualquer das instâncias que compõem o aparelho psíquico: há desejos conscientes (ser professor, por exemplo), desejos pré-conscientes (o desejo de dormir), desejos inconscientes (humilhar e se vingar do pai). (Mezan, 1990, p. 331)

A composição de desejos nos sonhos envolve, portanto, desde conteúdos repudiados e inofensivos, entre o horror e o que há de prazeroso, à combinação de desejos inconscientes com desejos inofensivos à moralidade.

Ao ter que se haver com os problemas referentes aos pesadelos e sonhos desprazerosos, Freud também estabeleceu as características paradoxais do desejo ao sentenciar que a realização do desejo também teria tanto efeitos prazerosos, quanto desprazerosos. De todo modo, pode-se definir “desejo” como desejo de retornar a traços mnêmicos de satisfação, de retorno, cujos caminhos de realização ou de demonstração através dos sonhos são deformados. García-Roza (2005, p.145) diria que “o desejo é a nostalgia do objeto perdido”.

Isso significa que, naquilo que concerne ao desejo, nunca aparece de uma forma transparente, de maneira direta. Significa também que o desejo não é aquilo que se pensa segundo o termo “necessidade” sob o prisma de efeitos biológicos ou naturais. Garcia-Roza (2005, p. 144) elucida ao indicar que o “desejo implica um desvio ou uma perversão da ordem natural, o que torna impossível sua compreensão a partir de uma redução à ordem biológica”.

Com efeito, há que se pensar nos sentidos usados por Freud para se conceituar o desejo. Segundo o “dicionário comentado do alemão de Freud”, de Luiz Alberto Hanns (1996, p. 143)

O termo *Wunsch* está presente desde as primeiras formulações de Freud; entretanto, é na *Interpretação dos Sonhos* que será elaborado mais detalhadamente. [...] de forma geral pode-se dizer que o “desejo” circula preponderantemente na esfera representacional, nas regiões do “pensamento”, do “sonho”, da “fantasia”, do “idealizado”, do “imaginado”, do “alucinado” e da “loucura”.

Ainda segundo Hanns (1996), Freud utilizava para o termo “desejo” (*Wunsch*) a palavra “realização” (*Erfüllung*) e para “pulsão” (*Trieb*) a palavra “satisfação”. Realização e desejo, de acordo com o que estabelece Hanns (1996), fazem parte do movimento do segundo em direção ao primeiro, uma vez que o desejo visa sua realização. Entretanto, naquilo que concerne ao desejo, às questões do mesmo, e sua realização, temos o problema do objeto, ou seja, aquele que pode aplacar o movimento do desejo.

Kehl (1990) nos lembra que é difícil não nos situarmos conceitualmente quanto ao desejo, naquilo que Freud escreveu, e que o desejo envolve, sobretudo, o princípio do prazer e da realidade. Segundo a autora, “todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante”. Esse vínculo, porém, é fundado a partir de um mesmo evento em comum: o fracasso do princípio do prazer. Diz-se “fracasso” a primeira experiência de corte na unidade imaginária mãe-bebê, corte entre necessidade e imediata satisfação.

Nesse sentido, a decepção com a satisfação alucinatória impõe a realidade ao psiquismo criando o desejo. Desse fracasso o desejo se manifesta porque lhe impõe o tempo, a demora, o retardar da satisfação.

Seguir desejante é assim, para o sujeito, ao mesmo tempo condenação, signo de sua expulsão do paraíso, e condição de sua existência, já que *não desejar* o remeteria de volta à situação primitiva de *não ser sujeito*, indiferenciação anterior a esta separação inaugural que nos faz sujeitos de uma história pessoal e intransferível. (Kehl, 1990, p.368)

O princípio da realidade e sua imposição na constituição do desejo, por envolver um *quantum* ou uma qualidade de tempo de insatisfação, evoca a necessidade de se perceber objetos parciais substitutivos para a demanda absoluta da pulsão. Por estes objetos o desejo se distancia da pulsão e ganha a fala. A concepção da fala, nesse sentido, dá contorno ao que seria insustentável, desconsolável, pois, ao mesmo tempo que se impõe essa gama de afetos intrusivos, a fala alivia o sujeito. Kehl (1990, p. 368) considera que a “realidade cria o desejo do mesmo modo [...] que se pode dizer que uma mãe cria seu filho”, oferece-lhe a fala, tal como o seu próprio desejo.

Disso temos, como premissa, o trabalho atribuído ao desejo, qual seja, o de reinstaurar, reformar, realizar um determinado conjunto de traços mnêmicos. É essa a grande importância do desejo em psicanálise: fundamentar a condição de sustentação do ser frente ao desamparo primordial e remontar a possibilidade de concentrar representações, sentidos e símbolos que contornam experiências sem nome.

Enquanto conceito, portanto, o desejo é o contínuo remetimento à falta, nostalgia da suposta presença de algo que teria nos salvado do desamparo. De outro modo, ao mesmo tempo em que nos imputa o caráter de salvação, também nos submete ao Outro. Salva-nos porque nunca condiz com o que o Outro nos oferece enquanto objeto de satisfação. Submete-nos porque necessariamente precisamos do Outro para nos salvar, mesmo que parcialmente (Maurano, 2010).

É justamente na possibilidade de caminhar entre alienação e separação ao Outro que o desejo se constitui, sendo que, irrevogavelmente, o desejo é sempre o desejo do Outro. Lacan (1901-1981/2005, p. 32) diria: “o Outro existe como inconsciência constituída como tal. O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe”. Lacan (2005), a seu

modo, ao se valer da filosofia de Hegel, ao dizer que “uma vez que o desejo de desejo é o de que um desejo responda ao apelo do sujeito” (*idem*, p. 33), acrescenta-lhe ao seu sentido analítico, a maneira como o desejo é o desejo do Outro e sua característica de ser ‘mais aberto’, inicialmente, pela mediação.

Neto (2014) ajuda-nos a pensar no papel da psicanálise quanto à afirmação daquilo que se entende pelo desejo ser uma negatividade, pois, necessariamente, não concederá contentamento. Escreve que o analista ressalta a não positividade dos objetos buscados na realidade, uma vez que o que realmente interessa ao analista é “o objeto enquanto sendo alvo do querer do outro. "Eu quero o que o outro quer", querendo dizer "eu quero porque é o outro quem quer". O que me faz falta é aquilo que falta ao outro" (Neto, 2014, p. 47).

Caetano Veloso (1984) conseguiu capturar em sua música “Quereres” a ideia central do que se diz desejo pela palavra querer. A inversão desejo/querer é interessante porque desejo também condiz com o que nos diz a palavra ‘querer’, um impulso simbólico. Para o músico querer é uma “bruta-flor”, pois, desejar não perece. Diz bem ao cantar: “onde queres o ato, eu sou espírito” ou “E, querendo-te, aprender total/Do querer que há do que não há em mim”. Essa condição, inegavelmente, pende para o que não se pode pensar ou alcançar sobre a ‘bruta-flor do querer’ nos termos da “falta-a-ser”. Com isso, diz-se que a insatisfação do desejo é eficiente, pois, implica necessariamente a inacessibilidade do desejo e sua condição indestrutível, ao se realizar essencialmente nos objetos, estes apontam sempre para uma falta (Garcia-Roza, 2005).

Monique David-Ménard (2005) esclarece que em psicanálise o desejo é falta-a-ser, uma categoria negativa que indica o que há de inflexivo no sujeito. Ademais, a única característica positiva da verdade do desejo é “ser o que falta para a realização do saber (de consciência), e isso implica a problematização do estatuto das negações no interior do pensamento” (David-Ménard,

2005, p. 26). Ao assinalar as grandes diferenças da psicanálise e do pensamento de Deleuze, a autora colabora por acentuar esse grande conceito chamado desejo, principalmente quando se trata de se pensar o desejo na obra lacaniana.

O que nos vale, e David-Ménard (2014) o diz muito bem, é que em psicanálise há uma facilidade em tomar teoricamente o partido da falta e do negativo “sobre o pretexto de que ela parte de uma queixa, de um sintoma ou de um sofrimento” (David-Ménard, 2014, p. 38-39). Entretanto, não deixa de permitir pensar, “graças à especificidade de sua prática, o duplo aspecto daquilo que se repete na vida pulsional: o que talvez seja mais destrutivo é também a condição de uma reinvenção da existência” (David-Ménard, 2014, p. 38-39). Tensionar tanto a falta-a-ser, quanto uma ontologia da vida como afirmação, aquilo que nos diz o ideal (por exemplo), sempre fez parte daquilo que se entende por psicanalisar.

O que há de inflexivo é justamente um tipo de não operação da psicanálise ante à ideia de que o objeto seria um espelho do sujeito, mas está para a falta de objeto, em um tipo de deposição constituinte. Neto (2014, p. 69) ajuda a esclarecer: “O desejo nasce da distância entre a demanda e a necessidade. Ele incide sobre uma fantasia, isto é, sobre o outro imaginário. Com isso Lacan retira a substância desse outro, ressignificando o termo reconhecimento e sua função”.

O objeto do desejo, ao seguirmos tal prerrogativa, não se institui na ordem das coisas, mas na ordem do simbólico. Garcia-Roza (2005, p. 145) escreve:

O desejo desliza por contiguidade numa série interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente [...]. Toda satisfação coloca imediatamente uma insatisfação que mantém o deslizamento constante do desejo nessa rede sem fim de significantes.

Há que se pensar, portanto, naquilo que se apresenta no movimento do desejo humano ser necessariamente o desejo do Outro. Lacan (2015), como já foi mencionado, ao se valer da dialética hegeliana, monta o desejo como somente possível a partir do reconhecimento do outro e da tentativa de se fazer reconhecer pelo outro, numa relação especular em que o desejo é destruído ou destrói o outro. Nessa relação de destruição do outro, detêm-se o que “o desejo de destruição do outro é o que suporta o desejo do sujeito” (Garcia-Roza, 2005, p.146), valendo-se da emergência do simbólico. De outro modo, a relação especular, imaginária em essência, pois, força o sujeito a se alienar ao outro, modifica-se quando o simbólico emerge, uma vez que, a mediação da linguagem inclui um tipo de ‘movimento em falso’, isto é, o sujeito fala e oculta, redefine, distingue-se do que se diz.

Dessa maneira, a psicanálise, em Freud e Lacan, empreende uma nova concepção para se pensar o humano: aquele que se oculta, que é alvo de suspeitas. Isso explicita o desejo inconsciente ao dimensionar a falta e a constituição da estranheza do desejo. Incurremos, dessa forma, tanto na dimensão negativa referente ao que não se sabe sobre o que se diz, quanto ao amplo aspecto da negatividade do desejo, segundo o qual é impossível de demonstrar pelas insistentes ocorrências da racionalidade ou da consciência, uma vez que escapa à compreensão. Não só por não se apresentar segundo a lógica científica, porém, por incluir aquilo que não pode ser dito.

A diferença essencial entre o conceito de desejo em Freud e Lacan é justamente que: o primeiro considera que a humanidade está a procura da imagem mnêmica da mãe, uma vez que essa imagem é quem o domina desde o início da infância; quanto ao segundo, “a falta-a-ser do desejo não vem do objeto mãe” (Safatle, 2006, p. 86). A recusa lacaniana é de fenomenizar a

causa da falta própria da condição do desejo. Como, nesse sentido, podemos explicar a possibilidade de perdermos algo que nunca tivemos?

A compreensão do desejo, portanto, incorre na impossibilidade de existirem chaves do objeto do desejo. O objeto, quando encontrado, cliva seu caráter positivo e se torna incapaz de ser capturado pelo desejo em sua radicalidade negativa. Nunes (2015), ao pensar o desejo e seu caráter negativo, colabora para indicar que o desejo possui sua característica alteritária, pois, com isso, consegue uma estabilidade positiva transitória, provisória, fugaz. Lacan (1953/1998, p. 258), como já foi visto, inclui o desejo do outro naquilo que concerne ao desejo humano, entretanto, “não porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro”.

Lacan considerou como contribuição sua à psicanálise a modalidade do outro enquanto objeto, objeto causa do desejo. Segundo Quinet (2012), é o estado de ausência que aponta a existência de um objeto sem imagem, por isso, objeto *a*. Este organiza os diferentes discursos, os diferentes laços sociais. O objeto *a* é um articulador entre os registros, um condensador de gozo, uma espécie de impossível que junta os registros que estariam desarticulados sem esse ponto de unificação central. O objeto *a* como avesso ao ideal. É tudo aquilo que escapa o sujeito; é a marca da opacidade. Nesse sentido, o objeto *a* não condiz com objetos do mundo sensível ou empírico, muito menos pode ser nomeado, uma vez que não é da ordem do significante. Longe de ser simbólico ou imaginário, o objeto *a* emerge na ordem do real, uma vez que afeta o sujeito e tem como consistência a lógica (Quinet, 2012).

De outro modo, o desejo em psicanálise tem como característica a dimensão errante, cujos territórios mobilizados pelos objetos e pelas circunstâncias que promovem algum tipo de pequeno gozo, servem como pequenos espaços para sua contínua peregrinação. Nesse ponto, a

errância do desejo encara a necessidade de se criar modos de existência. Entretanto, se se pensa nas modalidades de fabricação do sujeito contemporâneo, por meio do que já foi visto na razão neoliberal, quando o desejo está subjugado ao Outro, sobra um sujeito reificado.

As tentativas de libertação do desejo do Outro, promove a contrapartida do sujeito em tentar se libertar da dependência do outro e sua obstacularização do desejo. Assim, o pensamento suicida, o suicídio, a depressão, a anorexia e a síndrome do pânico, diante daquilo que podemos perceber no sujeito do desejo inconsciente, provocam-nos novos impasses quanto ao que se escuta das subjetividades acometidas por essas problemáticas.

Desse modo, o que nos interessa passa a ser aquilo que em cada ‘ocorrência’, ‘deslize’, ‘incidente’ não nos dá condições de, *a priori*, se ‘positivar’, tornar útil ou sancionar o sofrimento que impõe um tipo de estranhamento de si. Embora o pensamento suicida, nalguns momentos, propicie a sensação de um outro que fala ao sujeito, o ato, os signos depressivos e a sensação de morte parecem estar materializados ao que não se pode escapar. A própria condição do desejo nos convida a perguntar o que o causa e quais fantasias permeiam a névoa dos pensamentos daqueles que são acometidos pelos pensamentos de morte. Quanto aos atos violentos contra si mesmos, ou as imobilidades, embotamentos afetivos, sexuais e volitivos, concernentes aos pacientes depressivos, parecem nos reservar menos névoas e mais acoplamento entre sujeito e objeto. A ausência da mediação simbólica anuncia o desejo em vertigem, que parece cair ou titubear – semelhante ao movimento de um peão quando encontra seu ponto de quase parada.

Ademais, se antes a sexualidade era o assunto proibido, agora as modalidades de existência ligadas à condição da “vida nua”, conduz-nos a uma tentativa de “desnudar” modalidades de afastamento do sofrimento a partir das promessas do capitalismo de ações e preenchimentos de tempo, espaço e sentimentos. O termo, a propósito, referente à vida nua

encontra em Agamben (2015), uma leitura possível do que seria a nudez e sua relação com a cultura. A humanidade, deposta de sua vestimenta simbólica, ritualística, confere a si mesmo, enquanto corpo biológico, seu valor.

Agamben (2002) para explicar a vida nua retoma dois conceitos gregos referentes à *Bios* e à *Zoé*. O primeiro refere-se à vida qualificada, política e politizada, e se distinguiu da *Zoé* por buscar as definições de justo e injusto, belo e o feio, bem como o verdadeiro e o falso. Nesse sentido, a *Zoé* no pensamento grego voltava-se para a vida natural, isto é, pela vida regida pelas ordens da natureza, livre da cultura e das intermediações da organização social. De outro modo, o que Agamben (2002) inclui na compreensão de vida nua é uma vida completamente desamparada de qualquer fator protetivo. Intenta-se, com efeito, dizer que um dos fatores protetivos à vida humana é a compleição desejante do sujeito do inconsciente. De outro modo, ao nos aproximarmos de Agamben (2002), podemos entrever, junto ao conceito de vida nua, o quanto uma organização social, que entrega o sujeito ao desamparo, também produz obliterações sobre o desejo. Isso, com toda a força da produção, junto ao acirramento da velocidade, a enxurrada de informações e, principalmente, a manutenção de um Estado de alerta ou um Estado que consente com a morte, como se pode ver nos anos de 2020 e 2021 a devastação, assistida pelo próprio Estado, de milhares de vida. A isso, o mal-estar nos registos do corpo, da ação e dos sentimentos (Birman, 2017), a isso o desejo em vertigem.

#### **4.2 O desejo em vertigem em face ao *excesso de positividade***

O contraste paradoxal entre demanda e necessidade, nas sociedades capitalistas, entra em uma espécie de fusão ou sobreposição. Melhor dizendo, a demanda não é criada pelo sujeito, porém é criada para o sujeito, como se pode ver no discurso do capitalista. Se no desejo temos a

distância entre demanda e necessidade, como foi possível articular anteriormente, o que se percebe é a não importância da criação de uma das vias para o exercício do desejo.

Entretanto, e agora me refiro a um axioma que levarei como suporte para a demonstração de minha hipótese, o desejo corresponde à condição humana. Desejar está para o psiquismo como a cultura está para a capacidade que o humano teve de sobreviver à precariedade do ‘estado’ da natureza. Desse modo, nossa problemática se insere na capacidade que o sujeito desejante tem de fazer barra através do ato. Diz-se de algo como: o sujeito sai de cena pela porta na qual entrou, ao invés de, ao ser sobressaltado, correr para a porta dos fundos.

O que se quer dizer com isso? Criam-se sempre demandas e promessas de satisfação em nossas sociedades capitalistas, os gadgets, junto ao montante de parafernálias produzidas. Já percorremos esse caminho. Entretanto, quando refletimos sobre o papel da instância psíquica chamada *supereu*, sobremaneira, aquela que sempre entra pela porta da frente ao endereçar ao sujeito o que deve e o que não deve ser feito, tratamos de pensar a exigência do mais-gozar na produção do sistema capitalista na atualidade, por meio da razão neoliberal. Para ficar claro, quando chamo “sistema capitalista”, quero também dizer “razão neoliberal”. É, portanto, pela porta de exigência que o sujeito se despede de sua capacidade desejante.

Lacan (1998), em *Kant com Sade*, formula que o “supereu aparece tanto na origem da culpabilidade como também na origem da proibição, já que, ao apontar para a interdição do gozo, o traz para a frente da cena” (Cordeiro e Bastos, 2011, p. 445). A lei moral, ao mesmo tempo em que proibia o gozo, incitaria sua transgressão. Se a lei moral, a partir do imperativo categórico kantiano se valeria da lei do gozo, isto é, a uma vontade de submissão incondicional à lei; a lei da natureza, descrita por Sade, corresponderia ao direito de se gozar do corpo do outro, encetando a contraface ocultada do imperativo kantiano.

Se de um lado há o pai gozador que desfrutaria do corpo de todas as mulheres, de outro há uma generalização do gozo enquanto obrigação, a permissão de dever e poder gozar com o que bem se entende, a qualquer custo, principalmente, quando o que se trata é da extração da mais-valia e a condição do próprio sujeito se colocar como objeto de gozo de si mesmo. O indivíduo toma-se como objeto de gozo e consome-se com o que há de ilimitável-impossível nisso, uma vez que a vivência dos ideais paternos no discurso do capitalista não tem mais poder de direção, porém “foram substituídos por normas e metas a que se aspira e o empuxo ao gozo se faz presente, como se fosse possível ignorar sua impossibilidade” (Cordeiro e Bastos, 2011, p. 454).

Se há um Outro-Gozador e este pretende, a partir do discurso do capitalista, suturar a falta, o resto da divisão que separa o sujeito do Outro, o sujeito fica prejudicado na ausência da ausência. Nessa via, o desejo, enquanto força volitiva, que se valia do resto da divisão do Outro, não encontra terreno para sua manifestação, uma vez que o que se apresenta é sempre o que se pode fazer valer em imagens e produtos de consumo, não o que não se pode não representar. Aquilo que se trabalha sobre o avesso da lei não imprimiria seus movimentos de busca de um gozo possível, porém, ficaria tomado pelo excesso.

De outro modo, se tomarmos a formação de um sintoma como a elaboração do sofrimento (ou a depuração deste); se levarmos em conta o que Lacan (1998) diz sobre o sofrimento querer ser um sintoma, já que o sintoma quer enunciar uma verdade, a radicalidade do desejo estar em vertigem, apresenta-se na ocorrência da impossibilidade sensível do sujeito se haver com o que lhe causa. Além disso, os efeitos da forclusão do sujeito na atualidade também

têm seus efeitos sobre o desejo<sup>25</sup>, cuja lógica privilegia o gozo. Rocha (2017) sustenta esses efeitos ao pensar o neoliberalismo ante aos discursos do capitalista e da ciência. Para esse autor a forclusão do sujeito tem seus efeitos na constituição das identificações ao corpo enquanto ideal, a isso podemos incluir a dificuldade de boa parte dos pacientes que se assumem depressivos de sair da queixa e encaminharem uma demanda de análise.

Por assim dizer, o desejo, ao ser deflacionado, apresenta-se cada vez mais patente a ter um caráter vertiginoso. A vertigem torna o desejo evanescente dentro de um recuo indefinido, onde se esfacela a possibilidade de encontrar alguma substância que poderia indicar um caminho a ser trilhado. O caminho ou a compleição por caminhar, retrocede a um estado ou de desamparo ou de comoção. O estado de desamparo figura o abismo, o precipício; já a comoção, o impulso, a vontade que o sujeito tem de se atirar, a atração mobilizada pelo abismo. Em um só tempo o efeito vertiginoso do desejo conjuga o vazio e o gozo.

De outro modo podemos entender esse fenômeno a partir de uma aproximação à teorização de Maria Rita Kehl (2015) quanto ao desejo do depressivo. Para a autora a estrutura do depressivo perpassa por duas características principais: a de existir um Outro materno cuja presença é da ordem o excessivo e da pressa. A origem da constituição do sujeito depressivo está para a *insuficiência da ausência* (Kehl, 2015). A essa ineficiência da ausência, a re-escritura do vazio – produzido pelo abismo do desamparo –, como se pensa na vertigem, que seria a causa da comoção – a vontade de se atirar no nada.

Isto é, o que seria a causa do desejo, para o sujeito depressivo, não o é. Manter-se sobre a prerrogativa do Outro. O efeito produzido pelo desejo em vertigem em sujeitos com pensamento

---

<sup>25</sup> Uma das questões abordadas por Rocha (2017, p.18) foi justamente a possibilidade das tecnociências terem “costurado a castração do desejo a partir da inserção do sujeito dentro de uma nova lógica que sobrevaloriza o gozo”.

suicida versa, em grande medida, na lida com o vazio e a capacidade de abrir mão do mais-gozar do grande Outro. O desejo em vertigem tem semelhanças com desejo do depressivo uma vez que, o depressivo, ao invés de perguntar ao Outro o que quer de si, submete-se, entrega-se, afirma: faça alguma coisa de mim. Kehl (2015) elucida a falta de implicação do depressivo quanto ao seu desejo no desejo do Outro e inclui a maneira como a psiquiatria moderna tem de lidar com o depressivo, ao fazê-lo entregue à disfuncionalidade neuroquímica e ser passivo de alterações biológicas por meio da medicação.

O suicídio alarmante, desta feita, entra nos trâmites para se pensar os excessos do contemporâneo. Com seu ato eruptivo, semelhante a uma bomba, lança seus estilhaços de ausência e impotência, de maneira a quebrar tudo aquilo que é pré-fabricado para dar conta do desamparo. Essa quebra incide diretamente como uma contra-força daquilo que Byung-Chul Han (2017) chama de transparência. É uma contra-força à ação discursiva do capitalista, pois, ao nos colocar no impasse do absurdo e do não-lugar explicativo, transporta-nos violentamente à angústia. Não somente porque produz um intenso sofrimento, todavia porque impõe, de forma violenta, o lugar da falta. Dessa maneira, temos o problema do suicídio relacionado não somente com o ato, mas também com o desejo. Principalmente porque o desejo é um tipo de trabalho que tem como fonte a tentativa de reformar, restituir um determinado conjunto de traços mnêmicos fundadores da sustentação do ser ante o desamparo primordial. O desejo, ademais, conduz o sujeito a um percurso radicalmente negativo.

A lógica negativa do desejo está na procura pelo traço originário cujo acesso é impossível, o recalçamento originário, é exatamente esse que dá as marcas do mundo. Além disso, remonta a possibilidade de concentrar representações, sentidos, símbolos que margeiam determinadas experiências sem nome, traumáticas, consonantes ao que se entende pela Coisa

Freudiana. É justamente o reconhecimento do desejo como negativo, que a crítica à centralidade do eu, promovido pela sociedade contemporânea, torna-se possível com a psicanálise. Segundo Safatle (2006) é Lacan quem anuncia o primado do desejo, uma vez que o psicanalista acredita pouco no objeto, porém, no desejo. Lacan (1998), a propósito, coloca a falta-a-ser como o cerne, como o coração da experiência analítica. “Uma falta-a-ser que só poderia ser desvelada pela dissolução do objeto como polo imaginário de fixação narcísica” (Safatle, 2006, p. 84).

Retomo novamente Byung-Chul Han para se pensar a violência das sociedades contemporâneas referentes *ao excesso de positividade*. Para o autor, a negação, a capacidade de dizer não e sua contrapartida de *tudo poder* marcam as enfermidades psíquicas na atualidade. Ao se aproximar da Síndrome de Burnout e das depressões, ele inclui a auto-violência onde, haja o que houver, só existe a possibilidade do sujeito investir agressividade ao eu, pois, o “sujeito de desempenho explora a si mesmo até chegar a consumir-se totalmente (burnout), e assim há o surgimento da autoagressividade, que vai se intensificando e, não raro, leva ao suicídio” (Han, 2017, p.25). Ora, se a exigência é de si para consigo e todo o recurso de exigência é causado por si mesmo, ao indivíduo só resta o recurso da violência ao eu que exige desempenho. Dessa forma, ao aprofundar sobre si tudo o que a exigência lhe manda, acaba fazendo cessar o ruído abrindo um buraco no avesso do Outro, valendo-se da fragilidade do Eu.

Se se toma a condição melancólica enquanto uma forma de expressão da negatividade, em contraponto com o que seria da dimensão do excesso de positividade, observar-se-á que ela resulta em uma ação do pensamento que “retorna ao vazio da palavra, que não encontra correspondência com o ideal absolutizado de representações do mundo” (Moreira, 2018, p. 315). Entretanto, resta-nos pensarmos que, em sua dimensão negativa, os próprios sintomas melancólicos – “sintomas possíveis de interpretação dos destinos do sofrimento humano frente à

dor e ao absurdo da existência” (Moreira, 2018, p. 314) – e depressivos, por assim dizer, tais como apatia, afânise, tédio, tristeza e anedonia, colocam o sujeito às vias de se descompassarem com seus desejos.

A depressão e a melancolia, se pensadas ante a um tipo de sintoma que se desloca por meio das relações, tanto do sujeito com ele mesmo, quanto do sujeito com a cultura, convidam-nos a retratar modalidades de existência que, mesmo controladas pelos coquetéis medicamentosos, perseveram no discurso psiquiátrico. Sim, percebe-se na literatura um grande descompasso entre os sujeitos acometidos pela depressão com seus desejos. Entretanto, qual a diferença entre o melancólico e o depressivo que continua a viver, mesmo com sua sintomatologia tomada por afetos de angústia e um grande vazio no que tange ao gosto de existir, para aqueles que pensam em morrer ou que sucumbem ao ato suicida?

Vale ressaltar que nem todo suicida ou sujeito que pensa no suicídio necessariamente pode ser alocado no diagnóstico de depressão. Embora os diagnósticos não nos digam sobre as modalidades de existência e a miscelânea de contingências que incidem sobre o suicídio e o pensamento suicida, a aproximação com as sintomatologias mencionadas nos dão a direção de uma força que sucumbe ao desconhecido sem percorrê-lo existencialmente.

Nesse sentido, a tessitura do desejo é a que nos leva a contornos em direção ao estranho, ao desconhecido da existência. Antes de bem dizer o desejo, cabe ressaltarmos que ele proporciona o caminhar e formas de “dar conta” do que se pede na vida, impõe-nos a condição de sustentar minimamente o absurdo<sup>26</sup> do existir. O desejo, ademais, desde sua teorização na “Interpretação dos Sonhos” de Freud, sempre nos foi absurdo e vigora nos casos em que não se

---

<sup>26</sup> “Segundo o *Dictionary of Word Origins*, a palavra *absurdo* etimologicamente vem do latim *absurdus* e significa: *AB* – aquilo que detona, que intensifica; e *SURDUS* – surdo. Mais tarde o termo foi usado para traduzir a palavra grega *alogos*, no décimo livro de *Geometria de Euclides*, usado na medição. Passa também a designar aquilo que é irracional. Do grego *A* – fora; e *LOGOS* – palavra, razão. (In: Amitrano, 2014, p.11)

pode dizer, em que não se pode existir na nudez. De outro modo, propomos que, a partir também de uma hipótese clínica o desejo em vertigem marca o descompasso entre o movimento do desejo e suas impressões frente às exigências do grande Outro. Ou seja, a volição própria do desejo no encaixe do objeto que precisa faltar, encontra como anteparo as exigências de extração de gozo do grande Outro.

## 5 A ESPECIFICIDADE DO DESEJO EM VERTIGEM NA COMPOSIÇÃO DOS CASOS CLÍNICOS

Até o momento, entramos em contato com um que tipo de deposição ou desnudamento em conformidade com a análise do contemporâneo. Porém, estamos diante uma forma específica de desnudamento, dir-se-ia de um desnudamento simbólico e desejante, de onde se decanta, portanto, que o desejo se encontra em uma condição vertiginosa. Primeiro, porque o desejo existe; segundo porque, tal qual o quase momento de perda de energia de um peão, o desejo vacila em seus movimentos em direção à falta.

Nos casos que apresentarei, os significantes que se impõe estão relacionados com: “crises”, a “materialidade das palavras” e o “contato de terceiro grau”. Esses significantes vinculam a exigência paralisante e seu oposto, ainda que o oposto seja uma tentativa mínima de movimento. Nesse sentido, pude perceber que houve aqui um bloqueio, uma espécie de rigidez por duas vias. A primeira, a daquele que quer ouvir alguma coisa, a segunda, enlaçada pela fala desinvestida de associações. Em outras palavras, o pesquisador esperava o que queria ouvir, e o analisante, embalado pela ‘materialidade das palavras’<sup>27</sup>, esperava, por vezes, pelo momento de dizer. Criar a matéria-palavra é um processo árduo. Tive a possibilidade de me voltar para aquilo que falhava, onde não havia associações e sobrava angústia ao meu corpo clínico. Posso afirmar ser a angústia, no meu corpo clínico, o instrumento que apontou a falta e a possibilidade de entrever a posição desejante, o desejo junto aos meus pacientes. A depuração, em hipótese, da

---

<sup>27</sup> A “materialidade das palavras” corresponde à fixidez das palavras que caracterizavam meus pacientes. O peso das palavras e sua incontornabilidade na relação com os outros. O que as pessoas dizem, um diagnóstico, as obrigações e algumas características visíveis de si para o outro são inescapáveis. As palavras funcionavam em sua crueza.

condução desses casos estava mais próxima do que se poderia chamar de uma “materialidade-presente”<sup>28</sup>.

Entretanto, abrir mão da espera associativa e entrar na condição “material” da palavra, pareceu-nos uma necessidade evidente. O conceito colocado por uma paciente parece evocar a materialidade das sensações e um tipo de sofrimento que só pode ser posto na cena do corpo. Nos pacientes, os verbos: furar, esfaquear, cheirar (“dar um tiro”), desmoronar, acabar com tudo, antepunha-se com o pensamento suicida que, em determinados momentos, era anunciado pelas próprias mãos, e em outros, era passível do distanciamento simbólico dos sonhos, delírios e pensamentos invasivos.

O primeiro caso chamado de “contato imediato de quarto grau” inclinava-me a pensar um mundo cindido entre paraíso e inferno. Entro no grande mudo de Paulo, onde subsistia um tipo de qualidade exotérica e extraterrestre. O mundo era prefigurado ou por sua qualidade de ser “*heaven*” ou por sua desgraça de ser “*hell*”. Ao me encontrar com a lógica constitutiva de Paulo fui interpelado pela exigência de ter que tirá-lo do inferno que era a internação no hospital psiquiátrico. Sua relação de submissão e insubmissão, primeiro com a instituição, depois com a mãe, circulava entre suas figuras de amor, seu uso de drogas e seus delírios de onipotência. Minha primeira sessão com Paulo foi marcada por elogios e uma tentativa de me colocar no lugar daquele que iria tirá-lo daquela condição. O analista seria o enviado, ou melhor, um extraterrestre que lhe capturaria e o colocaria no colo da mãe. Um desejo capturado pelo desejo do Outro?

---

<sup>28</sup> Termo usado por uma paciente. Da mesma forma, incorro na interpretação do significante “materialidade” e “presente” como um tipo de fixação, de parada, naquilo que é vivenciado tanto nas palavras ditas nas sessões (presentificadas ali), quanto na narrativa “crua” daquilo que foi vivido.

O segundo caso está relacionado com uma tentativa de suicídio de uma jovem encaminhada pelo hospital psiquiátrico da UFU. Essa paciente vivia conflitos relacionados ao luto de um ex-namorado, as exigências da mãe e uma questão com a vida que a fazia pensar repetidas vezes no suicídio. As demandas segundo as quais essa paciente me empregava, fez-me circular ao entorno de questões referentes à salvação de sua vida, à experiência de não ter qualquer resposta, tão somente a posição de ouvinte e daquele que iria interpretar. Sua posição histórica em relação à demanda de amor, às frustrações e aos diagnósticos incluíam o fundo comum do não-querer-saber sobre o próprio desejo e sobre a falta. Havia um jogo, se viver é necessariamente perder, por que não perder totalmente? Porém, quando se perde totalmente, fugiria-lhe o controle sobre os efeitos de perdê-la, quem estaria no velório, quem não provaria seu desgosto por suas demandas de amor não correspondidas? Se a vertigem é uma falta de clareza daquele que tenta ver o que exerce um efeito atrativo e repulsivo, a posição desta paciente se destacava por, em algumas vezes, usar da própria vida para causar o desejo do outro. Valendo-se, logicamente, do seu próprio movimento desejante: fazer-se notar em falta.

### **5.1 Contato imediato de quarto grau:**

Contato de imediato de quarto grau é uma alusão ao filme de suspense “contato de quarto grau” de 2009, cujo diretor é Olatunde Osunsanmi, entretanto, também utilizo a palavra “imediato” de outro filme produzido por Steven Spielberg chamado “contatos imediatos de terceiro grau” de 1978. A narrativa do filme produzido por Osunsanmi, cujo esforço foi hercúleo para manter o suspense sob a ótica da ‘veracidade’, vincula o espectador ao desaparecimento de algumas pessoas em uma pequena cidade do Alasca. A conjunção associativa, portanto, que me fez retornar aos filmes reúne os significantes: contato, imediato e quarto grau. Por contato quero dizer aproximação pela via do toque, estar, entrar ou ser submetido ao sentido do tato. Quanto à

ideia de imediato, refiro-me à palavra enquanto adjetivo, de não ter intermédio, ser direto e sem intervalo. Tratando-se do termo “quarto grau”, valho-me da conceituação da personagem principal do filme dirigido por Osunsanmi. A personagem define quatro tipos de contato com extraterrestres: o primeiro é ver óvnis ou mesmo extraterrestres; o segundo ter como certo evidências dos mesmos; já o terceiro entrar em contato direto sem abdução, entretanto, o último, o de quarto grau, envolve a experiência apavorante de ser abduzido. O traumático, nesse último filme, estava diretamente relacionado à descoberta da psiquiatra, hipnoterapeuta, de memórias relatadas por seus pacientes sobre a aparição frequente de uma coruja no meio da madrugada. Lembrar ou chegar próximo a qualquer imagem mnêmica da coruja era descobrir o fenômeno traumático da abdução, algo extremamente perturbador.

Nesse sentido, meu caso começa pelo seu nome e envolve, necessariamente um estranhamento. Por não corresponder a nenhum profissional do Hospital psiquiátrico, nem ser parte de sua família, muito menos um amigo, porém, um profissional que vem de outro lugar, o título, hoje, faz-me um pouco mais de sentido. Havia sido convidado a atendê-lo uma vez que ele se enquadrava na primeira proposta do meu trabalho<sup>29</sup>.

Paulo era um estudante de engenharia que sucumbira ao delírio pela prova de fogo das substâncias psicoativas e, no começo de meus atendimentos, dizia que apareci justamente na condição de anjo que iria lhe salvar. Em um dos momentos chegou a dizer que alguém deveria raptá-lo como fazem os extraterrestres. A proximidade indicou-me o desejo débil do meu

---

<sup>29</sup> Inicialmente meu projeto contava com a seleção de participantes da pesquisa que estivessem no contexto universitário. Necessariamente esses participantes deveriam estar sob a condição do sofrimento psíquico e do pensamento renitente suicida. Como houve uma situação de quase morte de Paulo, tendo em vista que ele quis pular do prédio da mãe, caso ela não o deixasse sair, passaram-me seu caso para os meus cuidados de pesquisa e clínica.

paciente, faltava-lhe o outro que pudesse fazer alteridade, que pudesse indicar algum testemunho de sobrevida desejante.

Sua internação foi escolhida devido a ameaça de pular do apartamento da mãe, uma vez que ela não o deixaria sair para usar ou procurar por substâncias psicoativas. Aqui não se sabia ao certo se estava embalado com algum coquetel de drogas ilícitas (cocaína, craque, cannabis sativa, dentre outras relatadas pelo paciente). Nesse dia, como foi relatado por alguns profissionais do Hospital Psiquiátrico da UFU, sua internação foi motivada por uma crise com sintomas delirantes. Permaneceu internado por um mês na instituição.

Em seus delírios havia queixas familiares, denúncias de desvios morais de seus pais: relações que versavam sobre prostituição e uso de drogas. Ao longo de sua história foram produzidos inúmeros ‘afastamentos’ abruptos de ambos os genitores. Chamava seus pais de desgraçados e dirigia sua agressividade para ambos os lados. Quando entro em contato com Paulo toda sua agressividade era dirigida ao pai, quando não expressava ideias cindidas de seu próprio poder diabólico ou angelical. Antes de chegar à cidade de Uberlândia, havia ficado 7 anos sem falar com a mãe até que o pai encontra maconha em sua mochila e decide ‘entregar’ o filho à mãe. Durante todo esse tempo Paulo foi impossibilitado conversar com a mãe porque seu pai alegava que ela usava drogas. As suspeitas recaíam sobre um tipo de controle do pai quanto a não falar com a mãe, haveria um impedimento, um estranho impedimento.

Em meu primeiro contato com Paulo, repetia diversas vezes a frase: o que mais o incomoda aqui é estar preso. Chorava quando se referia à instituição e apresentava o que lhe seria melhor: estar ao lado da mãe. Paulo me disse ter usado cocaína, doce, bala, maconha e ter bebido muito enquanto estava na faculdade, ao mesmo tempo dizia que já sabia tudo, não havia

necessidade de voltar a fazer alguma faculdade. Quando lhe pergunto sobre o que o fazia usar todas aquelas substâncias, dizia-me que usava porque havia uma sensação estranha no peito. Em outro momento disse-me que dava um tiro de cocaína para não se dar um tiro.

Durante quase todo o tempo na instituição ora falava sobre ser uma luz branca na terra, ora dizia-me ser a encarnação do mal. Mostrou-me suas tatuagens, sempre com referências místicas e com componentes dualistas: céu/inferno; bom/mau; água/fogo. Parecia um pequeno menino mostrando seus brinquedos desenhados na pele. Quando tirava a camisa, forçava os músculos. Sua principal preocupação era saber quem iria tirá-lo de lá e, para isso, recorria a mim suplicante.

Em um determinado momento, pede para que eu leia em voz alta a carta de sua mãe. Em uma das partes do texto, dizia que Paulo não estava sozinho porque haveria anjos por lá. Paulo disse que sabia muito bem quem são os anjos: “na realidade, só existe um anjo aqui, que é você”. Eu seria o anjo que lhe tiraria daquele lugar. Seria um anjo ou um extraterrestre tentando se comunicar com um ser de outro planeta, com outra linguagem e marcado por um desejo estranho? Quem seria o terráqueo e quem seria o extraterrestre? A exterioridade absurda que me vinculava ao ser que o abduziria, produziu uma exterioridade-interna, a ponto de encontrar no estranho a figura do desamparo da profissão e a manutenção a duras custas de me disponibilizar para Paulo, como também disponibilizar um território, um local de tratamento.

O efeito de contato imediato de quarto grau incluía a dimensão de alteridade segundo a qual haveria uma possibilidade de localizar algo singular no contato. O extraterrestre, o estranho era o pesquisador, ao mesmo tempo o paciente. Ao primeiro sobre quem haveria alguma demanda de salvação, mesmo que uma demanda limitada, contada com os dias de internação que

pareciam infundáveis a Paulo. Ao segundo, o desentendimento referente à linguagem, à posição que se ocupa no contato. A comunicação rompida me fazia ver que Paulo sabia que pensar as palavras é uma forma de mover o mundo, palavras essas que tinham “o poder”, assumiam algum valor para sua existência cindida. Além disso, as palavras assumiam uma estranha aproximação cindida que, mesmo com o toque físico, a visão de que eu seria alguém camarada, a linguagem não parecia ‘tocar’ a banda de sofrimento vivenciado por Paulo.

A força singular das palavras e de suas imagens sobrepunha pesquisador, analista e paciente sobre: a pele, a tatuagem e o toque. A princípio deixo ele falar, não corto essa possibilidade, tento ver aonde isso iria chegar. As demandas passam a ser mais intensas, começa a dizer que eu não sou empático. Supõe que não sou empático porque devo colocar minha profissão na frente. A dimensão do contato ora é paralisante, ora transcendente. Como alguém pode vir vê-lo e não querer leva-lo consigo? Digo que deve realmente ser difícil ficar naquele lugar. Quase como uma forma de dizer: veja, o mundo é um lugar realmente muito difícil (Como se conhecesse algo de seu mundo). Quem duvidaria? E se não há transcendência, se não há quem o salve, não haverá movimento para além do lugar no qual se está?

Falava-me sobre suas percepções, sobre sua condição potente: tinha contato com tudo, sabia de tudo, era puro e conhecedor das coisas que existem e não deveria estar ali. Tocava-me, chegou a tocar minha ‘fonte’, ao lado da sobrancelha. Suas aproximações me eram estranhas. Usava de querer me abraçar e cumprimentava-me repetidas vezes. O toque parecia lhe ser muito importante. A borda entre eu e outro tornou-se fluida. Um estado de dissolução, invasão permanente. A urgência é tanta que Paulo se plasma no eu do analista, alteridade extraterrena, extra-hospitaleira. Em síntese, Paulo se cola nos significantes que vêm da alteridade.

Queria que eu o tirasse dali. Em nome de quê, de quem? O perturbador é que tudo fica obscuro, a visão torna-se turva. O diálogo girou em torno do poder: eu deveria e conseguiria levá-lo até sua casa. Essa demanda contornava a volta ao amor de sua mãe, para seus cuidados. Uma mãe que havia sido deposta de seu cuidado pelo pai. Essa questão ainda me é um emblema, um enigma. Ele realmente foi alienado do contato com a mãe? Esse é mais um retrato fosco da história de Paulo. Volto para a carta dela. Nas entrelinhas da escrita de sua mãe havia algo que mais me parecia uma tentativa de deixar o filho na instituição sob os cuidados dos ‘anjos’ que um apelo para que saísse da instituição. A própria carta revela sua tentativa recente de fugir e acende um tipo de sacrifício para estar com a mãe, já que parecia precisar ficar na instituição para voltar “são”.

Chorou muitas vezes, disse que um pássaro não poderia ficar enjaulado, perguntava-me se concordava. Em um dado momento disse que quando um pássaro quebra as asas, acaba precisando de acompanhamento. Fico mais um tempo com ele. Continua insistindo que eu deveria tirá-lo de lá. Passo a dizer que não tinha poder para isso, nem poderia considerar tê-lo porque havia acabado de conhecê-lo.

Nesses momentos em que passei a me posicionar e ir contra sua vontade, começou a trazer imagens, ‘forças’, super poderes. Atualiza a potência máxima contra uma força que nega sua vontade. Chegou a dizer que ele era capaz de quebrar aquelas paredes, que era um com o universo. Há um discurso ‘místico’ que o acompanha, disse que leu muitas coisas sobre ocultismo. De todo modo, quando me posicionava, recuava. Por vezes elogiava-me e, novamente, dizia que eu era o anjo que o levaria embora da instituição. Ao mesmo tempo falava que era muito fácil fugir daquele lugar, cuja sensação era de estar em uma prisão e não poder correr para os lados (“não posso correr porque existem muros”). Além disso, relatava repetidas

vezes, chorando, que o melhor lugar para ele é ao lado da mãe. Paulo estava com saudade de suas “coisinhas”.

Esse “contato imediato de quarto grau” me indica algo referente a um tipo de sequestro. Mais tarde percebo no discurso materno esse tipo de fusão ou sobreposição de um sobre o outro. A fusão estaria relacionada com um tipo de junção de dois elementos com a impressão de terem se tornado um. Já a sobreposição, a impressão de uma força de um dos elementos sobre o outro, de modo que o primeiro se faça ver mais que o segundo. Essa mesma fusão colocava-me em contato com algo que seria da ordem do impossível de uma separação. Já nas primeiras sessões, em outro contexto, não mais nas imediações do hospital e sobre a demanda de ter de salvá-lo, na clínica de psicologia com Paulo, notei uma relação interessante entre ele e a mãe. Na primeira sessão, junto da mãe, ele era falado pelo outro materno.

A mãe respondia muito pelo filho, dizia que sempre fez tudo por ele, quando pequeno nunca gostou de contrariá-lo. Sobre a saída de casa, diz que foi escolha do próprio Paulo por ela ter desligado o computador no momento em que ele estava jogando vídeo-game. É interessante notar que, segundo Benhaim (2004, p. 37) “a mãe do sujeito psicótico põe seu filho num lugar de objeto de gozo, de capricho, em seu fantasma, e não enuncia nenhuma queixa diretamente a ele”. A queixa da mãe, para essa autora é seu filho não ter propiciado alguma fuga de seu destino de castrada. Como o filho não preenche sua falha provinda da castração, queixa-se.

Para além disso, a narrativa fica um pouco confusa. Patrícia diz que o pai de Paulo alegou que ela não tinha condições de criar o filho porque era usuária de drogas. Ela diz não estar usando substâncias quando o pai decidiu pegar a guarda do filho, e comenta ter feito alguns exames para o juiz. Se diz vítima da situação. Chora. Paulo fica um pouco agitado e passa a colocar todos os problemas que existiram na figura do pai. Noto que perto da mãe ele me parece

mais organizado. Sugiro que Patrícia procure acompanhamento psicológico. Ela responde que seu tratamento está na arte e nos livros do Augusto Cury. Em outros momentos relata que fez um curso em programação neurolinguística e reforça a ideia de que Paulo deve pensar positivamente.

Patrícia volta um pouco em sua história pessoal e diz ter descoberto ser filha biológica de um pai que não conhecia. Chegou a tentar conseguir uma parte da herança que era seu direito, mas não obteve apoio dos irmãos desse pai. Fica comovida com a própria história de ser uma filha de um homem que não teve a oportunidade de conhecer. Mais uma história estranha. Mais um enigma sobre o caso da estranha família de Paulo. A história me parece querer se fazer valer pelo choro, personificam-se as perturbações sobre o caso. Quem é essa que está na minha frente e que me colocou a pisar em ovos de cascas frágeis? Patrícia convoca-me a ocupar um lugar de impotência. Minha dificuldade de estar na sessão esbarrava em um tipo de paralização curiosa. Entrar um pouco mais nessa história seria esbarrar com as dissonâncias do discurso e em algum tipo de persecutoriedade. Possivelmente, se discordasse dessa mãe, entraria em um campo de guerra. Senti-me pequeno da mesma forma que vi encolher seu filho em outro momento. Da mesma forma, a entrada das minhas intervenções, por mais singelas que fossem, tiveram uma recepção de afronta.

Entrar nas imediações da relação mãe e filho e das queixas da primeira, reatualizam questões que são caras aos psicanalistas que estudam a psicose. Benhaim (2004) retoma uma das grandes questões do atendimento de mães de psicóticos. A origem da queixa é uma tremenda angústia de separação, atualiza-se na mãe “o impossível de um confronto com a perda, isto é, sobre a superposição de um luto irrealizável e de uma perda não integral” (Benhaim, 2004, p.44). O analista foi mais um no território sensível da angústia materna, cujo gozo da mãe é querer o

impossível do filho para obliterar sua condição faltante. Triscar, aproximar-se de algo que possa apontar a perda do domínio do objeto-filho foi acordar a ferocidade da queixa.

Nesse momento, considero necessária uma pequena digressão sobre o trabalho com Paulo, ou melhor, sua condenação. Se havia uma demanda de salvação, fora condenada nesse mesmo ponto, tirar Paulo do hospital psiquiátrico era a única demanda possível, o resto ficara condenado como resto. Patrícia, nos encontros que tive com ela, nunca dissera nada sobre os problemas do filho, não havia um direcionamento da demanda de cura. Paulo não tinha um problema que deviria “ser resolvido”, só havia “passado por momentos ruins”. Não havia uma indicação de perturbação sobre a relação de Paulo em sua vida relacional. O sonho desse ‘caso de um, mas a dois’ era vivenciar o futuro feliz, longe da cidade onde pudessem aplicar métodos de cura: “exercício físico, trabalho e amor”.

Posteriormente, sugiro a Paulo vir para a consulta de ônibus, e deixei claro que conseguiríamos um vale transporte (caso ele não tivesse como arcar com a viagem). Ao invés de ter a resposta de Paulo, encontro uma mensagem de áudio no whatsapp enviada por Patrícia. Pegar o ônibus era extremamente perigoso e oneroso. Havia uma suposta crença de que ele poderia recair ou mesmo morrer. Era funesta a possibilidade de transitar pela cidade. Quanto à possibilidade de morrer, no mínimo estranha, contrastava com a tentativa de morte do filho no mês anterior. Em síntese, ela evitava tudo que pudesse capturar seu pequeno garoto. O efeito que essa mãe tinha, junto ao paradoxo engajamento e desengajamento subjetivo, era de profunda irritabilidade. Sua última mensagem segue:

Boa tarde, Dr. Bruno. O Paulo veio me questionar, agora, sobre a possibilidade dele ir sozinho de ônibus, pegar três ônibus para ir e três para voltar, parando em praticamente dois terminais... e... e não sei se você está sabendo... quer dizer, eu sei que você está porque da última vez que conversei com você, OLHANDO NO SEU OLHO, eu disse que

eu estava FINANCEIRAMENTE dependente de alguém, de um relacionamento. Esse relacionamento não existe mais, então seria, praticamente, como somar um mais um que é igual a dois. Não eu não tenho condições nem financeiras, e nem acho que também o Paulo tenha de encontrar esse lugar aí sozinho porque ele nunca foi para essa direção, nem eu sei como explicar para ele como chegar aí, tá certo?... e eu também NÃO TENHO COMO PAGAR o ônibus para o Paulo. A UFU vai dar esse vale transporte, vai se responsabilizar o que vai acontecer com o Paulo daqui, lá sozinho?! Aí tudo bem... porque VOCÊ PRECISA ENTENDER UMA COISA, Bruno, eu tô tentando ser forte, vender meu apartamento, me mudar daqui e recomeçar uma vida nova e empreender algo que me dê PRAZER E SATISFAÇÃO. Que acho que o MAIOR EXEMPLO que tenho pra dar para o meu filho é EU SER FELIZ. Mas, nesse exato momento, para que a gente não volte nesse assunto novamente. Porque eu já deixei isso claro pra você. NÃO TENHO COMO PAGAR NENHUM ÔNIBUS PARA O MEU FILHO! Para ser mais clara ainda, eu vou te dizer, eu estou vendendo coisas dentro da minha casa, de utilidades domésticas, para comprar remédio e manter comida para nós dois. Então, por favor, essa possibilidade não existe. Tá bom? Agradeço muito a sugestão, mas se... não entendi também o POR QUE da pergunta. Até porque tem alguém se dispondo a dar essa carona. De toda forma, se você acha que essa carona está prejudicando muito meu filho, o Paulo, né, a convivência com esse ex. Então você fala diretamente comigo. Por que aí de uma forma ou de outra eu vou ter que procurar um psicólogo aqui perto para resolver essa situação. Muito obrigada.

Essa foi a mensagem disruptiva. A ruptura com a análise do filho que mal havia começado retratou o efeito narcísico enlouquecido de sua impotência desejanste. A retomada forte das dificuldades que ela passa em contraste com o sofrimento vivenciado por seu filho nos

últimos meses. A inoperância básica de uma condição mínima de bancar o “desejo de tratamento” de seu rapaz. Enfim, essa digressão coloca participação da mãe no caso.

Retorno, agora na primeira sessão depois que Paulo saiu do Hospital Psiquiátrico, na clínica de psicologia. Após atender mãe e filho, peço para a mãe se retirar para ficar sozinho com Paulo. Consigo me lembrar de poucas coisas que aconteceram. Sua narrativa fica confusa, mostra-me suas tatuagens novamente, diz que o mundo é ruim e que ele próprio é o “capeta”. Transita entre o céu e o inferno. Diz algo que para mim foi significativo, talvez o que realmente consegui extrair da sessão: “Para não me dar um tiro, eu dava os tiros”. Um tiro é uma carreira de cocaína cheirada. Também menciona querer se mudar, viver no mato, já viveu tudo o que tinha para viver, por já saber tudo sobre engenharia e não achar que foi feito para fazer contas.

Lembro-me de colar em alguns estados de Paulo. Em uma das sessões, muito agitado, causava-me o mesmo efeito, embora eu conseguisse sustentar tranquilidade. Frente a um comportamento agitado e a dizeres repetidamente de estar bem, faço um convite para tomarmos um café fora da clínica, para andarmos um pouco. Ele aceita, porém, quando estávamos no meio do caminho, somos obrigados a voltar para a sala de atendimento. Entretanto, essa obrigação partira do próprio Paulo. Disse-me que se fosse tomar o café, o homem que estava com sua mãe na sala de espera faria alguma coisa que os colocaria em risco. Enquanto voltávamos, dizia que tinha o poder de mudar alguns fenômenos da vida. Pergunta-me se eu havia visto o quanto ele fora capaz de recusar uma coisa que ele gostava muito, o café.

Nessa sessão Paulo saltava entre ser um semi-deus que influenciava de maneira positiva toda população da terra e um demônio que provocava inúmeras desgraças. Entretanto, as desgraças eram mais acentuadas. A descrição de guerras, de inúmeras pessoas usando drogas, bem como a certeza de que seu nome carregava uma espécie de maldição hereditária. Conta-me

que o sobrenome de seu pai, é responsável por carnificinas no passado e desgraças no presente. Para Paulo, quem tem esse sobrenome deve tirar.

Voltam explicações sobre as tatuagens. Dois lados cindidos que me parecem necessários um para o outro: céu/inferno; Deus/demônio; bem/mal; paraíso/terra. Entre suas falas intempestivas, rápidas, com o balançar de mãos, seu rosto infantil, entre sentar-se e levantar-se. Paulo fala que se sente um extraterrestre, alguém que parece ter chegado em um disco voador.

Havia uma dificuldade específica de estar com Paulo. A sensação e, agora, ao me reaproximar do caso é de que, em alguns momentos, desancorava-me, delirava com ele. Medo, receio e vontade de adiar as sessões eram algumas das minhas reações. Em um dos relatos escrevo:

Digo a mim e ao Outro que não sei quem está falando. Poderia responder-me: é o demônio ou é a legião. Seu nome é Legião. Quem escuto? Não é um demônio contra o qual deva dizer palavras especiais, como foi feito por Cristo ou qualquer outro grande ídolo que tenta apartar o impacto da dimensão angustiante. Lembro da palavra 'eudaimonia'<sup>30</sup>, mas não consigo relacioná-la a algo.

O tiro de Paulo foi seu demônio (?) transvestido em relação violenta com sua querida e bela mãe. Um extraterrestre que encontra a mãe terra, um tiro que suporta as ações de seu corpo. Um corpo marcado por símbolos que lhe faltam. Símbolos extremamente bem feitos que precisam ser mostrados para certificar seu porte másculo faltante.

---

<sup>30</sup> **Eudaimonia** (do grego antigo: εὐδαιμονία) é um termo grego que, literalmente, significa: "o estado de ser habitado por um bom daemon, um bom gênio", e, em geral, é traduzido como felicidade ou bem-estar.

Tudo tem o mesmo valor. Paulo cola os significantes do outro. A noção do desejo muda. O poder dele era “reconhecer as próprias ações como uma maneira de modificar toda estrutura do mundo”, como se não houvesse diferenças.

Depois de três sessões, Paulo volta mudo. A sessão foi marcada por longos silêncios, longos e angustiosos silêncios. Não havia aparentemente o que falar, porém, seu corpo suave, suas mãos estavam trêmulas. Houve uma sessão com um psiquiatra que lhe deu o diagnóstico de bipolaridade, por não saber ao certo o que era, perguntou-me. Digo que a sensação traduzida nesse diagnóstico é parecida com a de uma montanha russa emocional, ora sente-se muita euforia, ora sente-se muita tristeza ou falta de gosto para tudo. Pergunto se estava difícil falar. Não acena, não diz, não gesticula. Seu rosto fica molhado de suor. Em alguns momentos começa a querer se expressar, algo parecia querer sair, mas ficava ao encargo de reticências, silêncio. Saía um “a”, “cá”... Consegue dizer que tem sentido culpa pelas coisas que havia feito. A frase sai... tensão... suor... a boca abre. Pergunto-me se não se pode falar. Não há o que dizer? Parecia um pequeno garoto que tenta falar algo para um adulto, mas sentia medo de dizer por que pode ser punido pelo que fez. Diante de mim parecia assustado por não ter voz. Estava inibido? Pergunto se algo tem passado pela sua cabeça. Diz que sim, imagens.

Depois de um tempo deixo o silêncio tomar conta da sessão. Espero para ver acontecer. Percebo Paulo olhando para fora, escutando o barulho de um passarinho e assobiando. Ouvia o que passava pela janela, pelo lado de fora. Depois de um bom tempo resolvi encerrar a sessão. Faltavam 15 minutos.

Digo que poderíamos marcar a próxima sessão para semana que vem às 14 h, na terça-feira. Assente com a cabeça. Tento mais uma vez, pergunto se ele gostaria de escrever alguma

coisa. Escreve “a culpa é” e traça um risco por cima. Mas ao riscar parece acentuar sua culpa de ser. Embaixo escreve: “sou o que sou”.

Levanto e caminho com ele até a porta da recepção. Quando lá chegamos, pergunto se “poderia dizer para sua mãe...”. Ele atravessa minha fala, entende que deveria dizer para a mãe que ele não havia conseguido conversar comigo. Tento corrigir, falo sobre o horário da próxima sessão. No entanto, o mal entendido havia sido posto, seu comentário mobilizou a mãe. Ela o abraça, pergunta o motivo de não ter conseguido conversar comigo e se oferece para entrar e conversar sobre ele. Pergunto a Paulo se gostaria de ter essa conversa. Consente. Digo que ainda temos alguns minutos. Voltamos para a sala de atendimento.

Estava confuso, não conseguia entender a reação da mãe. Ela tenta falar por ele. Fala por ele. Começa perguntando ao filho o motivo de não conseguir conversar..., mas não dá espaço para o filho falar. Diz que Paulo ficou muito abalado com o diagnóstico do psiquiatra. Pergunta: \_ Paulo você não perguntou ao Dr. Bruno sobre o que você tem que fazer agora que tem o diagnóstico de depressão bipolar? Depois se volta a mim e pergunta o que deveria fazer, como deveria proceder com o diagnóstico do filho. Não espera pela minha resposta e continua falando sobre como ela trata o filho por meio da PNL e do pensamento positivo. Respondo que aquele espaço não interfere no trabalho do psiquiatra, porém, para nós o diagnóstico precisaria de um pouco mais de tempo.

Patrícia fala sobre um sonho do filho. Havia sonhado que matava duas famílias, uma delas era a do pai, a outra família assassinada ela não se lembrava. Paulo contou para ela esse sonho, imediatamente ela disse para não ficar pensando nessas coisas ruins. Volta a falar sobre as prescrições que dá ao filho: natureza, suor (trabalho) e paz interior. Por isso quer mudar para a

chapada dos veadeiros. Lá quer fazer uma casa de camping. Pergunta se eu gosto de acampar, respondo nunca ter acampado na vida, mas que a ideia me era interessante. Convida-me para passar um tempo na sua futura casa de camping. Paulo sorri, bate uma palma silenciosa e passa as mãos nas pernas. Feito uma criança de 8 anos animada.

Digo que nem sempre mudar significa abandonar os problemas, “quando mudamos, levamos conosco nós mesmos para o lugar que vamos”. Depois acentuo que a clínica é um lugar para falarmos de coisas negativas também, caso contrário estaríamos jogando nossos problemas para debaixo do tapete. Ela muda de assunto. Fico em silêncio.

Depois que a mãe entra, sinto que eu havia ficado um pouco sem voz. Percebo isso, entretanto, consigo pontuar algumas coisas de maneira a não mostrar uma pequena vontade agressiva de quebrar sua dominação. Não consigo me lembrar ao certo do encerramento. Fui eu ou ela quem encerrou essa sessão? Acho que ambos. Voltamos ao assunto do horário da próxima sessão. Ela disse que precisava conversar com o namorado. Saímos. Quando abria a porta para a sala de espera, Patrícia diz que não estava fugindo de nada. Sorrio aceno com a cabeça, não falo nada. Conversa com o namorado, marcamos.

Depois desse atendimento, atendo Paulo mais duas vezes. Em uma dessas sessões traz uma miríade de situações que marcaram sua história dos 10 aos 17 anos. Com toda sua dificuldade de falar, suor, inquietação, arrisca-se a deitar no divã. Conta não ter sido bem quisto pelas pessoas, professores, pai e colegas de escola. Costumava mentir para ser aceito e teoriza uma punição divina por ter odiado Deus, tinha se revoltado contra Deus.

“Eu era muito teimoso, agitado, queria descobrir as coisas muito rápido... acabei gostando de ficar mais com os meninos mais velhos, eles roubavam os postinhos... eu fiz porque eu queria... queria... as meninas ficavam com os mais velhos...”.

A angústia enredada nesse atendimento vigorou entre o desejo do analista, introdução primária para uma possível forma de tratamento transferencial na psicose, a condição de invasão do gozo no sujeito psicótico, uma vez que é lugar de objeto do gozo do Outro, e o problema psicanalítico da existência do desejo na psicose (BATTISTA, 2017; MAYER E BRAUER, 2010). Foi notória a aproximação invasiva à qual estava submetido junto a Paulo. Nesse sentido, as medicações excessivas colocavam-no na posição de não produzir uma formação delirante, estava anestesiado pelo grande 'Outro' da droga. A saída desejante pela alucinação, pelo delírio não era possível, assim, o trabalho da fantasia ficava precário e a função que o desejo tem, operador genuíno de movimento psíquico, ficava sem grandes artificios, quase apagado. A presença nesse caso só fora possível pelo contato, pela presença de contato.

É necessário pontuar que o diagnóstico de Paulo com a psicose é mais uma aproximação que uma definição de estrutura. Uma vez que o tempo de atendimento e as condições observadas não dão suporte para a fundamentação da estrutura de Paulo. Se me aproximo ao conceito e à diagnóstica relativa à sujeito psicótico, é mais pela possibilidade de pensar os efeitos que o grande Outro teve nesse caso. Nesse sentido, cabe uma pequena análise da transferência nos casos de psicose, ainda que a possibilidade transferencial tenha tido "data marcada", o fim da internação de Paulo.

Mayer e Brauer (2010) ajudam a retomar Freud e nos aproximarmos do caso em questão. Dentre as características descritas por Freud, sobre as dificuldades da lida clínica com aqueles, está a "dificuldade de o psicótico fazer laço com o outro, o que prejudicaria a possibilidade de instauração da transferência" (Mayer e Brauer, 2010, p. 238); a percepção de que o "parafrênico" apresentava a libido voltada para o próprio ego, desligada dos objetos (Mayer e Brauer, 2010)

Tratando-se da clínica lacaniana, essas autoras referenciam o manejo da transferência como algo delicado e que se apresenta de forma maciça. Quem se apresenta ao sujeito psicótico, pela transferência é o Outro, cuja presença é "incessantemente absoluta e invasora" (Mayer e Brauer, 2010, p. 241). O analista, portanto, ocuparia o lugar absoluto do grande Outro o qual teria como forma de transferência a perseguição ou a erotomania. O que fica em jogo, na baliza transferencial é o cuidado com a relação do analista com o saber para que o sujeito não se sinta invadido, perseguido ou muito amado pelo analista (Mayer e Brauer, 2010). O Outro é tomado pelo sujeito psicótico como absoluto e seu saber é rígido em certeza. A invasão do Outro é um dos fenômenos que transladam os delírios do paciente, nesse sentido, o Outro persegue, tortura, toma o sujeito como refém e prisioneiro.

Transferencialmente a “invocação” de uma intervenção do salvador, a chamada por ocupar esse lugar, os deslocamentos delirantes sobre a importância máxima de Paulo no mundo, tanto para o “bem”, quanto para o “mal”, provocaram-me e foram necessárias para um olhar cuidadoso para o sentido da análise. Embora se pense na invasão do gozo enquanto uma das características trabalhadas pelos autores que estudaram a psicose, há que se pensar em um tipo de invasão produzido na minha identificação com o sentido de ser analista. O que era ser analista com Paulo? Definitivamente, ser analista foi tentar suportar a invasão do gozo do Outro e encontrar alguma forma de fazer resistência à demanda de salvação. Mesmo reconhecendo que a insistência do profissional de salvar Paulo do suicídio e das drogas não fazia parte do tratamento analítico, isso se repetia. Repetia tanto que foram necessárias algumas supervisões para deslocar o sentido da análise para o a posteriori, para me ausentar da posição que Freud antevia como furor curandis, o desejo do analista de curar apressadamente os sintomas de seus analisandos.

Além disso, a forma como se produzem os efeitos de análise foram, paulatinamente, encarregadas de deslocar o sentido que tanto procurava em de “fazer Paulo falar” com a finalidade de “ajudá-lo”. Mesmo sendo recorrente no âmbito teórico o reconhecimento do valor do silêncio em análise, houve um tipo de insistência de minha parte para que Paulo falasse. Entretanto, uma das sessões me marcou de forma impressionante quanto ao valor do silêncio, uma possível parceria ‘desobrigada’ da intervenção e da ‘coisa’ repetitiva de Paulo ‘ter que falar’. Refiro-me a uma sessão onde sua formulação discursiva estava difícilíssima, suas mãos gotejavam de suor e tudo o que conseguia dizer eram consoantes esparsas sobre um tempo que parecia infinito para mim.

Essa parceria analista e analisando, analista como o “secretário do alienado”, como nos diria Lacan, parece encontrar no corpo do psicótico a estruturação de seu desejo. Battista (2017) retorna aos ensinamentos de Lacan e Freud para sustentar que a relação que o psicótico tem com o corpo está vinculada com sua lida desejante. A autora pensa ser justamente a incapacidade de lidar, de captar o desejo do Outro, que, na psicose, institui-se o desejo do outro em si sob a forma da persecutoriedade. Ao realocar a relação do surgimento do desejo e a correspondente formação da lei, Battista (2017) lembra que "a estruturação do desejo psicótico no corpo tem toda a importância, já que o psicótico desconhece o falo e o Outro, e por esta condição tem que se haver com um corpo desvelado" (Battista, 2017, p. 127, tradução livre realizada pelo autor). Nesse sentido, quando o psicótico restitui a dimensão do desejo, inventa sua própria lei, já que o desejo se suporta sem a referência do nome do pai e do fantasma.

Longe de conduzir uma teoria sobre o desejo do psicótico, valho-me da tese de Battista (2017) para me aproximar naquilo que vacila nesse caso clínico e de como o desejo é enredado por um processo assintótico na psicose. Sua condição assintótica, sumariamente, é devido à

descrição de seu movimento figurar em situações limites e imprecisas. Ou seja, a composição dos movimentos do desejo nas psicoses se dá por outras vias, sejam elas por meio do corpo, sejam elas nos delírios e nas alucinações que acompanham o sujeito psicótico, vias essas que incluem o desejo do analista que, a duras custas, pode “tocar” o desejo do sujeito psicótico.

De todo modo, o testemunho ocular, corporal e imagético foi imprescindível para a formulação da condução deste caso clínico. Além de ter me conduzido a sentir os apagamentos e a ausência dos rastros do desejo sob os principais significantes: mãe, pai, drogas, instituição psiquiátrica, medicações e salvação. O contato imediato de quarto grau teve tempo e deixou profundas marcas de imprecisão, não menos que os relatos dos filmes referenciados para escrever sobre esse caso. No mais das vezes, encontrar o ‘fio do desejo’ também me foi encontrar o fim da análise de Paulo e a imposição de algo que nos aproximou do impossível de suas relações.

## **5.2 A morte, o luto e o pai**

Adriane me foi encaminhada pelo HC-UFU. As questões de minha paciente envolvem uma vontade que ora pende para um aspecto estranho de dar fim à própria vida, ora oscila ao medo terrível da morte encarada pelo que chamava de “crises de ansiedade” ou “ataques de pânico”. Posicionava-se como alguém que não sentia medo ou covardia de se lesar. Embora, quando suas crises de pânico apareciam, sentisse um terrível medo de morrer.

Por vezes relata estar cozinhando e ter vontade de jogar óleo quente em seu próprio rosto, cortar a própria garganta, os pulsos, ferir-se. Havia sido internada no início daquele ano devido a uma tentativa de se matar, nomeava essa tentativa de “incidente”. A tentativa foi estranha. Tentou se matar se “auto-enforcando”, puxando uma corda de modo a apertar o próprio pescoço.

Disse-me que não queria se matar, tanto não queria que parou de fazer força com a corda. Transferencialmente sentia minhas mãos dormentes, uma espécie de dor no peito quando lhe ouvi dizer isso pela primeira vez. Adriane não gostava do termo suicídio. Para ela não existia “tentativa de suicídio” porque todo suicídio pressupõe ser “assertivo”.

Houve, no começo dos atendimentos, histórias de pessoas próximas que ela havia perdido. Dentre elas uma avó, há dois anos atrás e um ex-namorado, há dois ou três meses. Também apresentava um enorme conflito com seu pai, bem como com outras figuras masculinas.

Quanto à comiseração pela avó, mãe de seu pai, culpava-se por nunca ter dito que a amava. Culpa-se também por não a ter visitado mais. “Não ia até a casa dela porque ela morava no fundo da casa de meu pai. Não queria encontrar com meu pai, ele sempre foi um merda, um babaca”. Adriane retornava repetidas vezes à figura do pai (quando falava da casa de sua avó e do quanto sentia sua falta) que, segundo Adriane, estava na raiz de quase todos os seus problemas. Reclamava a pouca capacidade de seu pai entrar em contato com ela e de sempre querer lhe tirar dinheiro ou alguma vantagem. Além disso, deixa claro ter uma raiva enorme de seu pai por manter relações com mulheres mais novas, da mesma idade ou mais novas que Adriane. Chegou a dizer que se havia alguém que ela não gostaria que a visse no caixão era o pai, a única pessoa que ela não gostaria que entrasse em seu velório.

Apresentou uma série de atribuições negativas ao pai ‘escroto’: havia traído e era abusivo com a mãe. A outra figura masculina que tinha dentro de casa era o padrasto, outro “escroto”, outra pessoa que sugava o melhor da mãe e fazia coisas para provocar Adriane. Denunciava a

incapacidade da mãe em abrir mão de seu relacionamento abusivo com o padrasto, uma vez que sempre que havia uma briga, “ele se fazia de vítima e conseguia o que queria com minha mãe”.

A primeira vez que tentou se matar foi por “culpa do pai”, corrige, diz que ninguém tem culpa de nada, porém continua, “boa parte da minha vontade de me matar vem do descaso do meu pai”. Sua raiva ao pai se estende ao aspecto financeiro: “ele não quis ajudar minha mãe a pagar os remédios”. Por um lado, gostaria de mostrar ao pai o quanto ele foi horrível. O “pai horrível” a ‘manipulou’ quando a mãe o havia levado na justiça por não ter pago a pensão. Mas “essa é uma das histórias”, conta. Diz só não levar esse pai na justiça porque a mãe não quer, a mãe impede.

Dobrada se sente duas, haveria liberdade, leveza se punisse o pai pelas inúmeras coisas ruins que ele fizera; por outro o peso de ter que lembrar, ficar cara-a-cara com ele, reviver suas “escrotices”. Após uma espécie de descarga relacionada ao que vê em seu progenitor, detalhes maiores sobre outra figura masculina se fizeram presentes. O padrasto bêbado, envolvido com outras drogas, agressivo com a mãe, com os irmãos, mas incrivelmente acuado quando se depara com Adriane. Em alguns momentos essa figura “espancou” seus irmãos, deixando marcas no rosto de um deles, se não me engano no mais novo. Para além disso, ela me oferece a ideia de que ele manipula a mãe para, no final de toda briga, ela e os seus irmãos saírem como culpadas ela e os irmãos.

Existia uma ideia recorrente e insistente de querer um diagnóstico ou de que esses diagnósticos testemunhassem algum tipo de favor a si mesma. Contava-me alguma vezes sobre como descobriu que tinha depressão. Chegou a teorizar ter tido depressão desde seus 9, 10 anos. Percebeu que pensava em suicídio há bastante tempo junto a uma psicóloga que a acompanhou

outrora. Embora o fio da vida de sua avó tenha sido cortado há dois anos, açoitava-se por uma pergunta singela, porém expressiva: “Uma vez minha avó perguntou à minha mãe se eu a amava. Como ela pôde duvidar do meu amor?”.

Como alguém poderia duvidar do amor de Adriane? Como alguém poderia amar Adriane? Como o amor se expressava às vias de fato com seu ex-namorado inteligente, empático e depressivo? Como amar alguém que não existe mais, cuja morte caiu do azul, incorreu em AVC fulminante? Como sustentar uma vida quando não se sabe como e porque viver? Lembro-me de ouvir diversas vezes, no caminho para a clínica de psicologia da UFU, a música “How” de Johnn Lenon. Martelava-me a afirmativa “You know life can be long / And you got to be so strong / And the world is so tough/ Somethimes I fell I’ve had enough”. Em outros momentos, Johnn Lennon se pergunta na música se é possível dar amor, quando nunca houve amor em sua vida. De outro modo, como se identificar com uma coisa que não existe, que não se tem? Como se identificar com o vazio e com a falta?

Adriane se obstina em querer reparar as faltas radicais em sua vida sobre três aspectos: a morte, o luto e o pai. O jogo transferencial colocava três significantes em uma dança de desespero cênico. Um tipo de captura que foi muito bem documentado por Freud em “Estudos sobre a histeria” (1995). A demanda sofrida por amor, a demanda impossível de reparar a própria falta e a do outro (Simões, 2007) é uma das características presentes nesse caso. Nesse sentido, a falta radical do outro, era presentificada nas imediações do desejo e na leitura apurada da paciente sobre as minhas respostas transferenciais.

Em uma das sessões escrevo que havia saído de pernas bambas:

Adriane parece, quase, conseguir me convencer de que não existe sentido para sua vida. Começa a sessão com as mãos trêmulas, nervosa. Às vezes me desdenhava. Não sei se tenho conseguido alcançar alguma coisa nela. Penso nas mensagens de celular, na última sessão sobre seus ‘traumas’: um abuso sexual cometido por seu avô. De todo modo, ela entra trêmula e eu saio trêmulo.

Adriane tensionava sua demanda de amor dizendo que ela seria somente mais uma paciente que eu perderia. Chegou a perguntar se eu havia perdido outras pacientes e que se houvesse perdido isso não faria diferença, já que a vida continua. As questões de Adriane são levantadas segundo a permanência na vida devido somente ao que os outros querem dela. Nesse sentido se questiona: “devo viver somente porque minha mãe vai sofrer, caso me mate? As pessoas parecem me querer somente como uma pessoa falsa que deve esconder o que tem sentido”. Adriane pendulava: ou viver para o outro ou ser um corpo para o Outro. Fazer-se corpo para que o Outro a tome, brinque de enfeitá-la enquanto um corpo modificado, passivo. Era esse o grande impasse: viver em função do amor pelo Outro ou ser amada pelo Outro?

Ao mesmo tempo em que pensava na própria morte, lembrava da morte do ex-namorado, sobre como foi posto no caixão: fizeram-lhe a barba, colocaram seu cabelo para trás. As decisões dos outros sobre o corpo de seu ex-namorado entraram em cena. Tudo o que fizeram com ele era contrário a como ele gostaria de ser tratado caso estivesse vivo. Intervenho nesse ponto dizendo que após a morte não temos controle algum sobre o que os outros farão com nossos corpos. Algumas sessões mais tarde queixa sobre a possibilidade de fazerem o que bem entenderem com seu corpo caso ela coloque fim à própria vida: “Serei somente um corpo e todos vão poder fazer o que quiser comigo. Vão me colocar saia, maquiar...”.

Durante os atendimentos, disse a Adriane para ficar à vontade caso quisesse me ligar e fosse de extrema necessidade. Em uma das poucas ocasiões que me liga, ela estava em um ônibus começando a ter uma crise de ansiedade. Quando tento direcionar algum tipo de pergunta ou conversa, a ligação “cai”. Fiquei bastante preocupado no dia, mas me convenci a duras custas de que ela havia passado por outras crises e, pelas poucas palavras trocadas, tive ciência do uso de doses maiores de um calmante, bem como da presença de uma tia durante a viagem. Passados alguns meses, Adriane conta que havia desligado a chamada, disse-me que eu não saberia o que fazer e que nada adiantaria. Contou-me sentir raiva por não conseguir ajudá-la. De todo modo, esse foi um dos momentos em que me senti angustiado pela tentativa “falha de ajudar”, de “salvá-la desse medo terrível da morte”. Embora em supervisão tenha ficado claro como estava me comprometendo com os sentidos que ela dava aos seus conflitos, não com os significantes, com seu sofrimento e com gozo de narrar sua própria morte, não houve um processo de assimilação transferencialmente.

Necessariamente, essa falta com a escuta dos significantes se repete e sempre cai no fracasso do lugar de suposto saber, o qual, permanentemente, eu não estava à altura. Em outras palavras, ao sujeito-suposto-saber era reservado a negação de seu posto como possível salvador. Ela não queria ser salva como uma menininha, ao mesmo tempo, criava todo um melodrama de não querer ser salva. Essas repetições, sem dúvidas, gritava na formação do que se compreende como demanda, o grito de ajuda, como criação do amor transferencial não era para ser atendido. O melodrama criado pela salvação e o fracasso do qual não cessava de me deixar capturar em angústia, empreendia o que a própria demanda confabulara, uma vez que é por meio do fracasso que toda demanda empreende. A tentativa aqui era de fazer retirada, de se fazer retirar. Esse é o ponto central da demanda transferencial dela. A negatividade da demanda humana é justamente

não ser capaz de ser atendida e ser vislumbrada, depois que se empreende o fracasso, a condição desejante de Adriane.

Havia, em algumas das primeiras sessões um enigma, um segredo, algo que ela não poderia dizer. Referia-se a não poder me contar sobre sua 'vontade de cometer suicídio'. Chega a comentar sobre um dia específico em que me liga, por estar em crise e pensando em se matar. Nesse dia não atendo, sua reação foi amarrar suas mãos com alguns fios que havia no fundo de sua casa. Tenta passar os fios pelo pescoço, da mesma forma que tentou quando foi internada? Não cheguei a perguntar, deixei ela continuar com a narrativa, com o "como foi" que ela se safou da morte em suas próprias mãos. Amarra suas mãos, não se enforca por medo de ser institucionalizada no hospital psiquiátrico, para além disso, chama a mãe que fica ao seu lado, sem falar nada, apenas a abraça.

Dizia lhe acometer um paradoxo de ter crises, medos que a tomam do nada, sem passar por sua vontade. O "paradoxo das crises" refere-se a: ao mesmo tempo de querer colocar fim à própria vida, temer por algo que pudesse acontecer consigo própria nas crises de ansiedade. Haviam os relatos sobre os momentos de crise de ansiedade e, ao mesmo tempo, relatos relacionados às imagens recorrentes de autoagressão. Depois de um tempo, Adriane dizia que os fenômenos que a assaltavam eram pensamentos inconscientes. Por esses pensamentos, sobre a medida que lhe coube, sustentava a partir da ideia de serem coisas relativas ao que ela 'não resolve consigo-mesma e guarda, aguenta calada'.

Com o tempo de atendimento foi tentando outras aproximações. Procurei enfrentar diretamente isso que ela chama de não querer viver. Começo a ponderar, um pouco mais incisivo, sobre como o ex-namorado não teve escolhas frente à morte. Existiam duas vias de

percepção: a morte voluntária e a morte pela doença do ex-namorado. Ao se debruçar sobre a segunda morte, colocava-se na direção de alguma simbolização de seu difícil luto, tanto que Adriane começou a chamar esse ex-namorado de “morto”. Posteriormente, a palavra morto me pareceu ter correspondência à sua raiva de ter perdido, não somente, à raiva de terem terminado o que não conseguiram começar. O relacionamento que tiveram foi breve e marcado por um término, havia esperanças da parte dela de algum dia voltarem. Não somente, a dimensão de uma morte incontrolável, um tipo de morte fulminante, como se os deuses houvessem lançado raios mortais ao copo do jovem, desvelava o caráter incontrolável da vida. Há uma parte significativa desses movimentos da vida que impõem dois fatores: um independente, outro dependente, responsável.

Claramente não estou levando em conta o preço racional de dizer “sim” para a vida que todos levamos. Há uma aposta do desejo para qualquer demarcação afirmativa que dá contornos aos objetos que nos envolvem e nos fazem caminhar. A aposta de Adriane, mesmo quando passa por uma demanda radical de “salve-me quem puder”, devia ser assinalada: há somente uma pessoa que perde quando escolhe não mais viver. Há tanta responsabilidade na escolha pela vida que quando pontuo isso, junto ao choro e à comiseração, Adriane vai embora dizendo que estava “achando aqui pesado”.

Ao longo de quase todas as sessões havia uma malha fina de intenções de Adriane que me capturavam onde não havia possibilidade de controle. É interessante perceber que a sensação frequente, e isso consta em meus relatos de atendimento, era de não ter estabelecido um laço transferencial, de que iria perdê-la. Tanto era assim que o jogo transferencial complementava a incerteza de Adriane quanto minha capacidade de ajuda-la de alguma forma. O jogo para mim estava na condição de colocar em questão a transferência direcionada àquele que sabe e pode

fazer alguma coisa com seu sofrimento. Nesse jogo, dizia não poder contar comigo porque não queria contar com meu saber sobre suas premeditações referentes a quando ia ser a ‘próxima tentativa de suicídio’.

Penso que debruçar sobre o “jogo e o contar” é enlaçar sua condição desejante em duas vias. Jogar, antes de tudo, é aferir regras próprias e brincar com as leis impostas. Jogar também envolve apostar em ganhar ou se divertir com o caminho percorrido segundo determinadas regras. Por outra via, jogar é contar com uma espécie de “manha”, astúcia, é “troçar”. Obviamente, a observação nos conduz a pensar os conflitos psíquicos de Adriane e sua relação com a transferência. O jogo desejante de estar onde quer que o outro desconfia que estará ou ainda, de mostrar um pouquinho suas intenções “malvadas” para consigo mesma. Desejar, nessa contra-cena transferencial, é querer o que não se tem para aquele que não pode querer ou dar.

Os investimentos relacionados ao luto do ex-namorado entravam em barganhas imagéticas: morrer para lhe acompanhar, ir até a casa de seus pais para lhe agradar, não se relacionar ou pensar em se relacionar para não o desagradar. As marcas das imagens do último adeus também voltavam nas sessões, sua avó se fazia presente, como a pentearam, com qual tipo de vestido estava quando foi enterrada. A percepção da morte ou de como os corpos estavam no caixão demarcavam as impossibilidades do morto quanto à assunção de seus desejos. Depois de morto não dá para escolher, não dá para tirar a roupa que não gosta ou interferir em quem vai ou quem não vai ao enterro. O morto está completamente entregue àqueles que ficam, tanto às suas

memórias e narrativas, quanto ao modo como será preparado para o velório. Ao morto<sup>31</sup> nada mais resta, a ele está reservado a preparação para e pelos vivos, ao morto a morte e somente.

Em um determinado momento ela vai até a casa dos pais do ‘namorado morto’. Chego a perguntar se esse ‘investimento’ não lhe é uma maneira de tentar enfrentar o que já não existe mais, perceber que o mundo continua. Ir até o lugar onde ‘o morto’ vivia era uma maneira de se aproximar da perda, a isso chamava de estar ‘tudo muito estranho’. Foi estranho passar na porta da casa dele; foi estranho ver o lugar que tinham costume de conversar; foi estranho olhar para pessoas tão parecidas com ele... pai, mãe e irmãos. Como era estranho para Adriane entrar em contato com a dor daqueles que perderam um membro da família por uma fatalidade absurda... Mais estranho ainda era perceber que o mundo continuava, tanto para a família, quanto para ela. Além disso a vida parecia começar a lhe dizer que ela continuará com a principal condição de existir naquilo que resta, naquilo que sempre restará ao vivo.

Essa é fria condição do real, sua crueldade, como diria Clément Rosset (1989). Ao homem a capacidade de saber o que, “por outro lado, é incapaz de saber, de poder em princípio o que é incapaz de poder em realidade, de encontrar-se confrontado ao que é justamente incapaz de afrontar” (Rosset, 1989, p. 22). Não somente, ao homem a capacidade de saber e ser possível ignorar a verdade. Rosset (1989, p. 24) é categórico quando diz que o maior objetivo não é revelar a verdade ao homem, mas fazê-la “passar” em sua crueldade, assim como um medicamento faz provisoriamente cessar uma dor, atenuar a prova da realidade por uma infinita variedade de remédios [...]”. A sobreposição da verdade da morte e seu princípio ‘real’, como foi dito por Rosset (1989), cruel, volta sobre o vivente na figura da repetição traumática, segundo a

---

<sup>31</sup> Ao morto cabe apenas o signo que está posto na lápide, não sobra muita coisa. Ele não opina muita coisa, principalmente nas atuais condições em que vivemos sob a política de morte no Estado brasileiro. Já pelo olhar do sobrevivente, pouca coisa pelo morto em si. Adriane esperava muita coisa da morte.

qual o objeto insiste em dizer não, insiste em se colar ao eu e a permiti-lo somente sucumbir. Embora, Adriane, ao longo do caminhar dos atendimentos, mostrasse-me que havia condições de se retirar, retirar-se inclusive por meio da repetição transferencial. A isso refiro-me: você não me controla, ninguém me salva.

Após algum tempo de atendimento, Adriane manda uma mensagem dizendo que havia tomado toda sua medicação, disse que havia desistido da vida. Nesse momento, tento entrar em contato com sua mãe e me coloco à disposição de ir até a casa de Adriane. Entro em desespero junto à cena de desistência da vida e de despedida. Foi um adeus que jogava com suas exigências junto à mãe e o namorado. Nessa época eram frequentes as queixas sobre ninguém em sua casa levar a sério sua doença. A mensagem tomou seu rumo e me conduziu ao meu medo de perder a paciente. Essa foi a sessão mais emblemática em termos transferenciais por dois motivos: meu desespero e a contra-reação agressiva de Adriane. O que me conduziu a ir até lá? Não sei bem... Entre meu ato e a formulação do ato a dois, um “show de angústia”. Fui, não sabia muito bem o que poderia fazer lá, mas era mais uma condição de estar junto, de estar perto, encaminhei-me na dança transferencial e acreditei na demanda. Demanda essa que já havia sido posta dentro da sessão, uma espécie de brincadeira cênica, olhava para o ventilador e me perguntava se aguentava seu peso em uma corda. Essa tensão marcante entre jogar com a vida junto suas relações em uma corrida consigo mesma para ver quem “paga para ver”.

Os limites, mais uma vez, mal estabelecidos, bordejavam minha condição de analista: o ato, posto ser ato, transpassou a mensagem e se personificou na cena. Ao chegar em seu condomínio não me permitiram entrar. Fiquei esperando por volta de 30 minutos, até que sua mãe e seu namorado chegam. Nesse meio tempo também ligamos para o SAMU que só chegou no local depois de duas horas. O que haveria de acontecer se Adriane houvesse mesmo tomado

toda a medicação? Todos estariam ali, todos correriam para vê-la (morta?). A cena, o desespero da mãe, a falta de paciência e a tensão entre saber se havia ou não tomado toda a medicação. A respiração ofegante da mãe e seus dizeres “essa menina vai me matar”, as palavras do namorado referindo aos atos da namorada como “para chamar atenção”. Eu, analista, no meio disso dizendo, em outras palavras, que o caminho da cura pode ser a doença, mesmo se fosse para chamar atenção, há que se pensar que haveria ali, no comportamento de Adriane, um tipo de sofrimento difícil de atravessar.

O namorado arromba a porta com um chute e encontra Adriane medicada no chão. Passado algum tempo conseguem acordá-la. Assim que acorda presencio uma avalanche de comentários e perguntas relacionadas ao porquê de ter tentado fazer o que fez. Quando acorda diz ter tomado somente a dosagem que a médica havia receitado, entretanto, como a medicação é forte, não escutou as chamadas de telefone, interfone ou as batidas na porta de seu apartamento. Antes desse episódio, Adriane, com certa frequência, atacava-me durante as sessões. Dizia que eu era pouco empático, colocava-me como alguém que era extremamente irônico. Foram tantas as movimentações agressivas que, em determinadas sessões brincava que iria vestir as luvas de boxe para começarmos sua sessão. Após essa mensagem, esse ato irruptivo de minha parte, ela retorna menos agressiva. Embora durante minha ida à sua casa, o arrombamento da porta, tenha sido sentido como uma invasão e, depois de acordada, recebe-nos aos gritos dizendo que não havia pedido ninguém para estar ali.

Essa passagem foi significativa, uma vez que marca atos dissonantes, capengas em relação à direção do tratamento de Adriane. Embora tenha sido um show de angústia, fundamentou em mim uma nova posição diante do caso. Após sair da invasão, da intervenção, ou melhor, do ato do analista, sentia-me cair, precipitar-me em um abismo desconhecido. Tive que

me valer de alguma ajuda para conseguir sustentar minha condição psíquica após essa ida, liguei para meu orientador e minha analista. Tive que contar com a fala, com a escrita, com algum fator mínimo que me coloca-se em outra órbita. Definitivamente a relação entre o sujeito e seu maldito desejo nos coloca em apuros. A escolha desejante, a minha como analista, a escolha de Adriane e sua via sintomática de ‘pagar para ver acontecer’, chocou com a minha capacidade de presentificar a vida com o que nos escapa. Posição essa que incluiu a possibilidade de Adriane sucumbir, a responsabilidade intransferível da própria paciente ante suas palavras que ora querem mostrar sua dimensão material, densa de significantes, ora, sem relevância alguma.

Vorcaro (2010) muito bem disse que o caso é testemunha do ato, é o analista quem o franqueia como condição de ser analista. É justamente o impossível de ser analista que pude testemunhar. A invasão de uma parte significativa do meu desejo de fazer viver, condição própria da máquina do desejo: desejar é desejar o desejo do outro. Nos implicarmos quase sempre com aquilo que nos fomenta, parece-nos menos perturbador, mas qual é o rumo que o desejo sempre toma? Ora, definitivamente, é o rumo que franqueia o desconhecido. Meu ato de arrombamento, posição intransferível depois de tê-lo feito, cravou o desejo em vertigem, entretanto, de que modo?

## **6 O DESEJO EM VERTIGEM E SUA FUNÇÃO CLÍNICA: PROBLEMATIZAÇÕES E POSSÍVEIS INCURSÕES SOBRE A CLÍNICA, O SOCIAL E A METAPSICOLOGIA PSICANALÍTICA**

Nessa condução transferencial da clínica relacionada ao desejo em vertigem, fico me perguntando se não nos tornamos objetos para permitir a entrada do sujeito desejante. Considero que as cenas dos dois casos me conduziram a ocupar um lugar de objeto. Assim, a cena foi posta: objetos que respondem à demanda, porém, objetos que, ao responderem, caem. Essa hipótese clínica, pautada no desejo em vertigem, começou a fazer parte do meu escopo analítico.

Quando Adriane falava, não havia consistência em sua fala. Esse efeito de queda, seguido de uma mensagem que me capturou, produziu o tonteamento, o efeito da vertigem, a perda do lugar. A sensação foi concebida *a posteriori* e não posso negar que continua ressoando enquanto escrevo. Diria mais, valer-me dos dois casos, centrais para esse trabalho, teve uma dificuldade especial. Primeiro, a de não me deixar cair na racionalização em termos diagnósticos, isto é, conduzir o raciocínio clínico a partir de uma estrutura para Adriane ou Paulo. Segundo, a de não me deixar cair em uma posição vexatória, como se a forma como atuei devesse ser vista como um grande erro, portanto, execrável. E, terceiro, como foi posto no final do capítulo anterior, ao fazer referência à Vorcaro (2010, p. 21), por “fazer emergir o que foi insustentável do caso e construir um método próprio de inscrição do sujeito no laço social”.

De outro modo, se não tivesse me ocupado da demanda naquele momento do atendimento de Adriane, talvez não teria percebido a queda do objeto. E o objeto caiu na e pela transferência. Essa é a marca da errância em psicanálise, é o vacilo e a angústia que nos coloca sobre o escrutínio do inconsciente. Ao que me parece, ser mobilizado pelo “pagar para ver” e responder por isso foi também um movimento ético e estético. Ético, porque vincula o desejo do

analista à cena do desejo da analisanda, a dimensão relacionada ao não ceder ao próprio desejo, de uma só vez, transportou analista e analisando àquilo que é próprio do desejo. Estético, porque a própria cena conduz à posição de resto do efeito da demanda, ou melhor, ao cair a demanda, advém-se outra coisa.

Essa outra coisa, no seminário 10, Lacan (2005) nomeia como objeto *a*, esse que mobiliza a angústia e, a um só tempo, faz advir, com o arrefecimento desta, o desejo. Essa cena não deixa de fazer merecer a estratégia utilizada no xadrez e lembrada pela série “O gambito da rainha”. A grande ‘investida’ desse movimento é que para poder ganhar é preciso perder. Traduz-se dessa série que o grande movimento para a vitória é um movimento de perda, é o contato e o contar com o risco da perda e isso, necessariamente, envolve um tipo de laço com os movimentos do outro.

A condição de desejo em vertigem, precisamente, emergiu da cena de socorro ou de prenúncio do abandono da vida. Em uma das sessões, Adriane denuncia que as palavras tem materialidade<sup>32</sup>, não somente, as escolhas versam sobre algum tipo de materialidade. Sua posição ante ao uso dos medicamentos, a procura pelo diagnóstico e a incapacidade destes de fazê-la superar a morte do ex-namorado ou criar algum sentido em suas atividades diárias também são pequenas demarcações dos objetos pelos quais circulam seu desejo. A angústia, marcada pela incerteza permanente, era objetada pela porta de entrada do suicídio e da morte. Ambos os significantes vinham para denunciar que era preciso fazer alguma coisa com os recobrimentos que não se estava a fim de encarar. Fora as vontades de morte, a morte do ex-namorado, a raiva

---

<sup>32</sup> Posição essa que incluiu a possibilidade de Adriane sucumbir, a responsabilidade intransferível da própria paciente ante suas palavras que ora querem mostrar sua dimensão material, densa de significantes, ora sem relevância alguma. Precisamente, Adriane em uma das sessões denuncia que as palavras tem materialidade, não somente, as escolhas versam sobre algum tipo de materialidade.

do pai e os conflitos incessantes com a mãe, fora desses recobrimentos, o que havia? Havia a demanda exigente, uma implicação denegatória em que exigência, demanda e desejo se justapõem como se entre eles não houvesse contradições.

O ato analítico denunciou a ausência de recobrimentos e me parece ter separado essa implicação denegatória transferencial em ambos os casos. O pedido de socorro e a demanda de Paulo foram levados à sério na sua imprescindibilidade de ter que lidar com suas escolhas, a demanda foi escutada. O desejo de Adriane, a escapatória de não ser completamente “material”, radicalizou sua posição após sua última “tentativa” e produziu algum reconhecimento naquilo que Adriane falava sobre si mesma. Palavras que denotam materialidade, mas que, quando encaradas como materiais, deslocam-se para uma posição peremptória, degradavam-se. De um lado, Paulo era marcado com palavras rijas, o suor em sua testa, após sair do hospital psiquiátrico, expressava o peso de ter que dizer sobre algo quando não há mais demanda de salvação. De outro, Adriane se escorava nas exigências segundo as quais encontraram outra via de acesso frente a angústia: o que resta da fração entre sujeito e o Outro. Quanto ao último quesito, a angústia pela qual fui submetido depois de ter ido à casa de Adriane, e isso também ficou marcado nos atendimentos de Paulo no hospital, estabeleceu um limite transferencial imprescindível: ao analista não cabe a função de salvação.

Dessa imprescindibilidade na transferência, o “cair” junto de Adriane e Paulo, bem como o recuo produzido pela orientação e análise, entremostrou o resto hipotético que tentei enunciar até o momento. A angústia pela qual fui acometido, a ponto de ter que me valer dos “meus” (orientador, analista e companheira), foi um afeto que possibilitou dar um pouco mais de direção às estruturas desta pesquisa. É na vivência da angústia que experimentamos os caminhos do desejo. Nesse sentido, o desejo em vertigem foi justamente a contrapartida que pude perceber na

condução desses casos clínicos. Há que se perceber que existe desejo, que existe um enodamento desejanste, porém, ele se mantém a duras custas sob a solicitação imperativa de nada poder perder. O corte com a possibilidade da perda, seja ela qual for, produziu um efeito de queda, sinalizada pela angústia de morte ou pela saída mortífera. O desejo em vertigem é esse sinalizar do objeto que, ante à escuridão, parece apagar e acender. Quando apaga, a angústia mortífera, quando acende, um pouco mais de *meta e hodos*, ou melhor, de meio, caminho, via, estrada e atravessamento em função de algo. Aqui, a função de um sinalizador de vida desejanste.

Cabe considerar que, após o ato, Adriane dirige um pouco menos de agressividade a mim, procura por conta própria internar-se no hospital psiquiátrico. Decidira que seria melhor que se internasse, acreditava que precisava desse tempo na instituição. Até então outros fenômenos circundavam sua vida. O namorado que começou a ser enfático quanto a ela não ter problemas psicológicos, no máximo fingimento ou falta de força de vontade para sair do estado em que se encontrava. Não somente, Adriane começou a tecer algumas considerações sobre fazer pequenos furtos junto à mãe em supermercados da cidade. Depois, após uma tentativa de violência do namorado contra a mãe, faz um boletim de ocorrência e sustenta uma denúncia contra ele.

Enfim, sustentar o desejo de percorrer toda essa trajetória do sujeito na clínica que conduziu essa pesquisa possibilitou novas incursões de trabalho. As tergiversações que conduzem o caminhar metodológico em psicanálise e o esforço corrente para alcançar as trações, as marcas do desejo ao longo desse processo no jogo de aparição e apagamento, ou de perder para ganhar, como foi posto no caso de Adriane e Paulo, retomam uma quantidade de repetições e ineditismos. A repetição de cair na mesma cena transferencial, por exemplo, a de querer construir imaginariamente o que foi ou o que pode ter sido feito com esses pacientes também me

parecem marcar o caráter vertiginoso desse trabalho. A olhar por essa perspectiva: e se nada tiver sido feito, tudo que foi feito não teve valor? Seria mais uma resposta sintomática à demanda de “tudo dever ser feito” em oposição à possibilidade real da perda.

No momento em que me coloquei a escrever essa conclusão, deparei-me com o noticiário dos meios de comunicação pelos quais costumo navegar: “trumpistas invadem o congresso americano”. O presidente dos Estados Unidos da América não aceitou perder as eleições e incitou seus apoiadores a entrarem no congresso americano. A impossibilidade da perda coloca a democracia burguesa americana sob o risco do golpe. No Brasil, passadas algumas horas, o presidente diz que se os votos não forem passados para o papel a coisa nesse país será pior em 2022<sup>33</sup>. Mais uma vez a vertigem, a derrocada do sujeito e a manobra do gozo do Outro a tornar os insubordináveis ao pai em meros objetos de gozo. Sob o risco da perda: ou se perde tudo ou não há como viver. Essa condição onde o que está afrente não aparece, onde diante do abismo é evocada a atração e a repulsa, a um só tempo.

A vertigem da democracia me parece também a vertigem do desejo e do inconsciente, uma vez que é a condição da pluralidade psíquica que conduz a permanência do laço social. Freud (2010) foi categórico quando escreve que a condição que assinala o mal-estar na civilização está relacionada com a renúncia da satisfação pulsional. É também da renúncia à satisfação pulsional que o desejo se presentifica. Quando o processamento do desejo do Outro é prejudicado e o que não cessa de se inscrever é a repetição do gozo próprio do Outro, resta a tirania intratável e a denegação da castração.

---

<sup>33</sup> [https://cbn.globoradio.globo.com/default.htm?url=%2Fmedia%2Faudio%2F328043%2Fbolsonaro-se-nao-tivermos-voto-impresso-em-2022-va.htm%3Ffbclid%3DIwAR0h7YObjBPwqm\\_PWE\\_aZtxpAMwVZ-VMumYaWjsn9pbIg9L7e2LXd597c6Q](https://cbn.globoradio.globo.com/default.htm?url=%2Fmedia%2Faudio%2F328043%2Fbolsonaro-se-nao-tivermos-voto-impresso-em-2022-va.htm%3Ffbclid%3DIwAR0h7YObjBPwqm_PWE_aZtxpAMwVZ-VMumYaWjsn9pbIg9L7e2LXd597c6Q)

Há que se pensar que esse mecanismo de defesa chamado denegação possui um fundo comum com a rejeição. A realidade dolorosa posta ao sujeito encontra como saída a recusa do saber. Ou melhor, a realidade dolorosa que inclui o impossível, excluído do discurso do capitalista, uma vez que a ideia central do discurso do capitalista seja a premissa “era impossível, ele foi lá e fez”, inclui a recusa do saber a radicalidade e a crueldade do real. Nesse sentido, cabe acentuar para outros trabalhos se o próprio processo de denegação não é condizente com as características do desejo em vertigem. Se, de um lado, no recalque o sujeito inicialmente não quer saber da diferença sexual, mas com o tempo se dispõe a querer saber; na denegação, o sujeito fica entre os dois polos referente a saber e não querer saber (Schlachter e Beividas, 2010). Recusa o saber e estabelece como verdade o querer que seja. Uma vez que o prazer está na fantasia daquilo que se quer que seja.

A contração entre o conceito de denegação e a hipótese de desejo em vertigem parecem encontrar o fundo comum da não assunção do impossível. Nas imediações do desejo em vertigem, há que se pensar que existe a recusa da perda, a diferença marcante entre ser e crer e crer e não ser. Isso se associa ao que Schlachter e Beividas (2010, p. 220-221) assinaram em seus estudos sobre os conceitos *Verdrängung* (recalque), *Verwerfung* (rejeição) e *Verleugnung* (denegação): “[...] é como se na denegação o sujeito ficasse sempre nesta oscilação entre o /CRER - SER/ e o /CRER - NÃO-SER/, ou seja, entre a certeza da diferença anatômica e a improbidade desta". Nesse caso, o risco que se encontra a democracia, mesmo em um país com a história de 200 anos de um “sistema democrático”<sup>34</sup>, parece acentuar a crise da sustentação do desejo nas sociedades neoliberais. Não somente, seria interessante investigar de que forma os

---

<sup>34</sup> Cabe ressaltar que quando escrevo sobre o sistema democrático Estadunidense, escrevo a partir da perspectiva de que se trata de uma democracia burguesa, segundo a qual a alternância no poder só é permitida quando não fere aos interesses da classe burguesa (os detentores dos meios de produção).

grupos de extrema-direita parecem lidar com o desejo, ao que me parece apontar para a hipótese trabalhada até o momento.

Paul Virílio (1999) escreve que quando a existência do Estado se torna sinônimo de sobrevivência social, de ordem mínima para as condições do pacto social, quando o Estado não pode ou não quer oferecer assistência, torna-se premente a morte do cidadão. Isso remonta a condição analisada por Dardot e Laval (2016), retratada no segundo capítulo desse trabalho, sobre a relação do neoliberalismo com a existência do Estado, a saber, para justamente manter a sobrevivência dos cidadãos. De outro modo, quando ao Estado cabe o papel da multiplicação exponencial do consumo e do atendimento subserviente ao mercado internacional, incluem a exaustão tanto dos recursos ambientais utilizados, quanto o esgotamento humano de suas capacidades criativas ante à existência. O Estado passa a caminhar a passos largos para o que Virílio (1999) chama de Estado Suicida.

A alusão ao Estado Suicida é muito próxima daquilo que tem se percebido quanto ao Governo Norte-americano e a não aceitação da derrota pela via democrática. Trump e o trumpismo se assemelham ao que constatou Goebbels sobre o regime Hitlerista:

*El mundo en que se mueve Hitler es un mundo de fatalidad absoluta, un mundo donde hasta el éxito carece de sentido". O, mejor dicho, el éxito tiene el mismo sentido que el fracaso en un medio para el desarrollo de la vida donde todos los actos, todas las iniciativas, se han vuelto una derivación hacia lo peor. (Virilio, 1999, p.31)*

Já a clínica do desejo em vertigem toca outras possíveis meditações, escritas, trabalhos. De outro modo, como nos atentarmos para os fragmentos de repetição nesses casos em que querer assumir o desejo envolve não querer assumir algum tipo de perda? Parece-me certo, até o momento, o quão emblemático é pensar o desejo em vertigem junto à possibilidade de triscar na

falha e se desmontar em angústia. Se há algo que produz vertigem, é a própria condição da predição pela impossibilidade da perda, pela caracterização de sujeitos que não conseguem ganhar, pois, parecem que se afundam apenas na ideia da possibilidade da perda. Mais uma vez: ganha-se tudo ou perde-se tudo.

Outro ponto que me parece interessante anunciar é se não se trata da assunção do desejo, em sua configuração íntima e transitória ante aos objetos, algo necessariamente vertiginoso. Não seria colocar o desejo em cena, isso que parte da ética da psicanálise relacionado a não ceder ao desejo, algo iminentemente vertiginoso? Ou melhor, em que medida a relação do sujeito com seu desejo pode se apresentar como sempre vertiginosa? Se respondermos que há sempre uma relação de vertigem do sujeito ante ao “não ceder ao desejo”, parece que encontramos uma direção tortuosa e pouco clara quando tentamos relacionar a assunção desejante a partir de uma lógica que testa com a morte e com os riscos físicos para se afirmar o desejo.

Para tentar uma aproximação explicativa, penso que, se outrora, encontrar com o afeto da angústia era tentar traduzi-lo de algum modo ou procurar por saídas outras através da linguagem; na atualidade, esse afeto e seu correspondente relacional é tomado como um “decaimento existencial”, ou melhor, angustiar-se passa a ser padecer em um jogo de quase-morte. Desejar seria, na atualidade, encontrar contornos próprios do gozo do corpo de maneira a testá-lo em seu limite com a própria existência. Isso se apresenta no desejo de se fazer transcender à própria morte, ir além da própria morte o tempo todo e, o mais importante, quais imagens vão se formar no pós-morte. Nesse sentido, funções psíquicas, como a angústia-sinal traduzida por Freud e outros mecanismos que se intentam em “proteger” o sujeito, não parecem produzir a diferença própria que coloca o sujeito no laço social. Estaríamos propondo, necessariamente, uma outra categoria de desejo que não envolveria o trabalho metonímico do significante. Portanto, o desejo

em vertigem não é uma qualificação do desejo. Ou melhor, o desejo em vertigem é um operador conceitual que tem uma função clínica importante, uma vez que aponta para algumas modalidades de movimentação do sujeito ante aos objetos que lhe causam, a saber: a antecipação do objeto, a angústia, a demanda de ser salvo, ao mesmo tempo em que se é tentado pela transcendência da própria morte. Realizar o desejo de se fazer transcender à própria morte, ir além da própria morte o tempo todo e, o mais importante, a confecção de inúmeras imagens vão se formar no pós-morte, tal como no caso de Adriane.

Não somente, há que se pensar no papel que a angústia desempenha na constituição do desejo neurótico, principalmente, em como a angústia protagoniza a estruturação que antecede a constituição do desejo. Partindo dessa premissa, parece ficar evidente a dificuldade em localizar o desejo quando a estruturação psíquica está para a recusa da castração e, correlatamente, da angústia. Uma vez que a angústia foi colocada por Lacan (2005) no lugar entre o gozo e o desejo, “de onde brota o *objeto a* como representante do sujeito” (Vasconcelos e Pena, 2019, p. 31), recusar a angústia estaria nas imediações de recusar a divisão subjetiva. Essa, como foi visto no capítulo 2 e 3, é uma das condições próprias do momento em que vivemos, segundo o qual o sujeito é submetido à força tantalizante do supereu. Para dar conta do contra-investimento do gozo do Outro, não só o põe a prova, como pretende alcançar o que ele promete: a satisfação absoluta.

Uma vez que o desejo é o trabalho metonímico do significante, há que se contar com o trabalho da repetição, da reinstituição, da reformulação e da realização de um determinado conjunto de traços mnêmicos, como pode ser visto em Freud (2001). Não se sabe o que se está pedindo naquilo que se pede, é justamente esse a mais ou esse a menos do pedido que se define o desejo. Já em Lacan (2015), o desejo é a realização do encontro com o objeto, mas está para o

trabalho de apossamento, de objetificação e de processamento do desejo do Outro. É junto ao processamento do desejo do Outro, porém na condição do Outro furado, que os movimentos do desejo são possíveis. Necessariamente o sujeito depara-se com o fato de que os objetos não determinam terminalmente o que se quer, ou melhor, o objeto que causa o desejo é vazio.

Esse é o grande contraponto da psicanálise, talvez sua capacidade de resistência, de fazer resistência aos movimentos tantalizantes do capital e das modalidades de gozo presentes no contemporâneo. Como foi posto no capítulo 3 e demonstrado a condição negativa do desejo em psicanálise. Desse modo, encontrar saídas na própria condição desejante é um dos meios possíveis para a lida com o desejo em vertigem, assumir o desejo e sua condição fundamental de falta. É certo que a análise nos mostra, como bem disse Lacan (2015), que o desejo de viver somente se põe em jogo subjetivamente na vivência do sujeito. Além disso, para toda valorização do objeto, e nas entranhas do próprio objeto, há que se pensar que subsiste sua própria desvalorização, sua extração do campo da necessidade pura e simples (Lacan, 2015).

No desejo em vertigem, posto nos casos relatados no capítulo 4, a condição da desvalorização intrínseca ao objeto, como foi formulado por Lacan (2015) no seminário 6, inclui outra posição. Embora o objeto se apresente na sua condição íntima de ter e não ter seu grande valor; no desejo em vertigem, essa condição é pouco clara, uma vez que o sujeito é acometido pela identificação, ou pelo ideal de um objeto que responda por sua condição desejante. Ancorado sob as correntes frágeis de sua formulação fantasiosa<sup>35</sup>, ao mesmo tempo em que sobreleva o objeto único, o sujeito embalado pelo desejo em vertigem se angustia pela própria formação de um ideal de objeto tantalizante. Se de um lado há o objeto imaginário que corresponde ao gozo último do ser, e isso provoca uma angústia mortífera, de outro, a própria

---

<sup>35</sup> Diz-se da natureza do fantasma que consiste em transferir o objeto a outro objeto.

condição de invalidez do objeto, quando imaginariamente atingido, convoca o mesmo afeto. O mesmo afeto porque a angústia aponta para o impossível da satisfação do desejo.

Pergunto-me se esse titubeio que enoda a um só tempo demanda, angústia, desejo e objeto não encontra outros afetos para explicar o operador clínico presente nesse trabalho. Não seriam os afetos de ódio, ressentimento e vergonha afetos mobilizados também por um modo de desejar que se encontra em vertigem? Talvez essa pergunta encontre em outros trabalhos alguma resposta válida para compreendermos a ascensão ofensiva de vertentes políticas que vociferam estupidez e ignorância. Nesse contraponto existe um objeto que oblitera sobre a massa dos 31%<sup>36</sup>, embora, essa mesma massa sinta as pressões da incompetência, a necessidade de quebrar a transparência imaginária, não larga o osso e vocifera a favor de práticas políticas que colocam a si próprios em risco em tempos de pandemia, tais como: não utilizar máscaras, não apoiar o distanciamento e o lockdown.

As implicações da angústia na transferência, tanto do analista, quanto do analisando, também são fatores a serem tomados com cuidado na compreensão desses fenômenos clínicos. A relação do desejo em vertigem com a angústia e o “agir” marcou esse trabalho de forma indelével. Foi a partir da hipótese do desejo em vertigem que o agir pode se vincular à demanda. Lacan (2005, p.88), no seminário 10, é categórico ao dizer que: “agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia”. Nesse sentido, agir em direção ao Outro implicou uma correspondência entre a angústia da possibilidade da morte, ainda que possa

---

<sup>36</sup> “Já quem acha o presidente ótimo ou bom passou de 37% para 31% no novo levantamento”. Fonte: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/jair-bolsonaro-ve-pessao-subir-e-queda-de-apoio-popular/22823/>

se tratar de uma bagatela da demanda<sup>37</sup>, ao mesmo tempo, mortífera. Ao efetuar as transferências de angústia sob a contingência do agir foi possível observar a queda. É nesse pêndulo entre continuidade e descontinuidade no qual o conceito desejo em vertigem se aloca, quando o agir vincula a angústia como última jogada de investimento vital.

Há que se pensar que para todo fim, ainda que para um novo começo, o objeto precisa cair. Eis que deixo meu objeto cair para, em tempos de sobrevivência ao pior, possam ser recuperadas restolhos nunca antes vistos como recicláveis. Em tempos de desejo em vertigem, há que se apostar na queda seguindo a rima: “até no lixão nasce flor”<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Ainda que não existisse a possibilidade real do suicídio, agir em direção à demanda interessou pela implicação vertiginosas dos casos, onde tanto os discursos, quanto a posição do sujeito flertava com a ideia de ir além da própria morte.

<sup>38</sup> Parte da rima do rapper Mano Brown em Vida Loka: “Tenha fé, porque até no lixão nasce flor”.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A que esse trabalho veio afinal? Não posso deixar de concluir essa imersão na hipótese clínica do desejo em vertigem que também se mostrou enquanto um operador conceitual para fazer valer o trabalho clínico em psicanálise. Até o momento é certo que a condução dessa dissertação foi, indubitavelmente, uma condução transferencial. Nas supervisões, em especial nas últimas supervisões, um dos colegas pergunta se o desejo em vertigem é um conceito amparado por algum teórico pregresso. Teria falado Lacan sobre a condição vertiginosa do desejo dos sujeitos transpassados pelo discurso do capitalista? Existe algum respaldo na literatura pregressa sobre o termo cunhado nesse trabalho? Creio que não porque a condução dos casos clínicos e da própria pesquisa foi amparada pelo método psicanalítico de investigação e se nutriu dos recursos teóricos possíveis, durante o tempo de permanência no mestrado, para pensar os desdobramentos dos atendimentos.

A começar pelo vago objeto de pesquisa referente a temática suicídio. Dentre as perguntas do início do processo de escrita, algumas eram mais presentes, a contar pela questão de pensar se as novas formas de subjetivação neoliberal não tinham como flerte o suicídio enquanto saída para o sofrimento. Não somente, a própria condição suicida não seria uma maneira de “emperrar” com o maquinário do capital. Nesse sentido, a tendência do jogo da morte de si era uma das questões preliminares. Como pode ser visto nos capítulos 2 e 3.

A literatura usada, portanto, nos primeiros capítulos, tenta dar conta da invasão dos modos de subjetivação do capitalismo. A isso, tentei dar conta das questões sobre o suicídio

olhando para alguns sociólogos que ajudaram a compreender o contemporâneo. Segui a discussão tentando entender como o capitalismo tem produzido uma nova subjetividade, bem como a maneira como o capital convoca globalmente a humanidade a produzir a si mesma e seus objetos em larga escala, sobre a compleição do menor tempo, da maior eficiência e qualidade. A marca dos modos de socialização no contemporâneo, como são mobilizados pelas características mencionadas, convoca o indivíduo a se colocar como um competidor sem demarcações para uma situação final de conquista. Nesse solavanco sistêmico a competição e os modos de se preparar para a competição são duas marcas que inferem na configuração de um Outro que mudou nos últimos anos. Esse Outro é o Outro que esconde a falha e exige do sujeito a maximização de suas qualidades produtivas e a minimização de seus entraves, sejam eles quais forem.

Nesse ponto, pelos altos índices de suicídio nos últimos anos, o ensaio de David Le Breton (2017), sobre o desaparecimento ser uma tentação do contemporâneo e a ideia corrente de Achille Mbembe (2018), na sua lógica de perceber o que o neoliberalismo não quer mostrar, induziu-me a pensar que o destino dado àqueles que não são competidores é a morte ou o desaparecimento. Além disso, os próprios processos de desistência também demarcam sintomatologias específicas do nosso tempo, dentre eles, as inúmeras discussões sobre os transtornos de humor, a depressão, as síndromes de Burnout e de pânico. Aproximei-me, portanto, da forma como o depressivo se demite de seu próprio desejo para caminhar com minha hipótese clínica, um sintoma que se desloca no subterrâneo das exigências e coloca de joelhos os discursos que obrigam o sujeito a desejar-desejar.

De outro modo, acanhado com a clínica e as situações que demarcaram situações da ordem do impossível, a transferência com os casos clínicos mostraram a obrigação superegóica transvestida de ter como dever “salvar meus pacientes” que viviam em situações paradoxais. Isto

é, da maneira como o desejo tenta contornar o incontornável e o sujeito da pesquisa interrompe com seu medo e, ao mesmo tempo, atração por sair da vida. Foi nessa lida com o insuportável da clínica que consegui demonstrar meu fracasso, mas um tipo de fracasso constitutivo da própria clínica psicanalítica, um tipo de fracasso que faz fracassar a rigidez de toda e qualquer resposta que flerte com a salvação milagrosa.

É justamente esse fracasso que anunciou a condição do desejo em vertigem, uma vez que é próprio da verdade psicanalítica a procura pela verdade do desejo e sua admoestação aos imperativos do supereu. Com sua propriedade negativa, o desejo faz retornar os impasses da existência e dos efeitos que causam o sujeito. Como bem disse Garcia-Roza (1990), a verdade fundamental é a verdade do desejo, e a verdade é em si mesma um enigma a ser decifrado, portanto, aquilo que confere a negativa.

Retomando, assim, o caráter vertiginoso do desejo, o de não se submeter aos objetos produzidos pelo neoliberalismo, mas ficar no entremeio de sucumbir às exigências do discurso do capitalista ou seguir outro caminho que não o da exigência. Desse modo, quando tomo o suicídio enquanto um tipo de ato, que em tese imporia uma separação ao Outro, o ato suicida em si não me ofereceria condições de nenhum tipo de pré-interpretação. Necessariamente, os atos somente nos direcionam à criação de uma possível narrativa no *a posteriori*. Portanto, há que se pensar, caso o ato se oriente seja pelo *acting out* ou pela passagem ao ato, que todo ato só se inscreve na sua relação com o Outro no seu efeito póstumo. Decidir se o ato é ou não é, faz ou não faz algum efeito no Outro, incorre-nos em outro trabalho. Porém, cabe-nos repensar a determinação do ato recorrente e a não inscrição do desejo como forma de dar novos passos, quiçá, passos de criação em direção ao Outro da atualidade.

Definitivamente o ato também pode ser incluído nas análises dos casos, entretanto, a ação e sua construção *a posteriori* foi quem conduziu essa narrativa. Ato e ação mobilizadores de angústia e do tracejar do desejo. Uma confluência manca e errante que incluiu o efeito de imersão no trabalho pelas vias do contato com riscos de sucumbir, entre eles o da inoperância da ideia de um ‘analista salvador’. Foram os casos clínicos, em especial o caso de Adriane, que mobilizaram pensar o desejo em vertigem, um desejo estruturado por sujeitos que estão às voltas de ceder ao Outro ao mesmo tempo que incluem vertiginosamente sua compleição desejante: ou ganhar ou perder, duas vias rígidas que incluem imaginariamente a morte.

## REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2015). *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- Alves, S. (2018). Estudantes da UFU lançam filme para discutir depressão e suicídio na universidade. Brasil de Fato – Uma visão popular do Brasil e do mundo. Acessado em 15 de fevereiro de 2019: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/10/estudantes-da-ufu-lancam-filme-para-discutir-depressao-e-suicidio-na-universidade/>
- Alves, K., Sanches, Danna, D. Anomia e declínio da autoridade paterna. In *Patologias do Social: Arqueologias do sofrimento psíquico* / Vladimir Safatle Nelson Silva Junior, Christian Dunker, organizadores. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018.
- Badin, R., Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. Trivium, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 140-154. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>.
- Bauman, Z., (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Batista, J. D. (2017). Consideraciones para un retorno al concepto de deseo en la clínica analítica de las psicosis. *Psicol. USP*, São Paulo , v. 28, n. 1, p. 125-134. Disponible en <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642017000100125&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100125&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 23 sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-656420150166>.
- Bauman, Z. (2001). Emancipação. In: Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. São Paulo: Jorge Zahar.

- Benhaim, M. (2004). A queixa materna. *Estilos clin.* 2004, vol.9, n.16, pp. 36-49.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v9i16p36-49>
- Bittencourt, R. N. (2010). A Estrutura Simbólica da Vida Líquida em Zygmunt Bauman. *Revista de Filosofia – Argumentos*, Ano 2, n. 4. Disponível em <  
[http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao\\_4/12.pdf](http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao_4/12.pdf)>. Acessado em 12/08/2019.
- Birman, J. (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2001). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*. Recuperado de  
<http://pepisc.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n20/v11n20a13.pdf>.
- Birman, J. (2005). O sujeito desejante na contemporaneidade. II Seminário de Estudos em Análise do Discurso no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Recuperado de  
<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/CONFERENCIA/JoelBirman.pdf>
- Botega, N. J. (2015.) *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed
- Bondia, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* n.19, pp.20-28. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Braunstein, N. A. (2010) O discurso capitalista: o quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?. *A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165.  
<https://doi.org/10.5546/peste.v2i1.12079>
- Brunhari, M. V. (2017). *Suicídio: um enigma para a psicanálise*. Curitiba: Juruá.
- Camus, A. (2014). *O mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo*. Best Bolso. Recuperado de  
<http://lelivros.bid/book/baixar-livro-o-mito-de-sisifo-albert-camus-em-pdf-epub-e-mobi/>
- Cervantes, M. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. Ilustrações de Gerhart Kraaz.

- Chauí, M. (1990) *Laços do desejo*. In: *O desejo*. / organizador Adauto Novaes. – São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Funarte.
- Christante, L. (2010) Com sem saída. In: *Saúde mental*, unespciência. Acesso em 16 de dez. 2018: <<https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>>
- Claumann, G. S. et al. (2018) Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, [s.l.], v. 67, n. 1, p.3-9. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000177>.
- Cordeiro, N. M. L.; Bastos, A. O supereu: imperativo de gozo e voz. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 439-457, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382011000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 maio 2021.
- Damasceno, V. Casos de suicídio e depressão deixam universidades em alerta. *Cartacapital*. 23 set. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/casos-de-suicidio-e-depressao-deixam-universidades-em-alerta>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- Dardot, P.; Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Debord, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. Editoração, Tradução do Prefácio e Versão Para Ebook: Ebookbrasil.com. Tradução em português: [www.terravista.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1540). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- Deleuze, G. (1994). *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70.
- Dias, M. M. (2005). *Por causa do pior*. Dominique Fingermann e Mauro Mendes Dias. São Paulo: Iluminuras.
- Diniz, M. (2011). O método clínico e sua utilização na pesquisa. *Revista Espaço Acadêmico*. N. 120. file:///D:/Usuario/Downloads/13029-51262-1-PB.pdf

- Durkheim, É. (2014). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Edipro.
- Dufour, D-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Elia, L (2000). *Psicanálise: clínica & pesquisa*. In: ALBERTI, Sônia; ELIA, Luciano (Org.). *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Marca D'Água Livraria e Editora Ltda.
- Fagundes, J. O. (2004). *A psicanálise diante da violência*. In *Leituras psicanalíticas da violência*. Paulo Cesar Sandler (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Figueiredo, A. C. (2004). *A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental*. *Revista Latinoam. Psicopat. Fund.* 7(1): 75-86.  
<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n1/1415-4714-rlpf-7-1-0075.pdf>  
<https://doi.org/10.1590/1415-47142004001006>
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1856-1939). *Mal-estar na civilização*. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-122). Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1856-1939). *Psicologia das massas e análise do eu*. In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (pp. 13-113). Trad. Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. 2ª ed. São Paul: Companhia das Letras.
- Han, B.-C. (2017). *Topologia da violência*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- \_\_\_\_\_. (2017). *Sociedade da Transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Harvey, D. (2003). A compressão tempo-espço e a condição pós-moderna. In: *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. ed. São Paulo: Loyola.
- Jaen-Varas, D. et al. (2019). The association between adolescent suicide rates and socioeconomic indicators in Brazil: a 10-year retrospective ecological study. *Brazilian Journal Of Psychiatry*, [s.l.], v. 41, n. 5, p.389-395. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2018-0223>.
- Jameson, F. (2006). *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kehl, M. R. (1990). O desejo da realidade. In: *O desejo*. Organ. Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Funarte.
- Kehl, Maria Rita. (2015) *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2 ed. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J., (1901-1981). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Lacan, J. (1901-1981). Do sujeito enfim em questão. In: *J. Lacan, Escritos* (pp. 229-237). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Lacan, J. (2015). *Seminário 6: el deseo y su interpretación* -1ª ed. 2ª reimp. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1901-1981). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *J. Lacan, Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maurano, D. (2010). *Para que serve a psicanálise?* 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Melman, C., (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Mezan, R. (1990). O estranho caso de José Matias. In: *O desejo*. Org. Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Funarte.
- Mbembe, A (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições.
- Moreira, L. S (2018). Por que ainda a melancolia? *Miscelânea*, Assis, v. 23, p. 311-333. doi: 10.5016/msc.v23i0.1172
- Naffah, N. A. (2006). A Pesquisa Psicanalítica. *Revista Jornal de Psicanálise*. 39(70): 279-288. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a18.pdf>
- Neto, F. K. (2014). O conflito entre psicanalistas e sua ocasional falência da queda fálica. *Tempo psicanal*. [online]. vol.46, n.1 [citado 2019-07-23], pp. 64-80 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382014000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000100006&lng=pt&nrm=iso)>.
- Nunes, T. R. (2015). Lacan e a negatividade do desejo. *Psicol. USP* [online]. vol.26, n.3, pp.423-429. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140031>.
- Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2000). *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Antonio Quinet [org.] [Bacamarte n.º. 1] - 2ª ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. 320p. ISBN: 85-87184-26-1
- Quinet, A. (2012). *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851275/mod\\_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851275/mod_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf). Acesso em: 24 abr. 2020.
- Quintella, R. (2016). O desmentido da privação na atualidade. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115-130. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100008>.

- Rocha, T. H. R. (2017). *A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise*. São Paulo.
- Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 180-188. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>  
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- Rosset, C. (1989). *Princípio de Crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Schlachter, L. Beividas, W. (2010). Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 207-227. Recuperado em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982010000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000200005&lng=en&nrm=iso). Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000200005>.
- Simões, R. B. F. (2007). A recusa histórica à satisfação do desejo. *Psicol. Am. Lat., México*, n.11. Recuperado em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2007000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2007000300010&lng=pt&nrm=iso). acessos em 13 out. 2020.
- Soueix, A. (1997). O discurso do capitalista. In: *Goza!: capitalismo, globalização e psicanálise*. Ricardo Goldenberg (org.), André Soueix e et. al. Trad. Telma Corrêa Nobrega Queiroz, Ricardo-Goldenberg e Marcela Antelo. Salvador, BA: Ágalma.
- Vieira, B. (2018). *USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos: universidade implantará ferramenta unificada de assistência psicológica*. *Universidade implantará ferramenta unificada de assistência psicológica*. Recuperado em 09 mar. 2020, de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/usp-tem-4-suicidios-em-2-meses-e-cria-escritorio-de-saude-mental-para-alunos.shtml>.
- Virílio, P. (1999). *La inseguridad del territorio*. La marca, Buenos Aires.
- Vorcaro, A. (2010). Psicanálise e método científico: O lugar do caso clínico. In: *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade*. Org. Kyrillos Neto, F. e Moreira, J. Barbacena:

EdUEMG. Recuperado em 21 ago. 2020, de [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120420165701.pdf?PHPSESSID=d61940678ae9c4c46e3bc7a97e69a958](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120420165701.pdf?PHPSESSID=d61940678ae9c4c46e3bc7a97e69a958)